



**JUÍZO  
FINAL**



Organização:  
**EDILAINE CAGLIARI**

# JUÍZO FINAL

1ª edição



**CARTOLA**  
EDITORA

São Paulo  
2019

Copyright @ Cartola Editora

Ficha técnica:

C131]

Cagliari, Edilaine, 1976 -

Juízo Final / Edilaine Cagliari  
(organização) - São Paulo: Cartola Editora, 2019.

176p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-80275-28-1

1. Literatura brasileira - conto. I. Título.

CDD: B869.3  
CDU: 82-3(81)

Organização e revisão: Edilaine Cagliari

Diagramação e projeto gráfico: Rodrigo Barros

Capa: Rodrigo Barros

Autores:

Alec Silva, Alexandre Torres, Ana Plá, Angela Molognoni, Bruno Serra, Carlos Barth, Daia Schmidt, Diego Mendonça, Edilaine Cagliari, Evalderiany Honorata, Gabriela Vitalino, George Lucas Nogueira de Carvalho, Gilberto Garcia da Silva, Guilherme Chedid, J.W.S.C., Luciana Brune, Phillipe Silver, Luis Marcelo de Araujo Pedroso, M. Sardini, Marcelo Soares, May Margret, Nancy Scarlett, Natália Teixeira Medeiros, Paulo Matheus Ferrari, Priscila Moraes, Rodrigo Barros, Rodrigo Ortiz Vinholo, Tainá Aquino, Tiago Alves, e Wallacy Ryan.

Acesse nosso site para saber mais sobre os autores.

 [cartolaeditora.com.br](http://cartolaeditora.com.br)

 [/cartolaeditora](https://www.facebook.com/cartolaeditora)

 [/cartolaeditora](https://twitter.com/cartolaeditora)

 [/cartolaeditora](https://www.instagram.com/cartolaeditora)

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à Cartola Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização por escrito da editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# SUMÁRIO

07	Prefácio
09	A capela
15	A escolha do anjo
19	A pedra de Jacó e a batalha em Betel
23	A promessa entre anjo e demônio
27	A semente do fim
33	A troca
39	A última porta
45	A última tentação
51	As trombetas antes do fim
55	Céu carmesim
59	Desapego
65	Duelo mal planejado
69	Entre anjos e demônios
75	Fumaça
79	No boteco do Juízo Final
87	O apóstolo
93	O canto do pássaro
99	O chamado aos exércitos
105	O escolhido
109	O guardião do portal
117	O inferno pessoal de Marco Aurélio
121	O Juízo Final chegará após a novela das oito
125	O martelo
131	Salvação
135	Selena

	141	Somente observar
3:8	147	Tempo de amar e tempo de odiar — Eclesiastes
	153	Tépido
	157	Trapaça
	159	Velho acordo
	165	Vermelho
	171	Financiamento coletivo

## PREFÁCIO

**T**udo começou com um jogo de dominó, ao melhor estilo tarde de sol de aposentados, com todo mundo se divertindo. Aos poucos, ganhou ares de competição, foi para os dardos, depois para damas, em seguida pôquer e enfim o ápice:

— Você jamais vai me derrotar, Satanás! Sou o criador do Universo, de todos os Universos, das galáxias e estrelas! — A voz de Deus retumbou e uma onda elétrica correu pelas nuvens, nos quatro pontos cardeais da Terra, transformando-se em um furacão categoria quatro sobre a região norte da América.

— Pois você já é um derrotado, eu domino seus mundos e faço parte de todos eles, desde sua criação! Metade de sua fama, você deve somente a mim! O planeta Terra já é meu! — Satanás respondeu, sussurrando entre os dentes, por onde a saliva começava a se formar, indo para os cantos da boca e sendo soprada pelas palavras através do vento, arrepiando os pelos do atirador que agora atingia mais de vinte pessoas dentro de uma boate, no outro lado do planeta.

— É chegada a hora de nossa batalha final! — Um trovão fez estremecer a Ásia e vários vulcões entraram em erupção.

— Conclame seus anjos, eu chamarei meus demônios e veremos quem é o todo poderoso! — Novamente cuspidando suas ordens sussurradas, para terroristas e grupos extremistas no sudoeste asiático.

E, assim, Deus e Satanás conclamaram seus exércitos para lutarem até o fim, na batalha conhecida como O Juízo Final.

Nas próximas páginas, nossos autores contam como essa batalha se desenvolveu.

Que comecem os jogos!





## A CAPELA

M. Sardini

**U**m vento frio soprava pelas estreitas ruas, canalizando um jato de ar seco em direção ao meu rosto. Meus lábios, já bem ressecados, agora lambuzados de manteiga de cacau, comprimiram-se, à medida que eu apertava o passo rumo ao fim da rua.

Perambular pela Europa nas férias estava sendo uma das melhores experiências da minha vida. Conhecer lugares novos, históricos, épicos, cenários de tantos desvarios e glórias da humanidade. Mas agora, com a aproximação do Natal, eu, ainda que ateu, parara para pensar no quanto aquela aventura toda também escancarara a minha solidão.

Dia após dia, eu caminhava até não sentir mais as minhas pernas, observando pessoas e lugares diversos, conhecendo culturas e costumes, e aquilo seguramente era de uma riqueza que eu jamais poderia conceber, mas às vezes me pegava pensando se riqueza maior não seria ter com quem compartilhar tudo aquilo.

Meus pais decerto estavam ocupados demais com suas vidas perfeitas, suas convicções engessadas, e suas preocupações que a mim soavam tão levianas. Irmãos não tinha. Amigos tinha poucos e estavam tão distantes à época. Namoradas também tive algumas, mas ninguém que de fato tivesse adentrado o meu espaço mais íntimo, capaz de perfurar a minha solidão.

A bem da verdade, não nego, minha ânsia por conhecer pessoas e lugares novos e diferentes poderia ser uma forma de fugir de mim mesmo. Conhecer o externo a fundo me ocupava demais a cabeça, fazendo-me desfocar do meu deserto interno. Cair no mundo era meu exílio. E é bastante curioso pensar o quão contraditório é estar no meio da multidão, que àquela altura passava apressada com presentes de Natal, e ainda assim estar tão profundamente sozinho.

Aquela ideia passou a latejar na minha mente quando avistei, um pouco acima da ladeira que subia, uma imensa igreja de pedra. Talvez pela criação católica que tive, ainda que tenha divergido desta ao longo dos anos, igrejas ainda me lembravam

algo divino. Não divino no sentido religioso, mas para mim parecia um santuário onde as pessoas abriam-se sobre seus maiores medos e desejos para um amigo imaginário. E quais seriam meus maiores medos e desejos?

Não vou negar que já havia caído no meu ciclo vicioso de culpabilizar meus pais por sentir-me tão desconectado do mundo e dos outros. Infantil, eu sei, mas a conduta alienada deles, sempre tão voltada a seus próprios caprichos, não foi exatamente incentivadora da minha psiquê. E quem me dizia que aos trinta e poucos anos eu já não os poderia culpabilizar, decerto não compreendia que a nossa lógica emocional não entende bem a nossa noção de tempo.

Ainda pensando nisso, adentrei a enorme igreja de pedra. Bem arejada, alta, com grandes vitrais que despontavam ao teto e cobriam as laterais da igreja como mantos coloridos. Um estilo classicamente gótico. Caminhei pelo corredor central até alcançar a última fileira antes do altar, onde me ajoelhei sobre um genuflexório. Rezar não era algo que eu pretendia, até porque na minha concepção, falaria sozinho. E naquele momento, observando os detalhes luxuosos da igreja, comecei a sentir uma intensa raiva. Quantos recursos e esforços humanos não foram ali empreendidos, em prol de estabelecer a hegemonia da Igreja Católica, enquanto pessoas passavam fome por todo o mundo? Quanto sangue não fora derramado para alimentar aquela hipocrisia diante da qual eu me ajoelhava?

— ... E por isso o Padre Ezequiel mandou construir este jardim.

Uma voz masculina ecoou do meu lado direito, ainda que a pessoa buscasse falar em tom baixo. Virei meu rosto na direção e avistei um pequeno grupo de turistas, acompanhado de um guia baixinho e barbudo, amontoado em um suntuoso jardim que se estendia para além de uma porta ao lado direito daquela construção onde eu me encontrava. Disperso como sempre fui, imediatamente deixei de lado meus devaneios para prestar atenção no que o guia lhes dizia.

— E aquela porta? — perguntou uma das turistas, apontando para uma robusta porta de madeira que parecia cravada em meio a uma cerca viva em um canto do jardim. Sorrateiramente levantei-me, aproximando-me do grupo, a fim de ver melhor a estranha porta.

— Oh! Aquela porta... — O guia sorriu, apoiando uma das pernas em um banco de concreto, e alterando o tom de voz a fim de fazer certo suspense aos turistas. — Essa é uma história e tanto! Para não dizer que é a melhor história daqui. — Ele riu, observando a empolgação do grupo. — Como vocês podem perceber, essa porta não quer ser notada. Ela fica escondida em um canto qualquer, disfarçada pela cerca viva, e trancada por sete correntes e sete cadeados.

— É tão perigoso assim entrar aí? — perguntou outra turista, animada.

— O problema, minha querida — o guia continuou —, não é o que pode entrar, e sim o que pode sair. — Ajeitou a postura, endireitando as costas, e prosseguiu com timbre baixo. — No século XIV um príncipe espanhol nasceu com a marca do diabo. Uma marca avermelhada na região de trás do pescoço, que supostamente era um portal para o mal do mundo. Há boatos de que sua mãe, a rainha, havia se envolvido amorosamente com um homem fora do casamento, e que o príncipe teria sido fruto desse pecado e por essa razão teria nascido com a marca do diabo. Desde muito cedo, sua mãe percebera que ele tinha comportamentos estranhos e agressivos. Mas quando ele começou a balbuciar coisas com vozes diversas, a rainha decidira clamar pela ajuda da igreja. Os padres da época analisaram a criança e disseram à rainha que aquela marca continha sete demônios, que estavam a possuir o corpo e a mente do príncipe. Muitos foram os padres que tentaram exorcizar o príncipe, mas nada funcionava. O menino continuava cada vez pior e a marca do diabo em seu pescoço apenas crescia conforme os anos se passavam. No início da adolescência, o príncipe já era quase incapaz. Passava os dias trancafiado em seu quarto, na maior parte do tempo acorrentado e amordaçado, e mesmo assim às vezes conseguia se soltar e comia insetos e pedaços da parede. Urrava e emanava sons guturais. Desesperada, a rainha o entregou à igreja, que o levou a Portugal. Como nenhum padre conseguia exorcizar o príncipe, a igreja construiu uma capela, com paredes de pedra bem reforçadas, onde o príncipe seria purificado todos os dias, na tentativa de, ao menos, mantê-lo bem. E assim foi até que o príncipe fez dezenove anos. Nessa época o Padre Ezequiel emergia no Vaticano como um dos melhores exorcistas do mundo. De reputação inabalada, o padre ofereceu-se para tentar exorcizar o jovem príncipe e a igreja, já desesperançosa, permitiu.

— E funcionou? — indagou um dos rapazes do grupo de turistas.

— Mais ou menos — prosseguiu o guia —, durante dias e noites, o padre Ezequiel manteve-se trancafiado na capela com o príncipe, durante o exorcismo. Todos os sete demônios foram expulsos do corpo do jovem rapaz. Acontece que a marca do diabo era tão forte, assim como os demônios, que o príncipe não aguentou e sucumbiu ao exorcismo. Quando os demônios deixaram seu corpo, o jovem faleceu. Para evitar que os demônios ficassem livres, o Padre Ezequiel os enclausurou na capela, selando os sete demônios com sete correntes e sete cadeados. O jardim ao seu redor foi purificado com água benta, cercado toda a capela. E desde então essa enorme porta de madeira nunca foi aberta.

— E será algum dia? — indagou outro dos turistas, interessado na história.

— Então — O guia animou-se —, reza a lenda que os demônios aqui aprisionados são sete dos maiores e mais perigosos demônios do mundo. E que eles ficarão aqui aprisionados até a chegada do fim dos tempos. Com a aproximação do Juízo Final, um novo receptáculo da marca do diabo aparecerá, e o próprio Rei do Inferno soltará seus irmãos, convocando-os para a batalha fatídica.

Algumas pessoas do grupo de turistas ousaram aproximar-se da porta, observando-a, mas a maioria preferiu manter uma distância segura, só por precaução. O guia divertiu-se, sorrindo, e então o grupo seguiu viagem.

Aquela porta ficou impregnada na minha mente de forma muito mais intensa do que eu esperava. À noite, deitado na cama, era como se pudesse ouvir o som das sete correntes, tão alto, tão claro, acompanhado de urros que vinham de dentro daquela capela. Eram sons de angústia, de lamúria. Um pedido de ajuda.

— O que está acontecendo com ele? — Uma voz feminina me trouxe de meus delírios, quando abri os olhos.

— Ai, meu Deus! O nariz dele está sangrando. — Outra voz anunciou.

Assustado, deparei-me com outras duas hóspedes, que me encaravam de maneira preocupada. O gosto metálico de sangue nos meus lábios confirmava o que uma delas dissera:

meu nariz estava sangrando e não era pouco. E, pelos relatos de ambas, eu estava me debatendo e falando alguma coisa inaudível na cama. Pedi desculpas, licença, e encaminhei-me ao banheiro para lavar o rosto. Seguramente aquilo não era nada demais, mas ao retornar ao quarto, a imagem daquela porta de madeira maciça, trancafiada por suas correntes e cadeados não se desprendiam da minha mente.

Tentei dormir, em vão, mas inexplicavelmente aquela porta assumira a forma de pensamentos obsessivos para mim. E assim que o sol desvirginou a madrugada, recolhi minhas coisas e encaminhei-me às pressas para a igreja de pedra. Precisava ver aquela porta mais uma vez, mais de perto, talvez. O que aquilo tinha de tão excepcional para prender a minha atenção daquela maneira?

Curiosamente a igreja já estava aberta àquela hora, mas vazia. Apressei-me para o jardim e então postei-me em frente da tão bizarra porta. Encarei-a com interesse voraz, aproximando a mão direita de sua superfície maciça e suja de poeira e mofo. *O que você tem de tão interessante? É só uma porta.* À medida que deslizava meus dedos sobre a superfície de madeira, meus movimentos pareciam criar vida, desconectando-se aos poucos dos meus comandos. Ao notar, tentei puxar a mão de volta, mas estranhamente meu braço direito não mais me obedeceu.

Um ardor na nuca chamou-me a atenção, como se algo queimasse na base de meu pescoço. Tentei levar uma das mãos até o local, mas em vão, porque de fato não conseguia mais comandar quase parte alguma do meu próprio corpo. Um súbito pânico adentrou-me o peito, comprimindo-o, quando meu nariz tornou a sangrar generosamente.

Uma quantidade considerável de sangue escorreu por sobre meus lábios, pingando da ponta do queixo, e sujando-me a blusa, as calças, os sapatos, e, por fim, formando uma poça no chão, ao redor dos meus pés. A quantidade de sangue era cada vez maior, e escorria lentamente, como se, aos poucos, minhas forças se esvaíssem junto daquele líquido viscoso e quente.

Meus joelhos dobraram-se, contra minha vontade, fazendo-me cair no chão, de forma que agora meus dois joelhos afundavam-se em meio ao sangue, misturado à grama do jardim, e meus olhos jaziam à altura dos sete cadeados. Cadeados estes que toquei, também contra minha vontade, com

os dedos repletos de sangue. Meus braços moviam-se sozinhos e, vagarosamente, colhiam o sangue depositado no chão, ao pé da porta, e levavam-no até os cadeados, empapando-os daquela vermelhidão viva, e desenhando em sua superfície símbolos que eu nunca havia visto anteriormente.

Meu desespero já era tremendo quando um dos cadeados se abriu. E depois outro. E depois outro. E assim sucessivamente, até que todos os sete cadeados estivessem completamente abertos e, com seu peso, puxassem as sete correntes para baixo, espatifando-se no chão. Meu coração galopava em meu peito, de maneira que eu podia ouvir, e não apenas sentir, cada batida na ponta dos dedos. Meu corpo ardia em febre, estremecia, e cada vez mais aquele ponto chamejava na base do meu pescoço, como se algo estivesse a queimar a pele, derretendo-a, cozinhando-a.

Uma volumosa lágrima acumulou-se em meus olhos, desprendendo-se deles e escorrendo pelo meu rosto, quando meus lábios se afastaram automaticamente e uma voz que eu desconhecia arranhou-me a garganta, fazendo ecoar para dentro da capela, cuja porta eu agora havia aberto, desnudando seu interior repleto de sombras:

— Levantai, irmãos! É chegada a hora.

# A ESCOLHA DO ANJO

May Margret

**P**oucas pessoas, até então, sabiam das profecias antigas. Elas tinham sido guardadas por séculos, sussurradas nos corredores silenciosos dos mosteiros, à meia-voz e à luz de velas, para deleite dos frades intoxicados pelo vinho e pela comida farta servida pelos irmãos menores.

Mas de uns tempos pra cá todo mundo estava sabendo. As pessoas trocavam e-mails, mandavam mensagens no *WhatsApp*, grupos se formavam no *Messenger*. Diziam que o tempo estava próximo. Entre eles, havia alguns que viam anjos. E os anjos lhes passavam instruções. *Instruções que deviam compartilhar com os outros.*

Para que mais pessoas tivessem chance de sobreviver à catástrofe que viria. *Na Bíblia, esses dias eram chamados de Apocalipse.*

As profecias tinham sido reveladas porque o tempo era chegado. A contagem do tempo, tão antiga como o homem, era uma engrenagem precisa que não se moveria antes da hora. *Da hora marcada para haver justiça sobre a terra.* E todos os seus habitantes serem julgados pelos seus pecados. *E as pessoas precisavam ser avisadas sobre o Juízo Final.*

Muita gente estava comentando sobre as profecias. Vozes se ouviam nas igrejas, nas praças, nas cantinas. *O tempo é chegado.* Sempre havia alguém que não acreditava. E assim as pessoas se dividiam. Alguns não sabiam mesmo o que fazer. *Talvez fosse hora de ir me confessar,* pensavam. Outros achavam bobagem. Aqueles padres safados, não sabiam mais o que fazer para extorquir dinheiro das suas ovelhas idiotas. *Afinal quem não gostaria de comprar um terreno no céu?* E pra esse empreendimento divino, havia muitos espertalhões que se faziam corretores de imóveis.

Mas para desespero dos infiéis, parecia que as coisas estavam mesmo se cumprindo. Muitos países estavam atravessando guerras. Pessoas morriam de fome. Crianças e velhos morriam aos milhares, e em outros lugares não acontecia nada. Pareciam desgraças aleatórias, mas se tornavam cada vez

mais frequentes. Os políticos enlouqueciam. *Havia guerras e rumores de guerras*, como os padres faziam bem questão de ressaltar. Quem tinha sorte de morar em lugares mais sossegados, achava que os outros estavam exagerando. Mas em breve não havia quem não tivesse uma história de perda para contar; a própria história, ou mesmo alguma coisa horrível testemunhada por alguém conhecido. *O cerco estava se fechando*.

Naqueles dias, tinham vindo dois anjos sobre a Terra. Esses anjos, mais do que os outros que já estavam se revelando aos humanos, eram encarregados de falar sobre a *profecia dos três dias*. As lendas diziam que haveria três dias e três noites de completa escuridão sobre o mundo. E durante esse tempo, todos os demônios do inferno seriam soltos sobre a terra e andariam pelas ruas, levando os pecadores que ainda estivessem vivos depois das guerras nucleares e das catástrofes. Seria uma última limpeza mundial. Quem sobrevivesse a esses dias tenebrosos, veria o amanhecer de um Novo Reino e de uma Nova Terra.

Seria a última praga. E nem os anjos mais fortes poderiam salvar o ser humano que, durante esses dias malignos, fosse pego do lado de fora de sua casa. Porque culpado ou não de alguma coisa, os demônios o levariam. Os demônios do antro mais profundo do inferno. E eles estavam presos lá há muito tempo. Nunca tinha lhes sido dada uma chance de sair. Muitos afirmavam que nem o próprio Satanás podia com eles. *E os demônios tinham fome*. Seria a última vez que andariam pela terra, antes de serem novamente trancafiados. E dessa vez, para sempre. *Junto com os infelizes que levariam consigo*.

Os anjos enviados para anunciar essa profecia se chamavam Daniel e Gabriel. Eram pertencentes ao coro dos serafins, que é a primeira esfera do coro dos anjos, acima dos querubins e dos tronos. Chamados a contemplar eternamente a excelsa bondade e magnificência do Senhor dos Exércitos, por amor a Ele e piedade por Suas criaturas, aceitaram o fardo quase insuportável de se afastar da Divina Presença.

Quem os visse naquela tarde, parados numa esquina conversando, pensaria que se tratava de dois jovens, não diferentes dos demais que estavam por ali. Mas aqueles dois não eram pessoas comuns. E ai de quem se enganasse e tentasse fazer-lhes algum dano.

Não tinham medo de ficar ali parados, observando o movimento. De uns tempos pra cá, as ruas eram um lugar



muito perigoso. Pouca gente se atrevia a sair. *Ficar parado, dando boqueira, nem pensar.* Mas as pessoas passavam por eles sem os enxergar sequer. Era uma vantagem de ser anjo, ser visto apenas quando fosse conveniente.

Daniel não queria dizer para o anjo parado do seu lado, que estava cansado e enojado de ver tantas desgraças acontecendo ao seu redor. *Mas estava.* E às vezes se sentia confuso, quase como se estivesse cometendo um pecado contra o Criador. *Questionando Seus Divinos desígnios.*

Do outro lado da rua, dois homens se enfrentavam. E logo ambos jaziam em uma poça de sangue no chão. Daniel e Gabriel se aproximaram. *Mortos, os dois.* Logo suas almas estariam diante do Santíssimo Tribunal. E o filme de suas vidas passaria diante deles, com sua imensa lista de enganos, erros e pouquíssimos acertos.

Talvez aqueles dois tivessem tido uma vida miserável. Quantas oportunidades lhes foram dadas? Quantas bênçãos? Talvez por preceitos absurdos, de uma cultura quase tão antiga quanto os anjos, aqueles homens poderiam estar destinados ao inferno. *Será que eles sabiam rezar?* Será que alguém tinha lhes ensinado sobre a humildade, sobre a bondade, sobre Deus?

Quem amparava os desamparados, que estavam ali, morrendo como moscas, naqueles dias tão escuros, esperando o som das trombetas temidas por todos os habitantes do inferno e do paraíso?

A Terra deveria ser limpa das pessoas malignas. *Mas todos os seres humanos são criaturas de Deus.* Forjadas pelas mesmas mãos amorosas que tinham criado ele, Daniel, criado Gabriel, e criado todos os outros anjos que permaneciam envoltos em luz, entoando cânticos eternos. Sem nunca ter sofrido. *Sem nunca ter vivido.*

Gabriel olhou para o outro. *Deviam ir.* Os humanos, em uma casa abandonada, estavam se reunindo e se preparando em jejum e oração. *Para merecer a presença deles.*

Naquela noite, após terem falado das profecias que iriam se realizar em breve, consolado os homens e dizendo-lhes o que deveriam fazer para sobreviver a tudo aquilo, Daniel tomou uma decisão. *Não voltaria.* Ficaria e ajudaria aquelas pobres criaturas. Mesmo que para isso, tivesse que se tornar humano também. *Mesmo que tivesse que sangrar.* Se o Pai não

tinha piedade daquelas crianças indefesas e tolas, ele tinha. Tentaria segurar a morte com suas mãos. Iria, como qualquer ser humano se arrastando sobre a terra, ouvir calado as trombetas do Juízo Final.

*Vieste do pó*, disse Ele. Daniel não conseguia compreender. Mas agora não havia mais indecisão. Ele tinha ficado do lado dos homens, e era tudo. Para viver com os humanos a sua última aventura sobre a terra. Antes que as bombas e os meteoros acabassem com tudo. O céu permanecia calado. *Tens livre-arbítrio*, Gabriel havia lhe dito.

A noite era longa. Ele tinha muito trabalho pela frente. Tantos humanos morrendo. Alguns demônios riam dele. Só Daniel podia vê-los, sombras repulsivas se arrastando pelo chão. *Procurando alguém para ser sua presa*. Eles enlouqueceriam qualquer um com seus gritos, com seus gemidos, mostrando uma parte do seu rosto. Como serafim, Daniel sequer tomava conhecimento da existência deles. *Mas agora eles gritavam demais*. Podia ouvi-los ainda, se afastando pela rua.

Daniel não tinha se dado conta do quanto estava vulnerável. Tinha carne, osso, sangue correndo em suas veias agora. Mas a sua fé e a sua compaixão eram maiores. *Ele aguentaria. Ele viveria. Ele veria o fim. Essa era a sua escolha*. E movido por essa certeza, o anjo continuou seu caminho.

# A PEDRA DE JACÓ E A BATALHA EM BETEL

Tiago Alves

**E**m uma área próxima à cidade de Faluja no Iraque, estranhas escavações se tornaram comuns no interior da sinagoga local. As celebrações e cultos foram suspensos por tempo indeterminado e apenas um cartaz à porta prevenia a entrada de qualquer um aquele local.

O rabino Hillel Ben Yohai e sua família, desde o início das escavações, haviam desaparecido. O que aumentava a curiosidade dos fiéis e dos moradores locais. No entanto, ninguém se atrevera a sequer adentrar a sinagoga, exceto Avraham, um dos moradores locais e amigo do rabino.

Sem se conformar com o desaparecimento e com as estranhas escavações, decidiu adentrar a sinagoga. Ao abrir a porta, para sua surpresa, imperava apenas um silêncio sepulcral. Todo aquele barulho das ferramentas havia cessado por um instante. Ao longe, apenas uma silhueta de um homem. Ao se aproximar, Avraham percebe que se tratava do rabino.

— Rabino? — pergunta Avraham.

— Quem você procura não se encontra mais por aqui! — responde o suposto rabino.

— Rabino deixe de brincadeiras! O que aconteceu? Para que tantas escavações? — pergunta novamente Avraham, achando que tudo aquilo se tratava de mais uma das brincadeiras do rabino.

— Quem você procura, está em outro lugar. Utilizo apenas o seu corpo físico. Sou o que vocês, criaturas do Todo Poderoso, chamam de anjos. Meu nome é Uriel. — Neste momento a estranha criatura que se apossara do corpo do rabino, altera a cor dos olhos para uma tonalidade de azul nunca vista antes.

Avraham não sabia até que ponto tudo aquilo poderia ser real ou apenas uma obra de sua imaginação. No entanto, aquele à sua frente era de fato o rabino, pelo menos o seu corpo.

— O que aconteceu com o rabino?

— Ele está em um lugar melhor. Ele dorme.

— Mas, o que vocês procuram por aqui?

— A pedra de Betel.

— Mas, que pedra é essa?

— A pedra sagrada utilizada por Jacó. É um dos itens mais sagrados de nossa corte, foi tocada pelo Pai. Ela nos ajudará na batalha contra as cortes dos sete líderes infernais.

— Como assim?

— Vocês permeiam entre os dois mundos, o céu e o inferno. A todo instante, inúmeras batalhas são travadas entre os seres desses mundos. Mas, tudo isto tem aumentado consideravelmente nos últimos tempos.

— Quer dizer que, os anjos e demônios se enfrentam a todo o momento em todos os lugares? Isso é muito para minha cabeça!

— Receio que não! Os sete líderes infernais se uniram e atualmente lideram o seu mundo.

— Lideram?

— Sim, eles assumiram uma forma humana e atualmente controlam as maiores potências mundiais.

— Meu Deus! Mas como podemos ajudar? Como resolver tudo isso?

— Esta forma humana, que você chama de rabino, já está me auxiliando. Só podemos assumir a forma humana se isso for permitido.

— O rabino deixou você usar o corpo dele?

— Sim. Afinal, era para um propósito bem maior.

Em poucos instantes surge outra forma humana, das profundas escavações próximas ao púlpito da sinagoga, era a mulher do rabino.

— Encontrei... Podemos ir! — disse a suposta mulher do rabino.

— Deixe-me ver! — disse Uriel.

Analisando cuidadosamente uma pequena pedra, que ao ser tocada por Uriel emanou um brilho intenso, jamais visto por Avraham.

— Anael, é ela! Podemos ir! — disse Uriel.

— Espere, aonde vocês vão? — interroga Avraham.

— Uriel, o que você disse a ele? — questiona Anael.

— A verdade! Eles precisam saber. Não é justo enganá-los após a partida do Pai. — responde Uriel.

— Você conhece as regras. Sabe que isso não é permitido. Não é da vontade Dele.

— Ele sumiu! E logo agora, quando mais precisamos dele.

— Miguel logo precisará de um corpo humano para nos conduzir, me parece que ele pertence à linhagem de Jacó.

— Sim, ele é um dos últimos! Por isso, lhe contei a verdade! Ele será útil.

Avraham não estava entendendo nada do que vivenciara até aquele instante. De uma hora para outra, o rabino e sua esposa se tornaram anjos que estavam em uma espécie de guerra sobrenatural. E para piorar ele também poderia fazer parte disso tudo. Nada mais fazia sentido em sua cabeça.

Como num passe de mágica, os três foram transportados para uma área desértica onde diversas pessoas os aguardavam. Tratavam-se dos membros das cortes celestiais.

— Meus irmãos, encontramos a pedra de Jacó. É chegada a hora de Miguel nos conduzir — brada Uriel.

— O que está acontecendo? Onde estamos? — pergunta assustado Avraham.

— Estamos no Deserto de Betel, o lugar mais sagrado da Terra. Foi aqui que Jacó viu a escada que liga nosso mundo ao seu. Aqui ocorrerá a batalha contra os sete líderes — explica Anael.

— Mas, o que eu tenho a ver com tudo isso?

— Você é um dos descendentes diretos de Jacó. Você será o receptáculo de Miguel e ele nos guiará à vitória — complementa Uriel.

— O que tenho que fazer? — diz já concordando com a ideia de um possível martírio em meio a tudo o que tinha visto.

— Apenas diga sim a Miguel! — explica Uriel.

Em poucos instantes uma voz ecoava em sua cabeça, solicitando o uso de seu corpo. Avraham conforme orientado, apenas disse sim a Miguel. Naquele instante, um feixe de luz nunca antes visto iluminou aquele deserto e se direcionou ao corpo de Avraham. Ao término do feixe de luz, os olhos de Avraham brilhavam.

— Meus irmãos esta é a hora! Marchemos contra as hordas infernais— brada Miguel, no corpo de Avraham.

Ao longe, se viam hordas e mais hordas lideradas pelos sete líderes infernais, Belzebu, Mamom, Azazel, Lúcifer, Asmodeus, Leviatã e Belfegor. Por outro lado, se uniram todas as cortes, os Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Arcanjos, Principados e Anjos da Guarda.

Ao se encontrarem, em meio ao deserto de Betel, Miguel tomou a palavra e disse:

— Este é o momento de se renderem. Temos a pedra de Jacó!

— Nunca nos renderemos a vocês! — Soava uma voz em unísono, vinda dos sete líderes infernais.

Miguel tomou a pedra em suas mãos e a direcionou às hordas infernais. Ao serem iluminadas pela luz divina da pedra, estas se desintegravam como num passe de mágica. Os sete líderes, ao perceberem que seus exércitos estavam ruindo ante ao poder da pedra de Jacó decidem recuar.

— Miguel, fique com este mundo! Voltaremos ao inferno! — dizem os sete líderes.

— Que assim seja! — diz Miguel.

E assim foi feito. Tanto as hordas infernais, quanto celestiais retornaram aos seus devidos mundos. E como sinal de agradecimento, Miguel, Uriel e Anael, também devolveram os três humanos aos seus lares. Em instantes, Avraham, o rabino e sua esposa estavam de volta à sinagoga. No entanto, nenhum dos três se lembrara do que havia ocorrido, lembravam apenas de um clarão vindo em suas direções antes de desmaiarem.

# A PROMESSA ENTRE ANJO E DEMÔNIO

Paulo Matheus Ferrari

**U**m gigantesco deserto era o que ele contemplava. O ar era seco e não se via nenhum animal naquele local. Havia algumas ruínas também, de tempos esquecidos ou de meros dias atrás; ele já não sabia distinguir. A guerra era assim, ela fazia com que todos perdessem a noção do tempo, tudo se resumia a ficar vivo e a matar. E a Última Guerra não era exceção.

De repente, a paisagem hostil se transformou em algo belo. Flores de diversas cores decoravam o solo até o horizonte. Era possível ouvir o canto dos pássaros e a dança que eles faziam ao descerem para beber um pouco de água em uma fonte que ficava no meio desse grande jardim. Estátuas imponentes também surgiram para embelezar ainda mais o local. Parecia outro mundo aquele que ele estava vendo.

— Suas ilusões sempre foram magníficas, Liz — falou sem se virar.

Uma anjo andava em direção ao homem demônio que olhava para aquela paisagem. Suas asas eram no tom de pérola e combinavam com o seu cabelo prateado. Ela vestia um traje de guerra majestoso, uma armadura única mesmo no exército dos anjos. Na sua cintura carregava uma rapieira com uma guarda de mão cheia de joias.

— Não é uma ilusão, Ermus. É assim que esse lugar era tempos atrás — respondeu a anjo Liz.

Ermus era um demônio e, portanto, seu inimigo na guerra que se aproximava. Suas roupas eram simples, não usava nenhuma armadura e também não mostrava suas asas. Seus cabelos pretos e olhos como o carvão destoavam do seu rosto um pouco pálido e cansado. Havia duas espadas nas suas costas e todo o universo sabia qual era o nome daquelas espadas, pois elas acabaram com muitas vidas ao longo das eras.

— Como está a movimentação do exército do Norte? — perguntou Ermus.

— Eles estão há algumas horas daqui só. Pararam para recrutar alguns humanos que encontraram e já marcham para cá.

— Recrutar ou forçá-los a lutar?

— Você sabe como é, Ermus. O seu clã está fazendo a mesma coisa que o meu — contrapôs a anjo.

— Eu sei. Eu só queria que não fosse assim, que no fim não tivéssemos que lutar essa Guerra e, ainda por cima, arrastar os humanos para o nosso conflito. Eles adoram os seres supremos e tudo o que recebem em troca é a morte. Anjos e demônios... Uma batalha sem fim que destruiu tanto o Reino dos Céus quanto o Submundo. E agora o que resta dos dois clãs volta-se para a Terra, o último palco do nosso conflito.

— Nós vamos colocar um fim nisso. Você e eu, juntos, como planejamos — garantiu Liz.

— Você é tão gentil e otimista, Liz — disse Ermus dirigindo um sorriso para ela —, mas você sabe que, mesmo que nosso plano dê certo, nós vamos morrer aqui, não sabe?

— Eu sei. Foi por isso que usei minha magia. Queria te mostrar pelo que estamos lutando: vida.

— Para protegermos a vida precisamos abraçar a morte. Esse mundo é cruel demais.

— Sim. — concordou Liz. — Nós anjos somos vistos como os guardiões da esperança e como aqueles que sempre correram ao auxílio dos humanos na hora que eles mais precisam. Os demônios sempre foram estigmatizados, seres abomináveis que destruiriam o mundo se pudessem. Acontece que anjos e demônios são a mesma coisa. Os dois clãs buscam por poder e não se importam com o que precisam fazer para consegui-lo. Mesmo que isso signifique a morte de vários seres vivos. Esse é um mundo cruel e nós somos a causa disso.

— O que será que acontecerá depois? Você sabe, depois que os dois clãs sumirem. Como os humanos irão se comportar?

— Eu não sei — admitiu Liz. — Talvez eles vivam em paz a partir de agora depois de verem a destruição que causamos. Talvez eles continuem nesse caminho de ódio e acabem destruindo o planeta por conta própria. Seja o que for, são eles que decidirão o próprio destino; não haverá mais anjos e demônios para moldarem suas ações.

— Seu Pai quis dar a eles o livre arbítrio, mas nunca conseguiu, não é? Mas os anjos tentavam a todo o momento



influenciar as ações dos humanos e os demônios não são diferentes. Minha Mãe uma vez pediu para eu ajudar na destruição daquela cidade que foi engolida pelo mar. Ela não estava gostando do avanço tecnológico dos humanos, tinha medo que eles pudessem representar uma ameaça para os dois clãs. Então, eu segui as ordens dela. Milhares de pessoas gritavam em desespero enquanto a cidade afundava. E eu matei todos que tentaram fugir, Liz. Matei cada um deles, até mesmo os bebês. Quando fecho os olhos para dormir, ainda me lembro dos rostos de cada um que matei naquela época. Ainda me lembro da sensação das minhas espadas perfurando seus corpos. Eu...

— Ermus! — cortou Liz — Aquele não é mais você. Eu também fui a responsável pela morte de vários humanos no passado, mas isso não importa mais. Nós dois vivemos com a sombra desses pecados sob nossas cabeças por mais anos do que podemos nos lembrar direito. Mas agora... Agora nós temos a chance de nos redimir. Pela primeira vez na história nós dois vamos lutar pelos humanos, vamos protegê-los da dor que cairia sobre eles. Nós somos a única esperança que eles têm.

Os dois ficaram um tempo olhando para a paisagem. Um pequeno pássaro pousou no ombro de Ermus. O demônio ofereceu sua mão para o pássaro, que aceitou. Ele ficou um tempo olhando para Ermus enquanto mexia sua cabeça rapidamente até voltar para o céu onde os seus companheiros o esperavam.

Ermus começou a rir sem parar.

— O que foi? — perguntou Liz assumindo um tom mais leve ao vê-lo daquele jeito.

— Eu só estou imaginando quão engraçada é a situação. Uma anjo e um demônio lutando lado a lado tentando impedir que os dois exércitos lutem entre si. Com certeza ninguém esperava por essa.

— Você sempre foi idiota! — disse Liz, incapaz de conter o sorriso. — Aqui. Eu trouxe algo que vai te animar de verdade.

Liz passou um odre para Ermus, que experimentou o líquido que ele continha.

— Liz! Isso é vinho da Cidade Prateada!

— Eu sei. Você adora e eu consegui salvar um pouco antes de... Bom, antes de ela desaparecer. Agora, me passe isso aqui que eu também quero tomar um pouco.

O céu começou a escurecer e a paisagem que Liz havia conjurado desapareceu.

— Eles estão vindo — falou Liz.

— Sim. Escute, Liz, você não precisa lutar comigo. Eu posso...

— Pode o quê? — interrompeu a anjo. — Enfrentar os dois clãs mais poderosos sozinho?

— Não, mas você não precisa morrer. Você pode fugir e viver uma vida normal.

— E o que eu faria quando o mundo fosse destruído? — Liz colocou uma de suas mãos na de Ermus — Não. Nós prometemos lutar juntos e é o que vamos fazer. Vamos acabar com essa guerra sem fim. Além disso, *aquilo* não vai funcionar se eu não estiver junto com você. É nosso último recurso e vai deixar um rastro de destruição sem igual, mas, pelo menos, essa história de ódio entre os clãs terá um ponto final.

Ermus concordou com ela. Aquele seria o fim. Os exércitos se aproximavam dos dois, trazendo luz e escuridão para o campo de batalha. Anjo e demônio viraram um de costas para o outro, ambos sacando suas armas e se preparando para atacar seus próprios clãs. Liz do brilho flamejante e Ermus das espadas de sangue. Eles lutariam para impedir que o mundo dos humanos desaparecesse, para dar um fim àquela disputa entre os clãs que era tão antiga quanto o próprio tempo. Eles dariam suas vidas para parar com o derramamento de sangue. Eles morreriam juntos como prometeram que fariam.

Sim, aquele seria o fim.

# A SEMENTE DO FIM

Luis Pedroso

**A**tmosfera planetária estava carregada com um ar pesado, sufocante, angustiante. As grandes metrópoles do mundo como São Paulo, Nova York, Japão e outras carregadas de almas em pequenos espaços sentiam mais. Nesses lugares, as forças ocultas trabalhavam para desestabilizar a harmonia. Procuravam arregimentar o maior número possível de almas descrentes da bondade divina. Espectros invisíveis, uma legião de demônios trabalhava sorratamente soprando ações terrificantes nos ouvidos incautos dos governantes do mundo, que por sua vez eram repassadas a outros subordinados e amplificadas por espíritos inferiores. A mensagem era clara: o mundo prosperará com a chegada do “chefe dos chefes”. As políticas mundiais têm que ser voltadas para o crescimento econômico, a economia é a fonte da prosperidade mundial, mesmo que para isso, as pessoas se tornem escravas do trabalho. O poder está no dinheiro. O dinheiro trará todos os benefícios que as pessoas precisam.

Muitos líderes mundiais sofrem forte pressão desses demônios infiltrados de forma invisível em seu dia a dia. Seja no trabalho, em casa com a família, no lazer, em todos os lugares estão sofrendo constantemente ataques para fazer tudo o que lhes é ordenado, e, na maioria das vezes, o fazem sem perceber que as decisões são tomadas pelos demônios chefes que no submundo das camadas mais escuras do planeta, dominam as decisões mundiais.

Por outro lado, tentando dissuadir esses líderes de tomarem decisões que prejudiquem a paz mundial, a fraternidade universal, estão os seres de luz, anjos que agem de forma incansável no lado mais sensato das pessoas. Na maioria das vezes, eles conseguem manter o equilíbrio mundial. Contudo, ultimamente, as forças das trevas fizeram uma investida sem precedentes, desde os tempos da vinda do Messias. Agora, intensificaram os ataques a todos que têm algum poder de influência no mundo. Incitam ao ódio e à guerra, provocando os povos a se auto digladiarem com conflitos. Em outros lugares, usam a política como ferramenta e em outros, usam as mídias

sociais de todos os tipos. São várias as frentes nas quais as forças das trevas atuam. Quanto mais pânico, mais desespero, mas raiva e ódio o povo tiver, mais forte eles ficam.

O desespero é o alimento do demônio. Quanto mais desesperado o ser, mais influenciado ele fica. A fome, as injustiças, as necessidades e as vicissitudes são a lenha para o fogo do inferno. É uma batalha na qual a percepção que se tem é que quem está vencendo é o lado das trevas. Com assassinatos a grandes levas. Morticínios sem igual no mundo. Terrorismo em várias capitais. Assassinatos em escolas nos quatro cantos do planeta. Suicídios coletivos. Estupros. Drogas. Tráficos. Corrupção. Ódio às minorias. No inferno, os demônios da mais alta casta comemoram. Querem ver o planeta se infernalizar. Não mais a terra, paraíso azul. Querem um planeta vermelho pelo fogo. Um lugar de dor e sofrimento, no qual apenas eles podem dar um pouco, uma migalha de alívio a um povo sedento de água e pão.

— Há, há, há, há! Por milênios travamos essa batalha e agora estamos perto de conseguir o nosso tão esperando sucesso. Vamos devorar as almas para que elas sejam nossas — ria-se um dos demônios de maior poder no mundo infernal.

— Subam todos meus lacaios! Subam e dominem cada lugar do planeta! Invistam em cada mente humana semeando a discórdia, semeando a raiva, a intolerância, o desafeto, a iniquidade. Gerem conflitos, ganância, guerras. Trabalhem sobre o ego, tornem esses malditos humanos egoístas, individualistas, vaidosos, interesseiros. Façam com que só pensem no dinheiro. Deem a eles a falsa perspectiva de prosperidade. Deixem-nos entorpecidos pela vida boa. Pela facilidade de ter as coisas que o dinheiro pode trazer. Façam com que se esqueçam do sofrimento dos outros, tornem-os indiferentes com os seus próprios irmãos, com a dor alheia. Assim, venceremos não só essa batalha, mas a guerra. Há, há, há, há — gritava outro demônio extremamente contente com tudo o que estava acontecendo. Eles tinham um poder sem igual de hipnotizar os demônios menores. Eram de uma atração irresistível. Forte poder magnético sobre quase tudo.

Uma horda demoníaca começava a brotar em vários lugares degenerados, marginalizados. Bocas de fumo, presídios, hospitais cujo sofrimento era indescritível, bordéis onde imperava a lascívia, drogas, pecados capitais. Demônios mais sutis materializavam-se, em vez de saírem das sombras,

nos congressos de vários países, nas instituições financeiras mundiais, bolsas de valores, empresas, supremas cortes, enfim, em qualquer lugar no qual houvesse poder decisório sobre o mundo. A intenção dos demônios era influenciar os líderes, as pessoas que detinham algum poder a fazer tudo aquilo que lhes sugestionassem. Nem mesmo as igrejas escaparam.

Logo, conflitos começaram a surgir em todas as partes. A instabilidade era generalizada. A população se sentia abandonada, descrente, acuada, repelida. Muitos foram para as ruas confrontar a ordem vigente. Em vários lugares do mundo, o povo atacava as instituições. Na França, atiravam coquetéis molotov na polícia. Quebravam vitrines, depredavam carros, tocavam fogo em lixeiras, carros, bancas. Em resposta, a polícia contra-atacava com gás lacrimogênio, jatos d'água, tiros de borracha. Efetuavam centenas de prisões. Não havia mais para onde levar tantos presos, então, prenderam em estádios de futebol, sob forte vigilância policial.

A barbárie que ocorria na França, também acontecia em vários países. Inglaterra, Alemanha, Itália, Grécia, Brasil, Venezuela. Os primeiros registros dessa revolta mundial foram em nações de terceiro mundo, mas praticamente todas as outras nações também tiveram registros. Poucos povos mundiais não tiveram registros de conflitos populacionais, dentre eles, quase todas as populações indígenas ficaram de fora, alguns países afastados dos grandes centros mundiais de poder também, bem como povos isolados e lugares autossuficientes.

Os demônios regozijavam-se de alegria. Todos os planos estavam dando certo. Os líderes da falange estavam extremamente satisfeitos, rindo do caos que imperava sobre o mundo. Faltava o golpe final: aniquilar muitas almas, dando-lhes ódio e sede de vingança. Iriam direto para o inferno. Assim, teriam um exército sem precedentes na sua milenar jornada no planeta Terra. Para isso, bastava ativar um conflito entre superpotências para provocar uma guerra nuclear. Os demônios sabiam que dezenas de outros países também tinham acesso a armamento nuclear, bastava provocá-los.

Então, um grupo rebelde, que há anos sofria forte influência dos espíritos das trevas, demônios repulsivos que os atacavam impiedosamente, infiltrou uma bomba nuclear suja em uma grande potência. Houve uma explosão infernal, matando e ferindo milhares de pessoas. O mundo entrou em pânico, pois ninguém assumiu a autoria. Diversos países apressaram-se em

repudiar aquela ação. Mas o país atacado estava com sangue nos olhos, queria vingança. Mas não sabia em quem atirar. Ficaram em choque.

O presidente fez uma reunião com os seus principais ministros e agentes de defesa. Decidiram que tinham que se vingar, sob o pretexto de buscar justiça. Na reunião, estavam presentes, além das pessoas em seu plano físico, centenas de demônios de todos os níveis no plano astral. Só não sabiam que ali também estavam legiões de anjos sobre eles, vibrando em outra frequência de tal forma que os demônios não conseguiam vê-los. Por um lado, os demônios gritavam nos ouvidos do presidente e dos seus ministros e generais. Por outro, os anjos vibravam de tal forma que mantinham as energias equilibradas, apesar das energias emanadas pelas hordas infernais.

— Mr. Presidente, vamos destruir todos os inimigos de nossa pátria. Vamos bombardear de uma vez todas as nações inimigas, assim não terão tempo de reagir.

— Dizia um general querendo exterminar até a sombra que lhe acompanhava.

— Vamos atacar as nações antidemocráticas, vamos invadir com nosso poderio bélico esses filhos de satã — bradava outro ministro.

O presidente, no entanto, como que por milagre, ou como que estando anestesiado pela influência dos anjos celestiais, mantinha a calma. Olhava todas as cartas que estavam sobre a mesa e analisava cuidadosamente.

— Mr. Presidente, não podemos atacar da forma como nos atacaram. Temos que manter a calma e anunciar que iremos até as últimas consequências para punir os culpados. — Finalmente, um dos seus assessores mais sensatos dava uma sugestão mais equilibrada. Estava certamente sob boas influências de um dos mais fortes anjos celestiais. Aquele que acompanha a humanidade desde a queda de Lúcifer.

— Senhores, meu dedo está a centímetros do botão e dos códigos que podem destruir não apenas os inimigos de nossa nação, mas também a nós. Um tiro dado para o alto, pode ser o tiro que volte em nós mesmos. Um ataque como este sofrido hoje, não nos destruiu, mas certamente irá nos fortalecer, na união não apenas de nosso povo, como na união de todos os povos que viram essa injusta agressão e com ela

não concordam. Nós temos a capacidade de diante da maior injustiça, com o tempo reconhecê-la e levantarmos-nos contra ela. Assim, vamos clamar a nossa nação e a todas as nações amigas apoio para juntos conseguirmos encontrar forças e coragem para enfrentar esse inimigo que não é individual, mas comum a todos — falava o presidente daquela grande nação com a expressão de infinita calma e sabedoria, apesar de todos os ataques demoníacos, ele estava blindado por um campo de força energético projetado por uma dezena de anjos da mais alta estirpe. Junto com esse campo de força, vibravam energias positivas de sabedoria, amor, compaixão.

— E o que faremos então Mr. Presidente? A nação quer uma resposta urgente — perguntava um dos militares presentes na reunião.

— Farei um pronunciamento à Nação e direi tudo o que faremos...

Horas depois, o presidente foi às tvs falar ao mundo, não apenas ao seu povo. Muitas nações estavam amedrontadas, em pânico imaginando que a ira da grande águia recairia sobre eles.

— Cidadãos de bem. Como todos nesta grande nação sabem, fomos atacados fria e covardemente. Nossas forças de inteligência estão trabalhando incansavelmente para encontrar os culpados que serão punidos exemplarmente. Não toleraremos jamais este tipo de ação. Há nações amigas que estão em luto conosco. Não podemos, no afã de querer justiça, apontar nosso armamento a nações amigas. Vamos apontar com toda a força sobre os verdadeiros culpados. Que Deus salve este país!

As milhares de pessoas em todo o globo, que acompanhavam pela televisão, internet, e outros meio comunicativos ficaram aliviadas. Mas o povo queria uma resposta do governo. Os demônios ficaram possessos. Queriam ver guerra. Queriam ver sangue sobre a terra. Contudo, o presidente, estava protegido pelos anjos do mais alto grau e agiu de forma irrepreensível. “Aquilo não podia ficar daquele jeito!”, bradavam os demônios. Havia arquitetado outro plano, infalível, assim pensavam. Há muito, prepararam um de seus filhos, ora encarnado na terra. Com discurso inflamatório, havia adentrado na política e agora estava em alto escalão do governo. Seria possivelmente o sucessor do atual presidente. E o foi o que aconteceu.

A última grande batalha do milênio realmente fora vencida pela horda das trevas. Em verdade, a partir desse ato de atentado, como marco inicial da conquista demoníaca na terra, houve uma prevalência do controle Estatal em quase todas as nações sobre sua população. Não destruíram o planeta com bombas, mas impuseram políticas severas de controle sobre quase tudo e todos, o que fez com que a humanidade se escravizasse na materialidade do consumismo. Da vida mundana. Do imediatismo do dinheiro, que, aliás, tornou-se um Deus. Finalmente a era de Amon.

O filho de Satã, tão temido, subiu ao seu trono finalmente. Mas não trouxe o sofrimento que todos esperavam. Trouxe prosperidade. Trouxe a paz que o dinheiro pode comprar. Trouxe luxo e riqueza para uma parcela considerada da população. Esta parcela explorava a outra parcela que era a maior parte dos povos mundiais, mas estes estavam anestesiados pelo ópio verde. Tinham comida, roupa e um pouco de lazer. Estavam equilibrados em suas necessidades. Mas eram escravos sem mesmo o saber. Finalmente os demônios tinham conquistado o que queriam. Escravizaram os homens inculcando-lhes em seu íntimo a sensação de prosperidade, de paz, de liberdade, mas eram totalmente submissos ao seu novo deus. Não tinham sentimentos nobres. Não se preocupavam com o amor, a compaixão, com o próximo. Só o que o dinheiro podia propiciar era importante. Por mil anos viveram essa vida de ilusão. Mas toda obra fundada em pilares frágeis, um dia desmorona. Os demônios venceram uma batalha milenar, mas perderam a batalha do fim dos tempos para os anjos do céu e da terra, quando plantaram a semente de esperança, fé e amor no coração humano.



# A TROCA

## Evalderiany Honorata

**O** fim do mundo foi anunciado desde que as primeiras civilizações criaram sua cosmogonia. Independente da localização geográfica das populações, os antigos de diferentes partes do mundo já sabiam o que estava por vir. Demorou algum tempo... Algo em torno de alguns milhares de anos. Quando a sociedade humana atingiu o ápice de seu desenvolvimento tecnológico permeado por desigualdades sociais latentes, aconteceu o evento catastrófico do Apocalipse.

O Juízo Final, como foi denominado, deu início quando com uma grande guerra entre duas grandes potências mundiais. A princípio, algumas pessoas estranharam o motivo fútil que levou ao conflito sangrento. De repente, criaturas sobrenaturais aladas apareceram no céu e revelaram que Demônios disfarçados de líderes humanos estavam articulando a guerra com a intenção de eliminar a maior parte da humanidade.

Nós articulamos essa guerra pensando na necessidade de reduzir a população mundial pelo bem do planeta — a afirmação dos Demônios foi o suficiente para que um grande número de pessoas concordasse e os apoiasse.

Nada justifica esse genocídio absurdo — a posição dos Anjos se manteve firme em defender todas as pessoas, mesmo tendo que se revelar.

Os pontos de vista distintos sobre eliminar ou não parte dos seres humanos do mundo inteiro levou as pessoas a se recrutarem em exércitos entre Anjos e Demônios, na guerra do Juízo Final. Considerando o potencial das armas dos humanos e os poderes arrasadores dos seres sobrenaturais, em pouco tempo a população mundial diminuiu drasticamente.

Nathaniel fazia parte de um dos esquadrões de órfãos adolescentes do exército humano aliado aos Anjos. Perdera a família quando começou o Juízo Final e sem perspectivas, resolveu ainda muito jovem se unir ao ideal dos Anjos de proteger a humanidade.

O seu esquadrão, compostos por outros órfãos que se tornaram sua segunda família, lutava junto desde que entrou na guerra. Perdera dois integrantes mais velhos, mesmo assim ainda havia três pessoas ao seu lado: Cielo, Laylah e Rafael. Ou tinha, antes de Rafael morrer após um confronto sangrento pela disputa com o exército inimigo de parte da cidade em ruínas. Ver o corpo do melhor amigo lançado ao chão sob uma poça de sangue fez com que o jovem chegasse ao limite.

Estamos mesmo defendendo o lado certo nessa guerra? — Ele se questionou sozinho, a procura de água e enlatados dentro das casas abandonadas.

As dúvidas apareceram depois que os primeiros amigos do exército morreram. Porém, não podia contar para ninguém a insegurança. Ele estava lutando do lado dos Anjos... Era o lado certo, não é?

Também me pergunto isso... Teve um dia difícil? — Alguém perguntou para ele.

Não era uma voz conhecida. Nathan virou-se para trás, com a arma utilizada para matar humanos em uma mão, enquanto que na outra segurava uma faca unvida pelo poder dos Anjos para matar Demônios. Apontou os dois instrumentos para frente, atento ao fato que os seres do mal se disfarçavam de pessoas também.

Mais um passo e eu te mato! — O adolescente ordenou.

O outro rapaz era do exército inimigo, com certeza. Utilizada a braçadeira vermelha, algo que todos os soldados humanos dos Demônios colocavam. Assim como eles, o exército dos Anjos utilizada a braçadeira azul.

Calma, sou apenas um humano tal como você. Meu nome é Mulli. Procuo comida, e não luta. — Ele esclareceu.

Em tempos de guerra se um inimigo aparecesse, deveria ser morto imediatamente. Contudo, Nathan abaixou as armas ao notar algo de estranho no rosto do rapaz. Na parede da casa havia um espelho onde era possível ver parte do seu reflexo, apesar de estar embaçado e faltando pedaços. Ele e Mulli tinham a mesma aparência.

Você é igual a mim... — Os dois falaram ao mesmo tempo.

O encontro ao acaso entre dois jovens de aparência semelhante e pertencentes a exércitos inimigos durou mais do que o esperado. Nathan e o outro adolescente tinham mais em comum do que somente o rosto.

Então você também está descontente com o lado que escolheu? — Nathan se surpreendeu.

Quero deixar o exército dos Anjos. Estamos lutando para impedir o plano dos Demônios elimine pessoas inocentes, contudo a guerra do Juízo Final já dizimou metade da humanidade. Se os Anjos não podem cumprir a promessa, então seria melhor se eu me juntasse logo aos Demônios...

O desabafo de Nathan acontecia enquanto ele dividia uma lata de sardinha com o outro rapaz. Era difícil admitir que todos os ideais defendidos pelos Anjos estavam ruindo quanto mais pessoas morriam por causa da guerra travada para impedir que pessoas morressem. A morte do amigo Rafael foi apenas mais um número da estatística do exército.

Penso o contrário. Estou cansado de continuar matando pessoas gratuitamente. A população mundial já foi reduzida a metade, porém os Demônios querem continuar com a guerra. Apesar de estarem perdendo, os Anjos querem salvar vidas. Se eu pudesse trocar de lado... — Mulli lamentou, cansado.

Limpou sua faca manchada de sangue num lençol empoeirado. No começo era a favor de reduzir parte da população. Quando a matança continuou apesar dos Demônios terem atingido a meta de dizimação, Mulli ficou desgastado mentalmente por matar tantas pessoas.

Uma ideia brilhante passou pela cabeça de Nathan. É claro que podiam trocar de lado, pois tinham a mesma aparência física. Se um queria conhecer o exército dos Demônios enquanto o outro preferia o exército dos Anjos, desde que ninguém mais soubesse da troca, pouco importava aos líderes dos dois lados da guerra do Juízo Final quem era Nathan ou quem era Mulli.

Trocaram de braçadeiras e saíram da casa vazia, seguindo em rimos opostos. A vida de um soldado era a mesma, com condições duras de sobrevivência independente do exército que escolhera lutar. Laylah e Cielo se encontravam totalmente absorvidos pela dor do luto do amigo Rafael, estranharam um pouco o comportamento do Nathan que na verdade era Mulli

disfarçado. O mesmo aconteceu com aos amigos de Mulli, Raymon e Bael.

Depois de uma semana da troca de lugares, os dois rapazes se reuniram novamente na mesma para decidir se gostaria de continuar no exército que estava ou se preferiam destruir. A experiência de lutar do lado dos Anjos e dos Demônios proporcionou que eles entendessem como funcionavam os dois lados.

A conclusão que ambos concordaram foi: nenhum dos dois exércitos estava certo. Os dois lados da guerra do Juízo Final, embora defendessem seus interesses, pouco se importavam com as vidas humanas perdidas. Isso era desolador.

Afinal que é o bem e quem é o mal...? Já nem me importo, apenas quero ainda estar de pé quando a guerra acabar. — O jovem do exército dos Anjos levantou os ombros.

Se é que acabará... Essa guerra é deles, nosso mundo foi apenas o palco para uma disputa entre seres que nem daqui são. Os Demônios nos usaram para atrair os Anjos, que também estão usando a desculpa de nos defender para matar os arquinimigos. Entre um lado e outro, gostaria de defender a mim mesmo. — O adolescente do exército dos Demônios afirmou.

Exército dos Demônios... Exército dos Anjos... Nathan e Mulli concluíram que naquele momento, os humanos pouco importavam para quem liderava as batalhas que matava tanta gente inocente.

O lado dos humanos que estão esgotados dessa guerra e não querem saber de lutar nem pelos Anjos e tampouco pelos Demônios. Deveríamos nos unir em defesa de nós mesmos. Criar um exército de humanos contra Demônios e Anjos e expulsá-los do nosso planeta — a proposta aparentemente dita sem importância recebeu a atenção em seguida dos dois soldados.

Um exército somente de Humanos, com todas as pessoas desiludidas com os Anjos e os Demônios? Apesar de não terem poderes sobrenaturais, os seres humanos eram muito mais numerosos e tinham algumas armas unidas capazes de matar qualquer um dos seres sobrenaturais para recuperar o planeta de volta. Nathan pegou a sua faca e Mulli segurou seu machado, os dois sorriram decididos.

Retornaram destrocados para seus exércitos de origem. Diante a realidade cruel do Juízo Final, não seria difícil recrutar mais e mais pessoas dos exércitos em prol de criar um único exército dos Humanos, capaz acabar com a guerra entre Anjos e Demônios no planeta. Em breve, o apocalipse teria mais um exército próprio e, se ao final de tudo ainda houvesse algum humano vivo... Então a rebelião daria certo de alguma forma.



# A ÚLTIMA PORTA

Bruno Serra

**A**inda era cedo quando aconteceu. O som da trombeta. Acordei com o barulho e olhei pela janela. Uma sombra escura como uma nuvem de fumaça inundava o céu. Senti um arrepio percorrer todo o corpo. Sentei na cama depressa. Através do reflexo no vidro da janela, percebi a presença de alguém no quarto. O medo tomou conta de mim. Ouvi uma voz estanha em minha cabeça dizendo: “seja forte, precisamos de você!”. Virei e deparei-me com uma bela figura em pé, perto da porta. Não consegui distinguir se era homem ou mulher, mas possuía cabelos compridos de uma coloração clara e o rosto esculpido de uma inigualável beleza. Vestia algo como uma fina túnica, que deixava transparecer um corpo límpido.

O ser penetrou os meus olhos profundamente. Senti paz e alívio. Pedi para que eu o seguisse. A voz era calma e singela. Perguntei quem ele era. O movimento foi rápido. As asas se abriram em um piscar de olhos. A imagem mais impressionante que já vi em toda a minha vida. Um anjo. Olhei novamente pela janela. Alguma coisa muito ruim acontecia lá fora. Ouvi gritos e estranhos sons. Na minha cabeça, a voz do anjo apareceu: “É o derradeiro dia deste mundo, a batalha final. Precisamos chegar à última porta”. Estava bem próximo a mim e pegou a minha mão. Com o toque, senti o meu corpo flutuar. Ele me abraçou e saímos pela janela. Estávamos voando.

Um misto de sensações. Liberdade e medo. Porém o pavor sumia no mesmo instante em que sentia o calor vindo do corpo do anjo que me segurava. Não imaginava que o fim dos tempos seria assim. Observei o que estava acontecendo lá embaixo. Havia seres escuros nas ruas, indistinguíveis de longe. Lutavam com outros anjos, que carregavam reluzentes espadas. Contudo, os humanos também se digladiavam. Alguns pareciam possuídos por uma indescritível fúria; outros conjuravam palavras de ordem que derrubavam qualquer um que se aproximasse.

Perguntei ao anjo para onde estávamos indo. Paramos em cima de um prédio. Com um semblante apaziguador, olhou para mim e disse que estava me salvando. Falei que

também gostaria de lutar. Ele deu um leve sorriso. Contou que os preparados para a batalha já estavam escolhidos. Pessoas como eu precisavam ser levadas à última porta de salvação. Questionei o que era essa porta e fiquei atônito ao saber que era a última passagem aberta para o paraíso. Acabara de fazer trinta anos e nunca imaginei que teria um lugar no céu. Sempre levei uma vida contrária a alguns preceitos bíblicos. Acreditava em alguém superior, mas a minha fé nunca fora completamente expressa. Parecia que o anjo lia os meus pensamentos. Disse a mim que o julgamento divino era único e particular e que nunca deveríamos duvidar da atitude chamada misericórdia.

Com toda a revelação, senti a oportunidade de agradecer. No entanto, o anjo retrucou que a jornada ainda não havia acabado. Pegou novamente em minha mão e voltamos a voar. Dessa vez, o ar estava mais pesado. Nuvens escuras de fumaça se materializaram em frente e se transformaram em figuras malignas. Demônios em busca de suas vítimas. Eram seres quase humanos, porém com o corpo repleto de ferimentos e roupas esfarrapadas. Pequenos chifres tomavam forma em suas cabeças raspadas.

O anjo que guardava a minha vida segurou-me apenas por um braço junto ao seu corpo e com o outro desembainhou uma espada de algum lugar desconhecido. Os demônios queriam a mim. Senti um horripilante frio em minha alma. Estávamos cercados. O primeiro avançou sorrateiramente por trás, mas foi recebido com um impressionante golpe. O anjo era rápido e certo. Os outros demônios entraram na batalha e um por um caíram sob o gume da espada cintilante do meu protetor. Contudo, à medida que eram derrotadas, mais criaturas apareciam.

Os movimentos do anjo tornavam-se ágeis e rápidos e comecei a ficar tonto, agarrado ao seu corpo. Olhei para cima. Uma nuvem repleta de luz chamou a minha atenção. De repente, ouvi a música mais bonita já executada no mundo. O canto angelical fez com que as nuvens se dissolvessem, dando lugar a incontáveis anjos que se juntaram à batalha. Era uma visão impressionante. A cidade envolta em luz e escuridão. A luta entre o bem e o mal pelas almas deste mundo acontecia perante os meus olhos.

Depois de algum tempo, começamos a nos afastar. Outro anjo, tão magnífico quanto o que me guiava, aproximou-se de nós e disse: “Uriel, o tempo está acabando”. O guardião



apenas assentiu levemente com a cabeça e subimos, voando em alta velocidade. Nenhuma criatura nos seguiu. Sentia o vento forte passando pelo meu rosto, mas o que entorpeciam eram as emoções daquele momento. Estava sendo salvo e parecia que a minha vida era valiosa. Às vezes, questionava se eu realmente já fora importante para alguém da família, que me abandonara, e para os amigos, que eram poucos. Vivia uma vida pacata, sem muitas conquistas importantes e regada a pequenos prazeres exclusivos. Agora, alguém se importava e estava lutando por mim.

Enquanto contornava o meu momento de reflexão, sequer percebi que havíamos chegado a um lugar no céu acima das nuvens. Outra imagem impressionante. Uma enorme porta dourada suspensa estava aberta. O tamanho impressionava e jamais seria obra humana, tendo em vista a opulência e o brilho que emanava. Não era possível distinguir o que havia para além da entrada. Entretanto, outra batalha estava sendo travada diante da porta. Anjos e demônios enfrentavam-se. Aparentemente, os demônios tentavam impedir que os anjos adentrassem com os seus protegidos. Olhei para o rosto de Uriel. Ele retribuiu o olhar. Ouvi aquela bela voz na minha cabeça novamente: “não se preocupe, vai dar tudo certo”.

As palavras soaram como um acalanto, mas não conseguia entender como chegaríamos à porta. Subitamente, outros anjos apareceram perto de onde estávamos. Carregavam outros salvos. Avistei uma adolescente com o rosto assustado bem ao nosso lado e um homem de meia idade, mais adiante, que sorria como se estivesse chegado a uma festa. Em outra direção, um jovem rapaz também estava sendo carregado e uma mulher loira de rosto familiar. Não houve tempo para um reconhecimento. Os anjos que nos protegiam empunharam as suas espadas e seguiram em alta velocidade. Ao chegar bem próximo, Uriel subiu mais ainda. Parecia que o plano era achar uma forma de contornar o campo de batalha, pois os outros anjos também voavam em distintas direções sem impor combate.

Cada vez que tentávamos nos aproximar da porta, mais difícil parecia adentrar. A guerra entre anjos e demônios estava intensa. A visão que tínhamos do alto era assustadora. Contudo, Uriel permanecia firme em seu propósito. Percebi um arranjo corporal em meu protetor. Ele empunhou a espada com firmeza e segurou-me junto dele com mais precisão que antes. Olhei em volta e os outros anjos também preparavam-se para um movimento. Uriel, então, pôs-se a voar com uma rapidez

indescritível em direção à porta. A grande velocidade fez-me cegar os olhos. De repente, uma forte batida. Senti o meu corpo voar em alguma direção no céu. Uriel lutava com três demônios enquanto eu caía. A queda livre fora a pior sensação do mundo. Sabia que morreria e cheguei a perguntar a mim mesmo se ainda teria a oportunidade de atravessar a porta divina.

Quando passei pelas nuvens e comecei a avistar a cidade em ruínas, a mão angelical de Uriel segurou a minha. No entanto, algo estava errado. Uriel tremia e dessa vez não estava voando. O anjo estava caindo junto comigo. Lágrimas brilhantes escorriam dos seus belos olhos azuis. O medo, que outrora fora combatido, voltou com uma forte intensidade. Observei mais atentamente e fiquei horrorizado com o que vi. As asas de Uriel foram cortadas. O olhar dele penetrou o meu. Uma tristeza tão profunda, que senti o meu corpo todo arrepiar. “Eu peço perdão. Não consegui. A última porta foi fechada”. A voz de Uriel soou em minha mente como se fosse uma triste música. Naquele momento, eu não soube o que pensar, mas não o culpei. Apenas me perguntava o que aconteceria adiante. Vivi todos esses anos para encontrar a morte no dia do juízo final.

Estávamos a poucos metros do chão. O impacto seria forte. Fechei os olhos. Preparava-me para a dor quando senti um braço passar pelo meu corpo. Abri os olhos rapidamente. Outro anjo me segurou bem próximo ao solo e pousamos. Uriel também fora amparado a tempo. Os outros seres angelicais pareciam feridos, mas com as asas intactas ainda. Eram os guardiões que encontramos no céu. Eles também não conseguiram chegar à porta. Ao recuperar o fôlego, percebi a presença dos humanos. A adolescente, mais assustada ainda, sentada a um canto e o jovem rapaz, que tentava acalmá-la. O homem de meia idade, que outrora sorria, estava sério e aquela mulher loira de rosto familiar olhou para mim esboçando um leve sorriso amedrontado.

Comecei a observar o lugar e vi que estávamos em uma estrada deserta, entre uma grande parede de pedra e um abismo. Os anjos reuniram-se e conversavam sem que pudéssemos ouvir. Algo estava sendo decidido. Nenhum de nós falou nada por um bom tempo, até que uma voz angelical apareceu em nossas mentes. “O mundo caiu, mas ainda há esperança. No momento certo, o céu se abrirá novamente e iremos para casa. Agora, continuaremos juntos em uma jornada inesperada”. Os anjos estavam postos diante de nós e seguraram nossas

mãos. Assim seguimos andando pela estrada. Voar era perigoso. Aguardaríamos uma nova oportunidade de encontrar a salvação.



# A ÚLTIMA TENTAÇÃO

Rodrigo Barros

**A**garoa fina que esfriava à noite não condizia com o temporal que havia caído à tarde, deixando a cidade em estado de alerta. A igreja estava vazia, poucos fiéis apareceram para o culto. O pastor arrumava os últimos detalhes antes de ir pra casa, quando percebeu uma presença ante a porta. Já pensando em informar que estavam fechados, olhou para trás e sentiu um certo arrepio, como se aquela presença não fosse bem-vinda na casa de Deus.

— Boa noite, em que posso ajudá-lo?

O pastor observou a figura estranha daquele homem. Nada anormal, ainda que nunca o tivesse visto antes, ele estava vestido de maneira elegante, sapatos caros, uma gravata vermelha que contrastava com o terno negro. Apesar da vestimenta, ele estava encharcado, como se não tivesse como se proteger do forte temporal daquela tarde.

— Posso sentar-me?

Sem saber o que responder, o pastor pensou por alguns segundos e preferiu mostrar-se receptivo.

— Esteja à vontade, meu filho. A igreja já está fechando, mas faça sua oração enquanto eu termino aqui de arrumar as coisas, imagino que em dez minutos eu estarei de volta.

O homem sentou-se sem dizer uma única palavra, segurou o paletó com as duas mãos e espantou um pouco a água que carregava consigo. Pôs a mão no bolso interno do colete, tirando um maço de cigarros. Pegou o isqueiro e acendeu um deles, tragando fortemente a nicotina para os pulmões. O pastor sentiu novamente aquele calafrio.

— Senhor, me desculpe mas é proibido fumar na casa de Deus.

— Casa de Deus? — perguntou com um sorriso sarcástico.

— Sim, casa de Deus... estamos no Templo de S...  
— Antes que pudesse terminar o homem respondeu:

— De Silas?

— Do que você está falando? — perguntou o pastor assustado.

— Ora, você não se chama Silas? E não foi você quem construiu esse templo? — perguntou fazendo o sinal de aspas com os dedos, enquanto mencionava a palavra “templo” — Pois então, estou na casa de Silas, ou melhor, no Templo de Silas HAHHAHAHA!

O Pastor respondeu demonstrando irritação:

— Eu não o conheço, respeite a casa de Deus, e eu não lhe dou autorização para chamar-me pelo meu primeiro nome, para você eu sou o Pastor M...

— Ora Silas — interrompeu o homem —, pare de frescura, sabemos que somos íntimos, bem íntimos – disse dando um murro no banco da igreja.

O pastor agora tremia de medo, queria fugir dali. O olhar do homem parecia penetrar-lhe a alma, ele precisava arrumar um jeito de ir embora.

— Olha, não sei o que você quer, está tarde, o culto já acabou e preciso ir pra casa. O senhor poderia me deixar sozinho para fechar a igreja? Volte em outra hora.

O homem levantou-se e caminhou em direção ao pastor. Apagou o cigarro no banco da igreja e não se intimidou com o pedido para deixar o local.

— Eu irei embora, mas antes preciso fazer-lhe uma proposta, e imagino que você não a negará.

— Proposta? Que tipo de proposta? — disse o pastor, franzindo a testa.

— Você conhece a Bíblia, Silas? Leu toda a bobagem que lá está escrita?

— Bobagem? Você está blasfemando a palavra do Senhor! — disse o pastor, fingindo alguma autoridade

— Silas, cale-se, sua voz está me irritando. Apenas ouça, preste atenção, porque não voltarei aqui para lhe dar uma segunda oportunidade. Entre as muitas bobagens que os homens escreveram na Bíblia, poucas faziam algum sentido, ainda que de forma distorcida. Você conhece o apocalipse de

João? — disse o homem, apoiando nos ombros do pastor, fazendo-o sentar.

— Sim, eu conheço o apocalipse, a redenção final, quando o nosso senhor Jesus Cristo descerá à Terra e salvará os merecedores de sua compaixão.

— Olha Silas, essa sua ladainha me irrita, mas fico feliz que não precise explicar-te o apocalipse, transformaria esse papo em algo ainda mais chato. Serei breve, apesar de entenderem as coisas como querem e traduzirem pior ainda, a palavra “apocalipse” tem alguns significados. De uma forma geral, significa o fim do mundo como conhecemos. Claro, existem outros significados, como “revelação profética”, relacionada a um cataclismo em que as forças do mal vencem as forças do bem. Gosto particularmente dessa HAHAHAHA — debochou antes de prosseguir: — A questão toda é que para ter um vencedor e um vencido, precisamos de um confronto, e não existem guerras sem exércitos, concorda?

O pastor não sabia bem onde aquela conversa pararia, então apenas acenou a cabeça esperando o desenrolar da história.

— Então, nós precisamos de um exército, sem ele, não temos como vencer, aliás, nem mesmo como iniciar uma guerra.

— E você está aqui por quê?

— Não é óbvio Silas? Você é um soldado importante. Preciso de você liderando o meu exército.

— Um exército... tipo, contra quem?

— Silas, você será importante, mas é bem burrinho às vezes. Não está claro ainda? Preciso de um exército para enfrentar aqueles anjos malditos que ajudaram o Criador a nos expulsar do Paraíso!!!

Aterrorizado, o pastor levantou-se, mas antes que pudesse balbuciar qualquer palavra, o homem forçou-o a sentar-se novamente.

— Vamos deixar as coisas às claras, ainda que eu prefira as trevas HAHAHAHAAAA. Eu sempre estive aqui, eu sempre te ajudei. Sempre que você pediu para que Deus intercedesse em seu favor, era eu o responsável por “operar o milagre”, ou você acha mesmo que o seu anjo da guarda te ouvia? Ou que Deus estava disposto a te auxiliar para extorquir dinheiro dos pobres coitados que adentram a essa igreja para

ouvir sua ladainha? Pare de rezar em silêncio, não seja ridículo, o bundão do seu anjo da guarda não vai fazer nada, nunca fez, ele já desistiu de você. Ou luta ao meu lado ou estará no limbo!

— Deus nunca me abandonaria! Você não sabe o que fala...

— Cale-se, homem, pare de falar bobagem. Você prega todos os dias, lê a Bíblia todos os dias e nunca entendeu porra nenhuma? Deus já abandonou a humanidade diversas vezes, já inundou isso aqui, já destruiu civilizações inteiras, e traiu até mesmo aqueles que o ajudaram, sacanagem não deixar Moisés chegar à Terra Prometida, depois de tudo que fez, por uma bobagem. Não é mesmo?

— É que Deus tem sempre um plano, ainda que a gente não entenda...

— Sei, um plano para que um fique rico e o outro miserável. Um plano para que uma nação subjugue a outra. Um plano para inundar a Terra inteira e deixar viva apenas uma família que atendeu aos seus anseios insanos. Acorda Silas, Deus não está nem aí para um desgraçado ladrão como você! Você acha mesmo que depois de roubar tanta gente, ter vantagens sexuais de suas fiéis e etc., Deus estaria ali te esperando de braços abertos? Você é imundo, um lixo, ninguém em sã consciência abriria as portas do céu para um verme como você!

O pastor engoliu a seco, sabia que tudo o que o homem dizia fazia sentido. Mas trair Deus era outra coisa. Ele não faria um pacto com o demônio, aliás, essa era a dúvida, ele seria o próprio Satanás?

— Você diz que me conhece, mas eu não sei quem você é, eu nunca lhe vi na vida, porque daria ouvidos às suas sandices?

— Existe uma coisa muito engraçada nas religiões dessa parte do mundo, vocês acreditam mesmo que podem viver sem o equilíbrio, sem algo para testar de que lado você está. Todos tem um anjo da guarda disposto a protegê-los? Pois bem, todos tem também um anjo caído guiando os seus passos, se há o bem, tem de haver o mal, não é óbvio? E quem mais poderia protegê-lo que não eu?

— Você está me dizendo que você é o meu demônio da guarda?



— HAHAHAHA porra Silas, quantos anos você tem? Cinco? Eu sou aquele que lhe protege e dá forças para que tudo aquilo que deseja seja alcançado, e sabemos bem o que você almeja: DINHEIRO! Nada é mais importante pra você do que dinheiro e poder, é por isso que lidera esta igreja, é para isso que cobra o dízimo, por isso tornou-se político e foi eleito até com certa facilidade. Você precisa de mim para dizer exatamente o que aqueles miseráveis querem ouvir!

O pastor abaixou a cabeça e segurou-a com ambas as mãos, tentando entender tudo aquilo que estava ouvindo.

— Você sabe que não há possibilidade de um homem que idolatra a avareza como você entrar nos reinos dos céus. O filho daquele cretino veio à Terra para pregar o amor, e o que você fez a vida inteira? Incitou o ódio, atacou homossexuais, prostitutas, difamou fiéis, derrubou outros pastores, fez o possível e o impossível para estar onde está. A grande questão é onde você quer estar quando tudo isso acabar? Você pode estar ao meu lado, no momento oportuno e viver com todos os pecados que tanto ama à sua volta, e claro, sempre envolto em muita riqueza que é o seu sonho. E não pense que esses miseráveis que aqui aparecem para “falar com Deus” estarão ao lado dele no paraíso, serão outros desgraçados como você, esquecidos aqui na Terra, mas poderão fazer parte do meu exército e é para isso que confio em você. Claro, você pode negar, e quando tudo estiver acabado, será mais uma das almas desgraçadas a viver sobre o meu açoitado por toda eternidade.

O pastor engoliu seco, sabia que teria poucas chances de viver ao lado direito do Pai. O reino celestial não era para ele. Pensou por alguns instantes, enquanto um silêncio sepulcral alimentava o recinto. O homem acendeu outro cigarro, fumou por alguns instantes e levantou-se, preparando-se para ir embora.

— Pense em minha proposta, espero uma ligação amanhã – disse, retirando do paletó um cartão de visitas.

O pastor pegou o cartão, leu cada frase e ficou surpreso sem entender bem a atividade em si.

— Souza Associados? Espera aí, você é um demônio ou um advogado? — perguntou inseguro.

— Ora bolas Silas, eu preciso estar perto de vocês aqui na Terra, cuidar de vocês, salvar pedófilos, assassinos, sequestradores e etc. Minha profissão ajuda muito a formar

agora o exército que preciso. A propósito, quando me ligar amanhã, aceitando minha proposta, procure pelo Doutor Lúcio Fernando Souza, advogado. Minha secretária nos colocará em contato. Depois não precisa mais me chamar assim, lembre-se, somos íntimos desde sempre, chame-me apenas pelo meu nome: Mamon — disse o demônio, deixando a igreja em seguida, sem esperar qualquer resposta de Silas, que ele sabia ser positiva, mas aguardaria o dia seguinte.

# AS TROMBETAS ANTES DO FIM

Angela Molognoni

**J**onas estava com seu fone de ouvido, enquanto Johnny Cash cantava com sua voz grave que havia um homem por aí anotando nomes. Batia os pés no chão no ritmo da música, com a atenção voltada para o celular. As notícias falavam da grande guerra: a terceira, que eclodiu há um ano e já havia devastado metade do hemisfério norte. Pela primeira vez os americanos foram atacados em seu próprio território e agora ocupavam bases no Brasil. O governo brasileiro, em uma atitude ufanista, aliou-se aos Estados Unidos e Israel em uma cruzada contra os árabes, que colocaram as grandes cidades brasileiras na rota dos atentados a bomba. E quando todos achavam que os russos já não tinham mais poder fogo, aliaram-se à China. Juntos, instalaram bases avançadas na Venezuela, que agora era um território ocupado. Jonas passou para a segunda dobra do site, com fotos estampadas de crianças esqueléticas na África, Índia e América do Sul, países que sofriam mais com a falta de comida do que com bombas. Suspirou, cansado.

Uma pessoa ao seu lado tossiu e ele ajustou a máscara que usava. Todos nas grandes cidades usavam isso, agora. Além de a poluição ter aumentado vertiginosamente na última década, com o ar pesado e difícil de respirar, uma cepa do vírus da gripe tinha-se mostrado altamente letal. Alguns milhões já tinham morrido e os hospitais estavam abarrotados de doentes. Os pelos de seu braço vão se arrepiar, cantava Cash. E nesse momento, a pele de seu braço retesou.

Notou que as pessoas se avolumaram nas janelas do ônibus, com as bocas abertas em círculo, dedos apontados para o céu cor de sangue, as nuvens remexendo-se furiosas, como se uma tempestade grande se aproximasse.

Um dos passageiros gritou de puro terror. A primeira coisa que reparou era na cor escarlate do céu, embora fosse três da tarde e aquilo só era visto no pôr do sol. Tirou os fones de ouvido e também se aproximou da janela. As pessoas na rua pararam, incrédulas. Motoristas abandonaram os carros para melhor fotografar e filmar, especulando o que significava aquilo.

As nuvens concentraram-se em um desenho circular, ganhando uma coloração roxa, impossível de imaginar no céu de abril. Ouviu-se um estrondo forte, tão alto como uma grande explosão, e todos jogaram-se no chão, protegendo os ouvidos. Por todo lado ouvia-se gritos desesperados de pessoas fugindo, crianças chorando por suas mães. Jonas desceu do ônibus seguindo a multidão, tentando não esbarrar com ninguém, mas sendo levado pela massa histérica na calçada. Outro grande estrondo, mas dessa vez Jonas reconheceu notas musicais, embora o barulho fosse quase ensurdecedor.

As nuvens que tinham formado um círculo perfeito no alto do céu começaram a ficar mais escuras, quase negras. E do horizonte uma névoa começou a tomar tudo, espalhando um manto acinzentado, cobrindo o topo dos arranha-céus, descendo ao chão pouco a pouco. Do grande círculo no céu, que agora não estava mais visível devido a neblina, veio mais um som que tremeu a terra.

— Trombetas.

Jonas sussurrou para si mesmo. A imagem de quatro cavaleiros surgiu do centro do círculo, O primeiro vinha em um cavalo branco, munido de um arco e uma coroa brilhante. O segundo era vermelho, carregava uma espada encharcada de sangue. O terceiro era negro, trazia uma balança. E o último vinha em um cavalo descolorado, com o rosto de caveira e vermes passeando pelos ossos. As pessoas tentavam fugir, mas os cavaleiros espalharam-se pelos quatro cantos do céu. Jonas correu pela rua, tentando encontrar algum abrigo. Entrou em um beco e encontrou a porta dos fundos de um prédio aberta. Tirou a máscara que usava com raiva. Era inacreditável o que tinha acabado de ver. Pegou o celular, mas o aparelho estava desligado, como se toda a bateria tivesse acabado. Foi até o interruptor e a lâmpada não ligou. Além dos gritos desesperados das pessoas, não ouvia som de carros. Era como se tudo o que fosse feito pelo homem tivesse simplesmente parado de funcionar.

Então, nas sombras uma figura apareceu. Era um homem, embora seu rosto estivesse parcialmente coberto por um pesado capuz negro. Sua voz grave mandou que não se assustasse.

— Precisamos de você Jonas. É a hora da grande guerra.

— Mas já estamos em guerra!

O homem deu um passo à frente. Seu rosto era pálido e os olhos negros pareciam um abismo.

— Não. Isso que vivem é apenas as consequências de sua arrogância, seu desrespeito, sua falta de fé. Mas nem todos são assim e você é um dos eleitos. Venha Jonas, é hora de vencer o grande mal.

Ele deixou a capa que cobria seu rosto e corpo para revelar uma armadura de um cinza chumbo, bastante desgastada pelo tempo. Seus cabelos compridos eram tão negros quanto os olhos. Parecia-se com um vampiro dos contos de terror que lia.

— Quem é você?

— Eu sou Miguel.

— O anjo?

Ele sorriu, mas isso fez seu rosto parecer ainda mais feroz.

— Como quiser.

Miguel estalou os dedos e Jonas se viu envolto de uma luz azulada tão forte que teve de fechar os olhos. Quando os abriu, viu que estava em um descampado, acompanhado de milhares de outras pessoas. Milhões, na verdade. E elas estavam igualmente confusas. Pareciam vir de todos os cantos da Terra, falavam línguas diferentes. No alto do céu, no entanto, a luz concentrou-se e surgiu a figura de Miguel. Quando ele falou, parecia que sua voz estava dentro de sua cabeça. Todos fixaram os olhos nele.

— O dia do juízo final chegou. Os quatro cavaleiros estão na Terra, recolhendo os espólios da guerra. E Satã comanda os grandes exércitos dos homens. Vocês e minha legião de anjos são os únicos que podem impedi-los.

Jonas sentia o tremor que aquela voz provocava no solo, nas pessoas, no ar à sua volta. Sentia seu próprio corpo encher-se de uma energia estranha. Um calor espalhou-se pelo seu peito. Desviou os olhos para a esquerda e viu o céu de abrir novamente. Milhares de figuras de armaduras caminhavam nas nuvens, com cabelos tão longos quanto os de Miguel ondulando ao vento, espadas afiadas tilintando ao sol. Na sua mente uma pergunta se formou e ao mesmo tempo ouviu a resposta na voz de Miguel.

— Não há armas com as quais lutar. É de seu sacrifício que precisamos.

Jonas engoliu em seco. Lembrou-se da mãe, dos irmãos. Dos amigos com quem queria mais uma vez conversar. Da namorada, para a qual queria pedir desculpas por não dizer todos os dias que a amava. Mas se a vida deles dependia da sua, estava disposto a dar.

Sem entender o porquê, pegou a mão da mulher ao seu lado. Era uma chinesa que tinha lágrimas nos olhos. Sorriu para ela. Ela pegou a mão do homem ao lado e assim por diante, formando uma gigantesca corrente humana. Do outro lado do céu, uma fenda surgiu. Os exércitos vermelhos do inferno vinham em ondas, com os Cavaleiros do Apocalipse à frente, trazendo nos rostos toda a fúria. Eram em maior número, pelo menos 10 vezes mais. Jonas fechou os olhos, buscando na memória aqueles a quem amava. Então sentiu o pescoço queimar e viu a corrente com o crucifixo ficar incandescente, emitindo uma luz intensa. Olhou para os lados e viu que todos ali também usavam crucifixo e que também emitiam uma luz forte demais para fixar os olhos.

Os exércitos do inferno avançaram sobre os anjos, mas a luz dos crucifixos criou uma espécie de campo de força. Eles se chocaram contra eles e pulverizaram. Enraivecidos, passaram a atacar as pessoas.

— Não soltem as mãos!

Era difícil manter-se firme, quando via a Morte cavalgando ao seu encontro. Mas nenhum deles soltou a mão, até o último instante, quando a luz os envolveu e sentiram ser carregados pelos mesmos anjos que ajudaram a proteger.

# CÉU CARMESIM

Wallacy Ryan

**T**udo estaria normal se o céu não estivesse vermelho. Acordei com curiosidade e pensando que se tratava de algum fenômeno celeste passageiro, mas em instantes, ao ver as notícias do dia, percebi que o não era, e que ninguém sabia a causa. Cheguei ao parapeito da janela do meu apartamento e observei o céu rubro e vi que vários pontos escuros pairavam imóveis, em algum lugar muito alto, como moscas presas numa poça de sangue.

Mesmo com tudo o que acontecia, decidi que o mais sábio seria ir ao trabalho. Peguei minha mala, coloquei meu terno, e dirigi até o escritório. No rádio alguns falavam sobre uma nova arma dos Estados Unidos, outros afirmavam que era da Coreia, alguns criam piamente que se tratava da chegada de alienígenas, crentes fervorosos falavam do fim do mundo. Talvez fosse apenas resultado do aquecimento global, pensei.

Fosse o que fosse as pessoas estavam em pânico. Todos os supermercados e farmácias por que passei estavam lotados e as pessoas pareciam bravas; caixas tentavam acalmar os clientes. O trânsito estava pior que o normal. Alguns postos de gasolina davam os primeiros sinais de filas, mas elas não pareciam se mover.

Deixo o meu carro no estacionamento e ele está quase vazio. Subo ao meu escritório e passo por alguns colegas que reunidos encaram a televisão. O fenômeno do céu vermelho não foi previsto por cientistas, diz o jornalista em plantão. Fecho-me em minha sala, sento em minha poltrona reclinável e, com um suspiro de cansaço com aquilo tudo, abro minha mala, me preparando para ler processos entediantes e monótonos.

Mas há algo diferente. Pego os papéis com descrença. Seria uma pegadinha? Mas ninguém entrou no meu apartamento, e ainda ontem à noite eu havia passado os olhos por alguns daqueles documentos. E ainda assim agora estão em branco. Ligo o computador e vasculho arquivos antigos, mas todos foram apagados também. Há algo diferente nesse dia, percebo afinal. O céu vermelho não é só o céu vermelho.

\*\*\*

Passaram-se duas horas e meus colegas no escritório ligam para suas famílias e pedem que não saiam de casa sob condição alguma. O jornal noticiou que, sem motivo algum, todos os detentos haviam saído das prisões. Também sem motivo algum as grades haviam amanhecido abertas, e os carcereiros não pareceram interessados em prender ninguém. O fenômeno dos documentos jurídicos em branco — averiguamos perguntando a colegas de outros escritórios — atingia toda a cidade. Em supermercados, farmácias e postos de gasolina as transações não eram aceitas. Então as pessoas começaram a saquear. A polícia foi chamada, mas não atendeu ao chamado. De início atendiam às ligações e afirmavam que tudo ficaria bem, depois nem isso. Contribuía para o desespero que os pontos negros contrastando o céu vermelho se aproximavam lentamente do solo. Ainda eram amorfos, mas havia teorias: meteoros, naves, aviões cheios de bombas, rasgos na realidade. Fossem o que fossem não eram detectados por radares, telescópios e lunetas se quebravam ao mirá-los e os satélites não produziam imagens claras.

\*\*\*

Ao meio-dia todas as comunicações cessaram. A TV e o rádio ficaram estáticos, a internet caiu e chamadas telefônicas não eram completadas.

Eu e os colegas que permaneciam no escritório conversávamos como nunca antes havíamos conversado. Ouvi desabafos sobre filhos, sobre sonhos nunca realizados, sobre como nunca quiseram trabalhar aqui. Lágrimas de homens que nunca choraram foram derramadas, pessoas brigadas fizeram as pazes e em certo ponto todos nós nos abraçamos. Havia uma certeza de morte que nos unia. Eu queria ter alguém por quem sofrer.

Uma estagiária notou que as sombras não se moviam, e o Sol vermelho continuava na mesma posição em que estava desde que o dia havia amanhecido, como se a Terra houvesse parado de girar. Imediatamente após dizer isso, a luz se apagou: eletricidade cortada. Isso aumentou o pânico entre nós. A sociedade parecia ruir de modo que só pensávamos ser possível — ao menos a maioria de nós — em uma ficção.

As leis que inventamos para governar nosso mundo estavam desaparecendo, eu apresentei essa conclusão a todos.



Corri até a estante do meu escritório e trouxe dois livros de volta para provar: a Constituição e A Divina Comédia. Apenas a Constituição estava em branco. O Estado como o conhecíamos fora abolido, as forças coercitivas haviam deixado de existir, estávamos voltando ao estado de natureza — e agora descobriríamos a verdade sobre a bondade ou a maldade do homem.

\*\*\*

Somente às três da tarde houve consenso entre eu e os cinco outros que sobravam no escritório sobre o que pairava nos céus. Não eram mais pontos negros abstratos; agora suas asas, acopladas em um corpo humanoide, eram completamente discerníveis. Uns trajavam longos robes dourados e carregavam tridentes, outros longos robes brancos e carregavam cetros. Deviam ser anjos e demônios. Mas não se moviam. Continuavam sua lenta queda em silêncio encarando seus respectivos inimigos sem piscar, como se esperassem que o outro risse.

A lei dos homens, eu afirmei ao grupo, fora abolida. Agora apenas as leis naturais e divinas existiam, a física e a moral. Isso me abatia. Aos outros também. Se havia moral religiosa entre os homens, devia estar corrompida, porque lá embaixo, nas ruas, se ouviam muitos gritos, muitos deles precedidos de tiros. Será que os presos haviam invadido as delegacias e roubado as armas? Ou pior, será que os cidadãos de bem estavam fazendo isso? Poderiam ainda ser chamados assim — cidadãos de bem — exibindo tal comportamento? Eu tinha medo de que, a qualquer momento, algum louco começasse a bater à porta do nosso escritório, derrubasse-a e, por puro prazer, disparasse tiros de espingarda contra todos nós. Eu mesmo pensava em descer e procurar uma arma para mim e sair atirando em quem quer que apareça na minha frente, só por precaução, só porque a melhor defesa é o ataque.

\*\*\*

Quando Sodoma e Gomorra foram destruídas, não havia mais nenhum homem bom e fiel a Deus na cidade. Enquanto houver um homem assim em nossa sociedade, eu penso enquanto vejo os anjos e os demônios agora tão perto que tocam os arranha-céus, tudo ficará bem. A batalha final será vencida pelo exército dos justos.

Com essa crença pouco solidificada em mente peço licença aos três amigos que ainda estão no escritório e me retiro

para minha própria sala, não sem antes ouvir um aviso de “não faça nenhuma besteira”. Olho os papéis em branco, espalhados na mesa, e os milênios de construção do Direito me vem à mente, e com uma dor percebo que foram apagados de mim também. Algo sobre Roma e algo sobre Sólon, algo sobre positivismo é algo sobre Vade Mecum permanecem em algum canto do meu cérebro, mas as informações estão se perdendo, como a Lei das Doze Tábuas havia se perdido em séculos de História. Sinto uma tontura, fecho meus olhos e vejo uma luz, uma luz forte e clara como devia ser aquela do Sol em um dia comum.

— A Moral é fraca. A sanção da Moral acontece na mente, e a mente dos homens é volúvel e fraqueja frente a vontade de agir.

Eu sei que é o Anjo Gabriel quem fala comigo, tenho sua voz comigo desde sempre, mas nunca a ouvi. Vem-me uma revelação.

— Eis-me aqui o servo do senhor — digo sem pensar. Meus olhos estão cerrados e não se abriam nem sob imensa força de vontade. A luz é quente como o fogo, mas não me queima.

Ouçõ uma comoção do lado de fora da minha sala. Meus amigos gritam perto da janela. Os anjos e os demônios estão quase tocando o chão agora, eles dizem.

— Deves criar uma Lei. Uma que guie o novo povo pelo devir.

Água molha meus pés, sobe até meus tornozelos, e então aos meus joelhos.

—Todo fim é apenas um novo começo — diz o Anjo Gabriel, meu velho amigo.

Estão se mexendo, estão se mexendo! — gritam meus amigos.

Abro meus olhos.

“URRÁ!”

Um grito de guerra atravessa toda a Terra.

# DESAPEGO

Rodrigo Ortiz Vinholo

**H**avia algum tempo que João havia parado. O catador de papel por muito tempo havia seguido a mesma rotina: caminhava pela cidade, puxando sua carroça de madeira. O corpo de aparência frágil, com a pele curtida pelo sol e pela poluição, parecia sempre que cederia ao esforço, mas nunca aconteceu.

Nem na ocasião em que foi atropelado, nem quando deixou de ter residência fixa, com todas suas posses existindo naquele carrinho. O corpo de João não desistia, e nem o fazia seu espírito. Isso, ele mesmo percebia, era menos por determinação pessoal e mais por um tipo de força do destino: era o que sabia fazer, o que tinha que fazer, o que podia.

Nem corpo ou espírito sofriam com a coleta, transporte e entrega de papelão pela cidade, porque ambos eram muito magros para sofrer, muito pouco em termos de existência e, ainda, ambos existiam com o mesmo objetivo. Sofrimento era para quem tinha maiores ambições, e João já não se lembrava quando era que essas haviam deixado de habitá-lo. Tudo que tinha era sobrevivência.

Havia alguns suprimentos na carroça. Roupas, garrafas, comida, algumas bugigangas que encontrou pelo caminho. Andava pelas ruas, pegava papelão onde encontrasse ou onde lhe cedessem, vendia em alguns postos de coleta, se alimentava com o dinheiro, dormia na carroça, repetia o processo, dia após dia.

Um dia, parou.

Não pensou muito onde ia parar. Apenas parou em um canto. Esse era um daqueles pontos da cidade de São Paulo que não era uma coisa nem outra, próximo a uma grande avenida onde conviviam tanto incontáveis prédios comerciais quanto residenciais, sem falar em um comércio de rua consideravelmente movimentado. João escolheu parar sua carroça ao lado de um muro imenso que ladeava a avenida, em um ponto entre uma escola e um shopping center pequeno.

No começo, os que ali moravam ou trabalhavam estranharam. Um ou dois dias podiam se justificar, mas depois de uma semana, João claramente não tinha planos de sair de lá. Por outro lado, não podiam dizer que ele estava incomodando alguém, já que, mesmo ocupando o canto da calçada, mesmo com o papelão acumulado e as roupas espalhando um cheiro estranho, João conseguia fingir que as outras pessoas eram tão invisíveis quanto as outras pessoas pareciam fingir que ele era invisível.

Passados alguns meses, ninguém mais questionou o direito de João àquele cantinho da calçada. Se a zeladoria urbana não se incomodava — do mesmo modo como ignoravam os canteiros destruídos, o piso rachado e as árvores cheias de pragas — que direito tinham eles de fazê-lo?

Mas havia uma curiosidade: como é que João sobrevivia, se não saía de lá com sua carroça?

A verdade era que ele havia percebido que seu esforço era desnecessário. Que o papelão era desnecessário, e as roupas e a casa que era aquele carrinho e seu conteúdo. João havia percebido que podia viver das frutas dos parques da região, da água da chuva e do que conseguisse prestando pequenos serviços ou, em último caso, nas ricas lixeiras dos prédios de classe média alta. Ele não se importava.

Podia passar o dia inteiro fora, trabalhando, caminhando, coletando, e voltar para seu carrinho, que estaria intocado, junto ao muro entre a escola e o shopping, ao lado da avenida.

João não pensava muito sobre a própria situação, nem sobre a sobrevivência, e nesse sentido estava em paz. Por isso que, quando viu movimento no céu e na terra, e o pânico nos moradores da região, não se importou. Também não se importou quando viu as espadas flamejantes que, acima de sua cabeça, chocavam-se com tridentes.

Se aqueles que moravam ou trabalhavam na região não estivessem preocupados com os próprios destinos e almas, talvez notassem e estranhassem a tranquilidade aparente do ex-catador de papel, encostado com seu carrinho no muro que seguia inteiro, ainda que a igreja da escola de um lado tivesse sido queimada e um vazamento de gás tivesse explodido o shopping, do outro.

Era o fim do mundo, mas João não se importava, pois não tinha nada a fazer a respeito daquilo, nem qualquer expectativa maior do que o fim inevitável que se oferecia. Talvez tivesse sido a única vez em que conscientemente elaborou a lógica de seu comportamento, colocando-a em palavras para si mesmo, quando decidiu que não se envolveria em um sentido ou no outro, porque aquilo certamente lhe traria apenas o sofrimento que havia em qualquer querer.

Sair do abrigo do carrinho poderia significar uma morte mais rápida. Ficar, também, mas ao menos teria conforto antes de seu fim. Tinha água ali. Tinha comida. Então sentou-se e admirou as criaturas angélicas e os demônios e as chamas, luzes e escuridão que via ao seu redor. Os gritos, o crepitar e todos os ruídos da batalha não o incomodavam tanto. Havia se acostumado a dormir ao lado de uma avenida movimentada, isso era até menos ruidoso.

Foi durante esse pensamento, enquanto sentava-se e sorria, que surgiu o jovem de cabeça raspada, com apenas um tufo de cabelos castanhos amarrados na nuca. Ele vestia uma túnica de um laranja que chamava a atenção mesmo em meio ao caos, e vestia sandálias e um colar de contas. Em seu rosto, havia uma expressão de pânico, como muitas que João havia visto em outras pessoas que se deparavam com o próprio fim.

Mas aquele rapaz, além das roupas e do cabelo, tinha uma diferença marcante das outras pessoas: ele parecia ter notado João. Mais do que isso, ele parecia ter interesse em conversar com o ex catador de papel.

— Boa tarde, senhor — disse o rapaz, a fala pacífica, com um tom levemente ensaiado de quem já havia abordado tantas outras pessoas antes. — permite que eu lhe faça uma pergunta?

João não mudou o sorriso, nem largou a garrafa d'água que segurava. Apenas voltou o rosto para o rapaz, falando apenas suficientemente alto para que sua voz se fizesse ouvir acima da balbúrdia ao redor.

— Fala, moço.

— Eu... — O rapaz hesitou, parecendo claramente conflitado, e tentou procurar as palavras que queria.

Como se fosse uma deixa, o anjo e o demônio que lutavam metros acima voaram baixo, trocando golpes. Os dois

passaram longe de João e do jovem, mas a nuvem de enxofre e as fagulhas que se espalharam pela calçada foram o suficiente para que o recém-chegado se jogasse ao chão, desesperado. O ex-catador de papel não se moveu. Apenas continuou sentado, sorrindo.

— Você não tem medo? — perguntou o rapaz, espichado na calçada, as mãos ainda cobrindo a cabeça.

— Medo? — retorquiu João, como se o conceito lhe fosse completamente estranho.

— Não sente insegurança frente a tudo isso? — E, sem esperar resposta, colocou-se de pé, enquanto seguia em uma explicação que ninguém havia lhe pedido. — Eu... tinha minha visão de espiritualidade, entende? Eu sou... eu era um... Bem, não importa. Não consigo mais ver as coisas como via antes. Não frente a isso.

— Isso?

O monge, ou ex-monge, franziu a testa e, abrindo os braços, indicou amplamente a cidade, as chamas, a destruição, os anjos e os demônios.

— Isso! Isso que está aí! Tudo isso! — Sua voz saiu desesperada, desafinando-se.

— Ah.

Gritos. Um carro, no sentido oposto da avenida, surgiu em alta velocidade e chocou-se com outros que estavam acidentados. Uma explosão fez-se instantaneamente. Não havia chance de sobrevivência para quem estivesse lá dentro. Os dois encararam a cena, imóveis.

— Nós vamos morrer, não vamos? — perguntou o jovem.

— Alguma hora, vamos sim.

— Eu achava que não tinha medo da morte — continuou o monge, como se não tivesse ouvido João. Seus olhos estavam fixos nas chamas. — Eu achava que estava pronto para isso.

— O que você tem a perder?

A pergunta fez o rapaz piscar. Virou-se devagar para o ex-catador de papel, que o encarava com uma expressão divertida.

— Se você morrer, o que você perde com isso?

— Já não tenho nada — respondeu o jovem, quase sem pensar —, mas eu tinha minhas convicções, e tudo isso ao redor... Tudo é diferente delas.

— Eu também não tenho nada. Ou melhor, o que eu tenho, eu não me importo em ter. Nem convicções.

João estendeu a garrafa d'água ao rapaz e indicou o espaço a seu lado. O jovem aceitou a oferta e sentou-se no canto da carroça, cambaleante, quase caindo no processo.

Trombetas ressoavam no céu. Mais gritos. O anjo e o demônio que viram antes voavam novamente sobre suas cabeças. Ou talvez fossem outros. Era difícil dizer.

— O material é maya, é ilusão — começou a recitar o ex-monge. — Todos os seres vivos são almas, presas a um ciclo de nascimento e morte denominado samsara. É durante a vida material que se pode desenvolver a consciência, servindo com amor espontâneo para reviver a consciência espiritual original adormecida e, desenvolvendo uma conexão com Krishna, superar o samsara. Por isso é importante ter desapego.

Ele virou-se para João, com pesar no olhar.

— Ahn? — Foi tudo que o ex-catador conseguiu responder.

— Eu não deveria me importar em morrer, em perder este corpo. Mas eu me importo, se o que for acontecer é diferente do que eu achava que aconteceria.

— Então você tem alguma coisa. Você tem apego.

O jovem bebeu da garrafa d'água, evitando o olhar de João.

— Tem razão. Quando não se tem mais nada, não se perde nada. Eu tenho medo de perder porque tenho alguma coisa, e assim eu perco.

João refletiu por um instante a inversão, até responder:

— É mesmo.

Um ruído. O ex-monge saltou, olhando para trás, o ex-coletor voltou-se lentamente na mesma direção. O muro estava rachando.

— Não se preocupe, não, menino. Tudo bem.

— Como?

— Você pode acreditar na sua espiritualidade, no seu deus, sei lá. Tudo bem. Mas se você tentar provar que ele é diferente de tudo isso, não vai mudar o fogo daquele prédio, ou as crianças que morreram, ou esses bichos se matando.

Um estalido, e a rachadura no muro aumentou, então toda a estrutura cedeu, para trás, deixando a carroça de João desprotegida, ainda que intacta.

— Você acha que fará alguma diferença, agora? — perguntou o rapaz. — Eu costumava acreditar em anjos e demônios, e agora acho que acredito de novo. De qualquer maneira eu não acho que poderia ir para o inferno. Sempre fui bom. E fui diligente e justo em minhas práticas ascéticas, até que não fui mais.

João sorriu seu sorriso desdentado.

— Se os demônios ganharem acho que tanto faz isso. Acho que se os anjos ganharem, mesmo quem é ruim se dá bem. Eles estão lutando por nós, eu acho. E se não tiverem, não muda nossa situação.

— Tem razão. E agora?

— E agora, nada. Ou nós sofremos mais com isso, ou não sofremos. Não adianta sofrer, enquanto isso, então nem precisamos pensar nessa escolha.

O ex-monge passou a garrafa d'água de volta para João, que tomou mais um gole. Os dois continuaram olhando a luta acima de suas cabeças. A espada cortou o demônio, que caiu, espalhando sangue impuro pelo asfalto da avenida. Um pouco ao lado, uma rachadura enorme se fez e três outros surgiram, imediatamente voando em direção ao anjo, que seguiu lutando. Em algum lugar distante, mais trombetas angelicais ressoavam.



## DUELO MAL PLANEJADO

Luciana Brune

**F**amília reunida para o jantar, o pai ouve um chiado no ouvido, muda a expressão da face, levanta-se, corre ao quarto, em que no ponto mais do alto do armário encontra-se aquilo que seria responsável por deixar o frango esfriar sobre a mesa. Ouvem-se três estrondos, altos, em sequência, e as poças de sangue formam mosaicos pelo chão limpo, branco e brilhoso da sala de jantar. Um grito de NÃO ainda tentou impedir as forças do além, porém sem sucesso.

Passam-se alguns segundos e o desespero toma conta daquele ser, que após novamente lúcido, não entende de que jeito disparou os cartuchos daquela arma comprada para garantir a segurança da família que até então tanto amava. Por alguns segundos, o demônio mudara o rumo daquela história e de todos os sonhos que tinham nascido e crescido naquele lar. Inconformado, sai ele desesperado, mais uma bala a procurar, para com a própria história acabar. Afinal, não saberia lidar com aquela memória recente e agora tão presente.

Nas escolas, alunos tomados pelas forças ocultas dominavam suas professoras e comandavam tribos que executavam aquelas que não faziam parte da ala do domínio. O maior exército era aquele que já vinha, discretamente, há algum tempo, avançando sinaleiras, com assaltos, roubos, homicídios, estupros... A divisão era clara e naquele grupo reinavam aqueles historicamente privilegiados pela força física, detentores do domínio sobre as frágeis mulheres.

A guerra havia sido anunciada, mas poucos tinham entendido. Já era proibido falar sobre gênero nas escolas, aborto passara a ser crime mesmo em casos de estupro, violência obstétrica tornara-se palavra proibida no dicionário daquele país. Nas igrejas, a regra voltara a ser jurar submissão a ele. Tantas lutas para conquistar espaço ao longo dos anos tinham sido em vão. O retorno parecia ainda mais cruel. Poucos anjos sussurravam ao ouvido das mais fortes, dando forças para que continuassem fazendo o bem e multiplicando o amor e a bondade tão presentes na maternidade. Mas isso não bastava.

A cada dia, mais e mais delas eram encontradas em valas e valetas, jogadas e enterradas ao além.

O cenário era de eminência do fim dos tempos. Egoísmo, individualidade, maldade, crueldade e outros adjetivos dominavam as mentes da maioria. O exército do mal estava cruzando fronteiras e se aproximando da linha de chegada. Quem não estava do lado certo não cruzaria o deserto.

Ninguém entendia muito bem de onde vinham tanta maldade e ódio. O fato é que, num passe de segundos, o ser mais meigo e inocente cometia atrocidades que ele mesmo tinha dificuldades em entender ou explicar. O porte de armas fora liberado como estratégia para a autodestruição. Ação bem planejada para que o objetivo fosse alcançado da forma mais ágil possível.

Mariah era uma das poucas que resistia e persistia lutando. Iluminada pela anja Jaé, protegida a cada passo diário, salvara centenas de meninas, das mais pequeninas às estudantes, escondendo-as num calabouço cor-de-rosa, onde temporariamente encontravam paz, alimento e carinho. Mas a velocidade da sua ação não era suficiente. A cada ciclo de 24 horas, mais e mais dias amanheciam sem que inúmeras mulheres pudessem sentir o calor do sol.

A ordem da era dos dominantes era acabar com todas elas, já que algumas tinham se revoltado tanto contra o sistema. Antes de iniciar a revolução, se achavam as mais fortes, independentes e autossuficientes, o que soava para eles como ameaça, pois elas não poderiam ser superiores e dominantes. Amedrontados pela força do ventre, eles estavam cada dia mais frágeis e suscetíveis à influência externa. Dominados por segundos de chiado e o fervor percorrendo seus corpos, agiam como discípulos do diabo.

O tempo passava rápido e com tantos corpos estirados ao chão, novas doenças surgiam e aceleravam o processo de extinção do planeta. Mariah seguia firme com seu propósito de salvar a humanidade, em especial cada mulher, independente da idade, cor, profissão ou região em que habitava. Afinal, sem elas, não restaria calor humano sobre a esfera terrestre, nem ficaria resquício da espécie ora guerrilheira.

Tudo ocorria de forma muito rápida, com remotas possibilidades de reação. A comunicação tradicional já tivera sua credibilidade difamada e, agora, a plataforma presente em

cada tela de celular era gerenciada por eles e assim permitia o povo adestrar.

Chegou a hora em que sequer restou aquele recanto rosa, ou qualquer outro, azul, vermelho, amarelo ou laranja. Chegou o dia em que restara ela, somente ela, Mariah, momento em que o demônio rei quis apossar-se de seu corpo para em desespero garantir a continuidade da sua prole. Naquele instante, caíra-lhe o manto da doce ilusão, que o fazia acreditar que era autossuficiente.

Sem saída, anja Jaé incorpora aquilo que seria a ação natural do demônio, coloca um revólver entre as mãos de Mariah, que aperta o gatilho contra o próprio coração, gerando assim a futura extinção.

Tarde era. E agora:

— O bem venceu o mal?

— Ou o mal venceu o bem?

Nesta guerra finita, não restaram vencedores!



# ENTRE ANJOS E DEMÔNIOS

JWSC

**O** apocalipse chegou. A grande revelação caía na terra e a verdade final seria apresentada. Anjos iniciaram a busca por aqueles que deveria ser arrebatados, enquanto demônios buscavam aqueles cujo coração se negava a aceitar a ordem divina. Uma corrida iniciou-se buscando aumentar as forças de cada lado e evitar que o adversário conseguisse reunir almas.

Em meio ao caos humano as forças do mundo ergueram-se enquanto as trombetas de guerra soavam. Terremotos, erupções e furacões causados pela movimentação dos seres divinos tornaram o mundo um local de desolação e confusão. Surgiram hordas de pombas brancas, gafanhotos, corvos, porcos selvagens, cavalos brancos, quimeras assustadoras e criaturas celestiais para auxiliar aqueles que apoiavam.

*Qual seria a verdade? Minhas orações seriam verdadeiras o bastante para que os anjos me olhem como um fiel? Minhas ações eram boas o suficiente? Sempre ajudei minha família, porém, negligenciei os outros, iria para qual lado? Tentei sempre ajudar a todos, mas menti mais vezes que consigo pensar, além de tentar controlar e oprimir aqueles que eram diferentes, para qual lado irei? Não respeito regras da igreja ou dos padres, porém, os princípios morais bíblicos eu respeito e sigo, mesmo não sendo fiel da religião, para onde vou?*

Enquanto humanos se perdiam em questionamentos infinitos, os arrebatadores continuavam sua missão.

Um anjo voava pelas planícies, rápido o bastante para cobrir uma grande área, mas não tão veloz ao ponto de causar danos aos fiéis abaixo.

Pousou em uma pequena vila onde sentiu a presença de um coração puro e bom. Parecia que a maior parte da vila havia fugido, ou sido levada, pelo estado desolado em que estava. Ele pousou sua mão sobre uma das várias casas destruídas e sentiu o coração pulsar cada vez mais forte em resposta a presença dele. Porém, sentiu outro coração ao lado, um que não era fiel, mas tempestuoso e inquieto.

Com um movimento da mão os destroços foram afastados e revelaram duas jovens. Ambas usavam vestes sujas e rasgadas, bem como pareciam estar há muito tempo sem comer. A jovem maior, de cabelos longos, segurava um terço entre seus dedos e parecia rezar até aquele momento. A outra jovem demonstrou medo na presença do anjo. Não segurava nada em suas mãos, mas tinha vários hematomas e cortes nos braços.

— Venha — chamou o anjo, estendendo a mão para a irmã maior.

— Vamos, venha — animou-se a garota puxando a irmã menor pelo braço.

— Somente você poderá vir.

— Não posso deixar minha irmã.

— Ela não poderá vir. Não é fiel a Deus.

— Não ao seu Deus — disparou a irmã menor.

— Não diga isso! — repreendeu a maior. — Por favor, nos leve, eu assumo os pecados de minha irmã na proporção que for necessário para que nos leve junto.

— Se fizer isso, ambas permanecerão aqui. Os pecados dela são muitos.

— Não posso deixá-la.

— Então, fizeste tua escolha. Não posso levar aqueles que se recusam a deixar seus pecados, bem como aqueles que se recusam a aceitar a oferta divina. Porém, lhe aviso, o julgamento virá, esteja pronta.

O anjo preparou-se para sair dali quando sentiu a outra presença. Vinha rapidamente em sua direção movendo-se de forma não humana. Em instantes materializou-se perto de onde estavam.

As garotas ficaram espantadas com o repentino surgimento. O demônio sorria, observando a situação. Era belo e divino como o anjo, porém, tinha uma expressão sombria e uma presença menos calorosa. Vestia roupas longas em tons de negro e cinza, ao contrário do branco e azul do anjo.

— Você já está indo, meu irmão? — A voz do demônio era serena, confiante e repreendedora, assim como a do anjo. — Mal tivemos a chance de conversar.

— Não há o que conversar com você, irmão.

— Desculpe, mas não me referia a você, irmão. Refiro-me as jovens ali sentadas.

A irmã maior tremeu quando o demônio as olhou. Possuía olhos azuis como o anjo, porém, não eram acolhedores, mas julgadores e observadores. Percorreram todo o terreno em um milésimo de segundo e pousaram nas jovens.

— Digam-me, qual fora a proposta do meu irmão para vocês? — As garotas permaneceram paradas no lugar. — Ora, não precisam ficar tímidas com minha presença. Meu irmão, está aqui para punir e recolher, eu estou aqui para acolher e salvar.

— Mentiroso! — disparou a irmã maior.

— Eu? Eu sou mentiroso? Então me diga, qual foi a proposta feita?

— Ele quer levar minha irmã, mas me deixar aqui — respondeu a irmã menor.

— Ah, acolher apenas aqueles que se submetem a sua vontade. Essa é a função de meu irmão como podem ver. Não minto no que digo. Meu irmão busca aqueles que na vida deixaram de lado suas vontades e alegrias em prol de se submeter as regras e vontades de outro. Busca recolher os que assim vivem e punir aqueles diferentes por sua diferença. Eu, por outro lado, busco o oposto. Não me importo com seu perdão próprio e seus pecados. Não me interessa se você fez coisas boas ou ruins em seu passado, estou aqui pelo seu futuro. O que querem? Ficar juntas ou separadas?

As jovens se entreolharam. A maior demonstrava medo e apreensão, enquanto a menor tinha confiança e motivação. Por mais que o anjo soubesse que sua missão era seguir em frente caso houvesse a recusa, o mesmo não conseguiu deixar as palavras serem ditas sem contraditório.

— Como sempre. Meu irmão diz aquilo que as pessoas querem ouvir, mas não o que precisam ouvir. A oferta que faz as jovens é a vida vazia, sem destino ou objetivo. Viver por existir, mas não viver para construir e evoluir. O caminho que propõe para as jovens é o caminho sem superação, sem evolução, sem crescimento irmão. Uma vida onde nada se conquista, nada se cresce, apenas existe. A evolução da alma delas não pode ser feita se não houver a superação dos obstáculos.

— Qual seria o obstáculo a ser superado se não sobreviver, lhe pergunto meu irmão?

— O obstáculo de si mesmos, meu irmão. O que propõe a elas é a vida sem arrependimentos, sem retrocessos, sem perdão, sem revisão de atos. A vida que propõe é uma vida sem crescimento. — O anjo aproximou-se mais das meninas. — Vejo em vocês que há muito amor. Lhes questiono o que é esse amor? Qual a forma que tem? Cuidado? Atenção? Respeito? Lhes pergunto se não tivessem se ferido, machucado, desrespeitado uma a outra, se teriam alcançado esse amor como é hoje? Você, mais jovem e impulsiva que sua irmã. Lembra quando jogou a pedra na testa dela e lhe tirou sangue? Você sentiu a dor dela, viu ela colocar as mãos e tentar parar o sangramento. Ouviu o som que lhe saiu dos lábios e como recuou. Na mesma noite, pediu desculpas a ela e a abraçou. Esse simples gesto, em nenhuma realidade apagara a verdade do que fora feita, bem como não restaurará a testa de sua irmã. Porém, recuperará e fortalecerá o sentimento entre ambas, nutriu a razão de sua irmã não querer ir sozinha e de você não querer ficar longe dela. Se não observasse o que fez, se não repensasse sua ação, se não perdoasse a si mesma e pedisse perdão a sua irmã, jamais desenvolveria esse amor do jeito que está hoje. Então eu pergunto, querem unir-se em amor ou viverem vazio?

— Amor? — Exclamou o demônio. — Como pode dizer que seu Deus valoriza o amor? O amor a ela fora proibido, o sentimento fora afastado e a mesma teve que buscar a vergonha e posterior redenção, mas sem nunca esquecer o amor proibido. Você lembra não? — O demônio aproximou-se da irmã maior. — O garoto por quem fora apaixonada e era prometido a outra? Diria que não era amor o que tinham? O casamento realizado, por vontade das famílias, perante a igreja. Lembra o que sentiu, não?

— Ele estava casado com outra, tive que aceitar a vontade divina do matrimônio — respondeu a garota.

— Vontade divina do matrimônio? Qual era a vontade divina? A traição, a dor, os machucados? Você viu como ela o tratou, não viu? Havia amor ali? Ambos tinham dezenove anos, casados para valorizar a gravidez gerada pela impulsividade, porém, sem sentimento agregado. Seria a criança destinada a viver sob a égide de um casamento falso apenas para valorizar a crença de compromisso inabalável perante Deus. Onde está o sentimento, eu questiono? Mesmo tendo perdido o bebê, o



que sua “igreja” disse? O que disse? O compromisso perante Deus vale mais do que o sentimento existente, não? Amor não importa quando há compromisso divino. Essa foi a resposta. Seu amor por ele em nada importou e não me diga que não havia amor ali. Você sofreu por ele, ao sentir que lhe perdeu sentiu que perdera parte de você. Você chorou, você sofreu, você se trancou no quarto, permaneceu triste por dias. A esposa dele teve a mesma sensação? Teve? Você mentirá perante um mensageiro de Deus e de mim e dirá, neste momento, que não nutre sentimentos verdadeiros por ele? Dirá? Cuidado, atenção, respeito, carinho. Dirá que não os tinha por ele?

A irmã maior permaneceu de cabeça baixa, as lágrimas escorriam.

— Não pode responsabilizar Deus pela interpretação humana das leis, irmão — disse o anjo.

— Mas posso responsabilizá-lo pela omissão em ajudar seus filhos, aqueles superiores a nós, não? Aqueles que podem usufruir do livre arbítrio, porém, serem punidos por escolher de forma diversa e ainda sofrerem. Ambos somos punidos por fazermos o que Ele quis, irmão, não vê?

— Deus não se omitiu, permaneceu presente para aqueles que lhe buscam.

— Dirá que ela foi ajudada? Dirá que ela teve ajuda?

— Sim, direi irmão.

— Como?

— Não iluda as jovens com palavras venenosas, irmão. Deus nunca a abandonou e ao contrário, a auxiliou a buscar o sentimento verdadeiro. O homem não manda em Deus, bem como sua interpretação não condiciona a vontade de Deus. Concordo que não havia amor entre os cônjuges, porém, isso não significa que fora feito compromisso divino. Deus não aprovou o casamento sem sentimento, embora houvesse a criação de um bebê no ventre, não fora criado por amor entre ambos, o que não os condicionou a viverem juntos aos olhos de Deus. Essa fora uma decisão do homem. Apenas os profetas verdadeiros proferem as palavras de Deus, sendo que outros apenas interpretam de acordo com sua vivência. Porém, ainda que assim seja, Deus não abandona seus fiéis e os faz seguir o caminho certo pela motivação correta. O amor entre ela e o garoto fora real, por esta razão, houve a alegada traição. Porém,

a união matrimonial sem vontade e sem interesse, embora tenha sido feita em local sagrado, não poderia ser abençoada. As palavras proferidas por meu irmão assumem a conotação de que a vontade do homem supera a vontade de Deus, o que nunca fora verdade. Aquele que celebrou a cerimônia não é profeta e não fala por Deus, apenas interpreta. Deus usou seus meios para mostrar a ambos que não era errado o que queriam, não houve traição ao compromisso divino, uma vez que este sequer existiu. Por esta razão, venho ainda a buscar, pois não houve o pecado da traição, mas a demonstração do amor, puro e verdadeiro. As regras do homem não se sobrepõem a de Deus, não adianta tentar dizer o contrário irmão.

— Fácil usar tais palavras nesse momento, uma vez que a dor fora feita, a confiança traída e a vergonha assumida, irmão. O caminho do sofrimento eterno é o que propõe irmão, enquanto eu ofereço a liberdade eterna. Oferece a submissão e o vazio real, irmão. Tanto Deus lutou para tornar o homem diferente de nós, inclusive nos banindo para que depois os obriguem a serem o mais próximo de nossa “perfeição”. Contraditório, não?

— Oferece o caminho da ausência de sentido e objetivo, irmão. O fim da humanidade pela ausência de evolução. O descontrole e perdição. Ofereço, por outro lado, a continuidade da evolução e do crescimento. Deus propõe a evolução da humanidade, não sua similaridade conosco. Essa é a verdade suprema, irmão. A humanidade não como os seres angelicais, mas como uma humanidade evoluída e sábia.

— Deixemos, então que as jovens decidam qual caminho seguir, irmão. Então, qual sua verdade, minhas jovens?

Anjo e demônio permaneceram parados, com a mão estendida para as jovens, aguardando a decisão final. As irmãs pensaram por alguns minutos e levantaram-se. Tomaram o rumo que seu coração indicou, selando seus destinos.

# FUMAÇA

Marcelo Soares

**H**avia algo de diferente naquela manhã, José soube assim que abriu os olhos ao acordar. O costumeiro barulho dos pássaros não estava ali a disposição de seus ouvidos, o ar tinha um cheiro mais denso, como se o senhor da fazenda próxima tivesse novamente queimado uma parte de seu terreno e a fumaça espalhado-se por suas terras também.

Levantou-se e jogou água no rosto, foi até a cozinha e encheu um copo com café frio do dia anterior, só então abriu as janelas do casebre perdido no meio de terrenos de outros e viu o céu mais avermelhado que o normal.

Nos últimos cinquenta anos naquelas terras já tinha vislumbrado todas as colorações celestes, desde a rosa dos primeiros minutos do dia até o alaranjado do poente. Contudo, aquele vermelho tinha tom de ira, de um conflito eterno, de uma lembrança infantil que sempre temeu e esperou retornar. O som de batidas na porta o fez tirar os olhos do céu, abriu-a e não espantou-se com o visitante.

— Olá, José, quanto tempo.

O ser a sua frente tinha a voz forte como lembrava-se, seu rosto resplandecia graça e o cansaço da batalha.

— Oi, Keniel, pode sentar aí na varanda mesmo, quer café?

— Eu não bebo o mesmo que vocês.

José deu de ombros e fechou a porta, puxou uma das cadeiras de balanço da varanda e indicou a outra para a visita.

— Achei mais vermelho que naquele dia. — Apontou para o céu matinal assim que o conhecido sentou-se.

— Naquele dia era, digamos, um limbo entre mundos, uma visão do que ainda viria e, bem, as coisas são mais intensas quando é assim.

— Quando era criança tinha essas visões sobre o fim de tudo. Passei todos esses anos na esperança que tivesse sido só um sonho maluco com seres estranhos.

— Decepcionado?

— Tudo parece meio que a mesma coisa, só que mais pesado, entende?

— Precisa ver nas cidades, a guerra mal começou e já está tudo bem caótico.

— E você ainda teve tempo de vir ver como eu estava?

Keniel olhou para o dono da residência, os olhos azuis revelavam a verdade mesmo que a boca dissesse o contrário.

— Mesmo? — perguntou José ao olhar para o velho conhecido — Achei que era sincera a promessa de me proteger.

— Era sim, mas você é humano e o dom da premonição é algo poderoso demais.

José retomou o olhar para o céu escarlate, algumas sombras voadoras pairavam ao longe numa perfeita reprodução de um embate entre duas naves inimigas nos filmes de guerra que via com o seu pai.

— Precisava acalmá-lo e garantir sua segurança enquanto transitava em um plano astral diferente.

— Achei que conversa fiada era coisa para o outro lado desse conflito.

— Pessoas como você são importante estrategicamente, compreende?

— Então é um recrutamento.

— É uma guerra, santa, mas uma guerra.

As sombras voadoras colidiram no ar. Só uma delas continuou a pairar, a outra caiu rapidamente no chão.

José lembrou a noite que brincava no pátio do casebre iluminado pela lua cheia. Jogava sua única bola de futebol de um lado para o outro do piso de terra, imaginando-se um artilheiro em campo com torcida gritando seu nome. Seu pai tomava café ouvindo o rádio na mesma cadeira de balanço que estava agora, sua mãe na cozinha preparava o jantar. Foi

quando o céu ganhou um tom vermelho sangue e a lua assumiu a forma de um Sol escaldante.

O menino assustou-se com o barulho de asas batendo e gritos de todos os tipos. Ao olhar a casa que tinha como lar, viu-a totalmente destruída por chamas e diversos monstros demoníacos lutando com anjos. Ele ficou paralisado, chorava e chamava pelo pai, então, Keniel segurou seu braço, puxou-o para perto de si e disse que não sabia o que estava vendo, mas, seja o que fosse, não estava acontecendo ainda. Abraçou-o e prometeu protegê-lo, logo após José estava de volta ao seu tempo. Seu pai o abraçava com medo pelo desespero em que o filho deixou de brincar, começou a chorar e gritar sem motivo aparente.

— E se eu não quiser? — perguntou, deixando as memórias para trás.

O anjo também passou a observar o céu.

— Seria um problema.

— Deus que me proteja, não é? — sorriu.

— Desculpe, mas tem que ser ass... — A fala do enviado divino foi interrompida por um corte profundo em seu peito.

Uma lança escura e quente, saída das profundezas infernais, atravessou a cadeira de balanço e o tronco de Keniel. O anjo ergueu-se, o corpo começando a incendiar-se pelo toque do objeto profano. Olhou para trás para constatar o demônio com três chifres pequenos no topo da cabeça, os olhos grandes arregalados e a boca repleta de dentes afiados gargalhando por sua conquista.

— Mas... Como... — Tentou questionar seu agressor.

— Eu disse que ele não perceberia sua chegada. - falou José, dirigindo-se a entidade satânica. - Sempre tão arrogantes, tão concentrados em suas missões que esquecem de detalhes primordiais de qualquer soldado como revistar o local.

Keniel incendiou-se por completo e sua essência celestial se desfez no ar, fazendo com que a lança caísse no chão.

— Achei até o último segundo que ia me dedurar. — O demônio pegou a lança de volta e encarou o dono do casebre.

— É da sua natureza a desconfiança, mas foi você que me apareceu para propor uma ajuda quando meu pai ficou doente, não ele. E, assim como meu velho, sou um homem de palavra.

— E agora?

— Três virão pelo leste em poucos minutos.

— Então está na hora de chamar uns amigos.

O monstro fedia a fumaça. Para José, o mundo já tinha esse fedor há muito tempo.

O vidente seguiu sentado na cadeira de balanço de seu pai, observou o demônio fazer algum tipo de ritual no campo de terra e conjurar um pequeno exército pessoal. Olhou novamente para o céu vermelho, raios começavam a cortá-lo, a guerra eterna ganhava um novo capítulo, a sua, conseguia ver bem, estava perto do fim.

# NO BOTECO DO JUÍZO FINAL

Alexandre Torres.

**O** Armazém São Thiago, que fica ali onde passa o trilho do bonde no morro de Santa Tereza, logo se transformou em um ponto de confluência onde anjos e demônios se encontravam para discutir o andamento da guerra. Afinal, eram os primeiros dias do juízo final e os últimos momentos para se aproveitar cerveja gelada e bolinhos de bacalhau na companhia do adversário. Depois disso, só Deus sabe se teriam outra oportunidade de se encontrar. Se é que ele sabe.

As reuniões eram nas noites do meio da semana, quando o movimento de mortais era menor. Obviamente era um ponto de encontro dos anjos e diabretes de baixo escalão. Você não ia encontrar arcanjos e duques do inferno tomando cerveja com petiscos em uma mesa de botequim. Se estes se encontravam para bater papo, era provavelmente em um bar chique em Manhattan, ou em um restaurante parisiense com estrelas Michelin.

Naquela terça-feira o boteco estava apinhado destes seres divinos. Em uma mesa pequena sentavam eu, o anjo Zirz e o demônio Danjal. É claro que os mortais não conseguiam distingui-los dos demais fregueses, mas às vezes podiam ouvir algum mistério e até serem convidados a sentar-se à mesa. Afinal de contas, era o fim dos tempos.

— Ok, me expliquem como funciona isso de vocês serem adversários e tomarem cerveja assim, como amigos? — perguntei.

Conheci Danjal por acaso, neste mesmo local, quando ele se mostrou um fã de alguns textos que escrevia, coisas que ninguém realmente lia. Ele me apresentou Zirz, que também gostou dos meus textos. Concordaram em me contar algumas coisas para que escrevesse sobre o fim do mundo, contudo a conversa logo se transformou em uma acirrada disputa pela minha própria alma.

— A gente se conhece faz o quê? Bilhões de anos, não é? — especulou Danjal.

Ele era um demônio que chegou a ocupar uma posição importante na revolta contra Deus, contudo, depois que caiu, não avançou muito na sociedade dos demônios. Sua desavença era basicamente com relação a educar os mortais, não tinha realmente interesse em obter almas para realizar torturas eternas. A forma humana que assumira parecia com a de um professor, com seus cabelos crespos e pele de tom caboclo, que não era classificável em nenhum povo humano específico. Ou seja, era bem brasileiro.

— Deus criou o mundo há sete mil e quinhentos anos — respondeu o anjo.

Zirz era um anjo menor das hostes de Ziracah, esse último responsável pelas operações no Brasil. Apesar dos anjos serem assexuados, ele assumia uma forma masculina neste momento, com fortes traços europeus. Parecia um jovem seminarista, o que até fazia algum sentido.

— Besteira, esse é o problema com teu pessoal, desde o início. Inventam um monte de lendas e outras abobrinhas. Até no juízo final continuam repetindo essa bobagem da gênese em sete dias, e você sabe o porquê? — Me perguntou o diabinho.

— Não faço ideia — respondi, tomando mais um gole.

— Porque saber é poder. A última coisa que os anjos querem é que os humanos exerçam bem o seu livre arbítrio — respondeu Danjal.

— Vai me desculpar, mas é o que parece mesmo — disse sorrindo para o anjo. Não tinha medo pois sabia que não seria “arrebataado” mesmo, graças a Deus!

— Desde a árvore do conhecimento, Deus nunca quis que os humanos fossem tão espertos e sábios. Todo esse conhecimento apenas aumenta o potencial para fazer o mal — revelou o anjo, segurando seu copo com ar de sabedoria.

— E você tem conversado muito com “Ele”, para saber o que Deus quer? — perguntou o demônio, sorrindo debochadamente.

— Claro que não, nenhum dos anjos conversa diretamente com Deus. Você deveria saber muito bem disso — respondeu Zirz, secamente.

— Então, como você sabe que este é seu plano? — perguntou Danjal, triunfante.



Enchi os copos e a cerveja acabou. Acenei para o garçom pedindo a quinta, sem tirar os ouvidos da fantástica discussão.

— Eu apenas sei o que é certo e ajo desta maneira. O fato de você ter caído demonstra que agiu deliberadamente contra o desejo divino, mesmo tendo consciência de que estava errado — argumentou o anjo.

— Então você está me atribuindo livre arbítrio? — ironizou o demônio.

— Claro que não! — respondeu o anjo, percebendo o erro de raciocínio.

— Me explica esse lance de livre arbítrio. Nós temos e vocês não têm, é isso? — indaguei, enquanto o garçom deixava uma cerveja gelada na mesa.

— Anjos e demônios não tem livre arbítrio. Os primeiros agem sempre a favor dos desígnios divinos, enquanto os segundos são os que agem contra. — respondeu o anjo, após esvaziar de uma só vez o copo.

— Mas, antes da queda, os demônios agiam a favor desses desígnios, certo? Essa mudança de lado não é um ato de livre arbítrio? — perguntei, tomando um gole pequeno de minha bebida.

— Essa é a questão a se perguntar! — completou o demônio, tomando um largo gole de seu copo e comendo mais um bolinho de bacalhau com carne seca.

— O destino dos anjos estava traçado na criação, daqueles que seguiriam Deus ou Lúcifer. Nós não tomamos uma decisão, foi uma questão de afinidade — respondeu Zirz, com um ar arrogante.

— Deus nos fez como antagonistas, é o que eu acho. Veja meu caro, ninguém realmente sabe ao certo o que se passa na mente de Deus. Existem esses dois lados, o bem e o mal. Mas nossa natureza angelical é desprovida de culpa, esses papéis nos foram atribuídos — explicou Danjal, com ar professoral.

— Já os humanos tomam decisões e por isso têm culpa — deduzi. Mas nunca estive muito certo disso.

— Essa é a ideia — disse Danjal, terminando seu copo e enchendo os copos de todos.

— É por isso que vocês são amigos então? No fundo, não se culpam por sua natureza — continuei no meu papel de psicólogo do diabo.

— Não diria amigos... — respondeu o demônio, olhando de lado para o anjo.

— Companheiros seria o mais adequado — especulou Zirz.

— É uma camaradagem de rivais. É como no futebol, somos inimigos ferozes em campo, mas prevalece o “fair play” — explicou Danjal, com um arrote.

— Excelente analogia — admitiu o anjo, brindando com o demônio.

— Vou pedir um sanduíche de mortadela. Alguém mais quer? — sugeriu Danjal.

— Boa ideia. E mais uma cerveja também — acrescentou o anjo.

— Então, eu achava que o juízo final teria uma porção de batalhas épicas, mas até agora me parece algo muito calmo — argumentei.

— É porque está recém no início. Daqui a alguns meses vocês vão ver só — revelou o anjo.

— Quando Cristo voltar e ressuscitar os mortos, daí ferrou para a humanidade. Quem for temente a Deus vai pro paraíso, quem não for vai ficar por aqui na Terra conosco — disse o demônio com uma careta.

— E quem vai ganhar? — perguntei, maliciosamente.

— Nós, é claro, está nas profecias que Deus vence — disse Zirz, calmamente.

— Isso é o que a propaganda angelical diz. Se você for ler no apocalipse, fica claro que somos nós que venceremos — contestou o demônio.

— Bobagem! — retrucou o anjo, acenando com a mão para baixo em desprezo.

— Caramba! — exclamei, bem na hora que chegaram os sanduíches e a cerveja para interromper o papo.

— Calma lá, me deixe explicar! Depois que o anticristo e a besta arrebitarem geral com o mundo, Cristo vai descer e ressuscitar os mortos. Vai escolher os dignos para viverem no paraíso. Os que ficarem para trás vão viver em um mundo governado pelo diabo. Ora, quem conquistou o território, me diga? Se isso não for uma retirada estratégica, eu não sei mais de nada — argumentou o demônio, com a boca cheia de sanduíche.

— Claro que a parte de jogar Lúcifer, anticristo e o falso profeta em um lago de lava, para sempre, não é indicativo de uma derrota para os demônios — ironizou o anjo, entre mastigadas.

— Lago de fogo e lava para o portador da luz? Cê tá de brincadeira né? Essa é a descrição da casa dele. Se fosse para punir um demônio o lugar seria, no mínimo, gelado — disse Danjal, sorrindo com um beijo cheio da espuma do colarinho e sarcasmo.

— “Touché” — concedeu o anjo, propondo outro brinde. Dessa vez não ergui meu copo.

— Sabe de uma coisa, para vocês isso tudo é uma festa, certo? Todo o sofrimento humano não passa de uma diversão. Esse negócio de julgamento final, de jogar a culpa nas pessoas — refleti seriamente.

— Não me leve a mal — disse Danjal.

— Não me agrada este papel — admitiu o anjo.

— Já pararam para pensar que talvez a gente também não tenha esse tal de livre arbítrio? Se Deus é onisciente, se sabe quais decisões tomaremos, então estamos presos às condições de cada momento na hora que realizamos uma ação. Nada do que fazemos é realmente fruto de uma decisão entre o bem e o mal, mas apenas o conjunto de experiências prévias aplicadas a um determinado momento, com consequências sobre as quais temos pouco ou nenhum controle — argumentei, esvaziando meu copo em seguida.

— O rapaz pode ter razão, hein?! — respondeu Danjal, acenando para alguém atrás de mim.

— Pensando assim você nunca vai entrar no céu. — ralhou Zirz.

— E aí meninos, tudo bem? — disse uma voz atrás de mim.

— Essa é a Lamia. Ela é uma succubus, Xande. — me apresentou Zirz.

Dei dois beijinhos, quase três. Tenho dificuldade de me segurar porque vivi no sul muito tempo e lá eles dão sempre três beijos. Com succubus, melhor não dar muito espaço, ou em um piscar de olhos você acaba na cama dela como escravo.

— Você vai para Brasília falar com o chefe amanhã? — perguntou Danjal.

— Sim, vou falar com o capitão. — respondeu Lamia, apoiando-se na mesa ao meu lado. Meu coração disparou de medo.

— Diz para ele que o tempo dele tá no fim, se quiser mudar de lado é agora — disse o anjo.

— Benzinho, cê não tem jeito mesmo. Esse aí já tem até legião garantida quando descer — respondeu a diabinha.

— Sabia que nosso amigo aqui questionou o livre arbítrio dos humanos? O que acha? — indagou Danjal para Lamia.

— Que ele tem razão! Aqueles que vão pra minha cama não tiveram opção, posso garantir isso. E no fundo eles nunca se arrependem — disse a diabinha, me dando um beliscão na bochecha com seu olhar sedutor.

— Cuidado que o juízo final pode chegar mais cedo pra você! — me alertou o demônio, apontando para a colega com um sorriso franco. Todos rimos.

— Danjal, eu acho que vou acabar te seguindo no fim das contas. Esse negócio de criacionismo, fruto proibido e universo de sete mil anos é muito fantasioso para meu gosto. Não sei se gostaria de viver nesse tal paraíso — confessei.

— Tá vendo? Paraíso é viver nas “fake news”. Eu tô preparando um cantinho muito bom no inferno para nós, cheio de cientistas, escritores e filósofos, pessoas que questionam mesmo, mas com embasamento. Gente que tem doutorado. É um lugar mais fresco e arejado, com boa vista. Tem até um telescópio — contou Danjal.

— Porra, o lugar é num vulcão! — disse o anjo, rindo alto com a boca cheia do último pedaço de sanduíche.

— Você se acostuma! Nem é muito mais quente que o Rio. Eu ponho um ar-condicionado pra ti. O melhor de tudo é que os bandidos vão para outro setor, bem profundo e lotado! — prometeu o diabo.

E não é que era mesmo verdade! No dia seguinte minha casa foi bombardeada e eu morri. Para ser sincero, ninguém que eu conhecia tinha ido pro tal paraíso. Dalai Lama, o Papa, os pastores evangélicos com programas de TV, todo mundo acabou no inferno. Os arrebatados eram poucos, gente realmente ignorante, pobre e desconhecida. O que aconteceu comigo depois eu não digo, porque é “*spoiler*” e isso nem o diabo dá!



# O APÓSTOLO

## Gilberto Garcia da Silva

**E**ram dias de medo e confusão, desespero e agonia.

Montanhas partiam ao meio e mares se erguiam dos leitos, arrastando tudo o que houvesse pela frente — os horrores da natureza fora de controle vinham sempre acompanhados do terrível prognóstico de que aquela era a nova definição de normalidade e qualquer um poderia ser vítima das alterações climáticas causadas pela mão humana. Mais além, rebanhos esfarrapados peregrinavam pelo planeta, atravessando fronteiras construídas sobre arame farpado e escapando de guardas treinados para matar, em busca de uma medida de água e pão, quem sabe, se não fosse pedir muito, também de alguma paz que permitisse dormir à noite, sem se assustar com os barulhos no quintal. Nas cidades que entupiam o globo, gente de todas as latitudes seguia com pressa pelas ruas escuras e empoeiradas, de cabeça baixa, desviando de bêbados, leprosos e maltrapilhos de toda ordem, que se multiplicavam feito coelhos, sem o menor pudor de escancarar as misérias do corpo e da alma ao respeitável público em troca de moedas cada vez mais escassas.

Já ninguém era capaz de dizer se haveria trabalho e comida suficientes, se a casa se sustentaria debaixo das tormentas, se os bandoleiros chegariam com seus dentes podres para roubar o que tivesse sobrado na despensa e depois assassinar os homens e violentar as mulheres.

Em algum momento a História tomou um desvio. O equilíbrio se rompeu; as engrenagens que mantinham a raça humana em permanente tensão saíram dos eixos. Os bons cambalearam. A maldade usou as prerrogativas que a época lhe concedia e ganhou terreno: o mundo se tornou um espaço sombrio, sem misericórdia, marcado pela solidão.

O fracasso dos governos aliou-se ao colapso da natureza para dizimar o que se entendia por sociedade. Sozinhas ou em pequenos grupos, as pessoas ofereceram, cada uma à sua maneira, a resposta que podiam às demandas do tempo. Ódio e desprezo. Egoísmo e ganância.

Perdida em seus próprios labirintos, a humanidade retornou ao seu estado natural, atendendo apenas ao apelo primitivo: matar para não ser morto; pisar para não ser pisado; tomar antes alguém o levasse.

Eu estava lá, eu vi.

A insensatez ganhando terreno, as vozes elevando o tom, a beligerância causando fome, doença e morte. Fui testemunha da devastação. Presenciei cada ato de ofensa e somei-o à reação que se seguiu, numa escalada sem fim, que em poucos anos reduziu o planeta a um deserto gigantesco, de cujo solo estéril brotavam trincheiras e casamatas, fuzis e canhões. Nossa única linguagem comum, a violência.

O que eu ainda não sabia é que isto era apenas o começo. Todo aquele morticínio não passava de preparação para o que estava por vir, de mero prelúdio do Caos. Nossa atração pelo abismo atendia por outro nome. Era do Apocalipse que se tratava, o derradeiro suspiro da raça e do universo que lhe fora concedido como dádiva.

Numa noite de relâmpagos e trovões, que descambaram para uma tempestade épica — água fervente descendo das nuvens, pedras de granizo que mais pareciam bolas de futebol —, os céus se cansaram da insanidade e da ingratidão humanas.

De um lado ao outro da superfície terrestre, uma fenda se abriu. Como uma folha de papel que uma criança descuidada dividisse em duas, o solo rachou com um estrondo jamais ouvido. Colunas de fogo emergiram das profundezas da Terra, trazendo consigo a lava curtida ao longo dos milênios. Cascatas de magma alcançaram a altura das montanhas mais altas e depois se derramaram sobre o solo, arruinando tudo o que chamávamos de vida e de civilização (ao menos o que havia restado dela).

Nossa arrogância foi purgada com fogo. Toda prepotência sucumbiu diante das monstruosidades guardadas em segredo no coração do cosmo infinito.

Ninguém saberá dizer exatamente quantos pereceram nessa primeira demonstração de força das inteligências primitivas. Nem quantos enlouqueceram diante do inominável. Milhões, com certeza. Centenas de milhões.

Quando a lava enfim cessou de jorrar — e semanas já haviam transcorrido nesse instante —, surgiram os seres



alados. Subindo pela mesma rachadura no solo, invadiram o mundo com suas asas vermelhas que ruflavam como aviões levantando voo e suas espadas flamejantes e seus olhos brilhando de nojo. Sim. Era nojo de nós, humanos. Da nossa estupidez e incompetência.

O asco impulsionou as espadas e as espadas iniciaram o trabalho de eliminação.

Demos a eles o nome de Demônios. Eram muitos e funcionavam como autômatos; tinham uma missão a cumprir e a cumpriam com fidelidade. Em questão de dias, bilhões de cabeças empilhavam-se sobre as calçadas, no meio das plantações, às margens das rodovias.

Não havia como deter a sanha destruidora das entidades que saíam dos recantos esquecidos do universo, escandindo lâminas afiadas e devolvendo as criaturas da Terra ao pó de onde vieram.

Fomos reduzidos à metade. A outra metade escondeu-se nos escombros provocados pelo bater das asas, que a cada leve movimento jogavam ao chão o trabalho dos engenheiros e sua ciência rudimentar.

Não havia como fugir. Nenhuma redenção era possível.

Não, ao menos, por meio dos talentos pedestres.

Quando julgávamos tudo perdido, quando nossa carga genética ameaçava escorrer pelos ralos indiferentes da Eternidade, algo aconteceu.

No meio de toda tristeza e perturbação, um ruído de supernova explodindo invadiu os ares. Ao levantar os olhos para o alto, assustados com tamanha agressão, vimos que o céu se rasgava ao meio. E que uma luz radiante apontava no firmamento. E que do horizonte assim fendido desciam figuras brilhosas, dotadas de elmos dourados.

Os demônios que nos ameaçavam recuaram no mesmo segundo. Dos esconderijos encravados entre os detritos da cidade, notamos como as asas vermelhas retrocederam e as espadas abaixaram e os olhos ganharam tonalidades diferentes.

Os escudos de ouro que desceram dos céus se depararam com as lâminas incandescentes que nos decapitavam, impedindo-as de prosseguir em seu trajeto rumo à completa destruição da humanidade. Alguém se compadecera do nosso

sofrimento. Alguém nos oferecia proteção, quem sabe até uma segunda chance neste planeta desolado.

A estes chamamos Anjos.

E o que era genocídio se transformou em batalha. Já não havia apenas um exército determinando as regras do conflito. A partir de agora, eram duas linhas de combate que se confrontavam em busca de controle sobre a narrativa terrestre.

Ganhamos tempo, é verdade. Mas também descobrimos algo precioso. A sobrevivência da espécie não dependia apenas do desejo dos Demônios de nos extinguir ou dos Anjos de nos salvar.

Dentro de cada cabeça, soou o alarme das trombetas ancestrais: permanecer vivos dependia, acima de tudo, da nossa própria decisão. A nós, humanos, cabia dizer se seríamos capazes de recriar nosso modo de ser e agir. Se conseguirmos honrar as Primeiras Vozes do Universo, aquelas que tudo fizeram e a tudo formataram, com carinho e apreensão, devoção e pavor, o que será deste nosso trabalho tão belo e tão diligente? Saberão nossos filhos cuidar do jardim que confeccionamos com estas mãos perfumadas?

A dor das estrelas nos atingiu. A dúvida e seu oposto reverberaram pelas galáxias e chegaram até nós, despertando nossos cérebros entorpecidos.

*Vale a pena? Queremos dizer, vale a pena prolongar o legado desta raça enferma, infeliz desde sempre? Estas criaturas que nascem no meio do Nada, pelo Nada vagueiam e no Nada terminam? Criaturas que jamais, até onde se sabe e se pode presumir, conseguirão superar as mesquinhas cotidianas, alcançar patamares mais elevados, descobrir o que existe para além dos impulsos rasteiros que fermentam de Norte a Sul e de Leste a Oeste. Não seria talvez melhor, mais piedoso até, pôr fim a esta odisséia inútil, a este rosário infundável de dores e lágrimas, perdas e lamentações? Para quê? Para quê autorizar a permanência destes seres pobres em espírito, que não sabem desfrutar as delícias que lhes foram concedidas? E ao perceberem o que destruíram (e nunca mais será recuperado) sofrem e se culpam, mas mesmo assim não são capazes de se emendar e fazer as coisas de outro modo. E por isso se perdem em problemas menores e ferem a si próprios e aos outros, como se impondo a sua auto imaginada superioridade ganhassem importância e deixassem de ser os vermes rastejantes que são. Não seria o caso*

*de lancetarmos esse câncer e nos livrarmos dele de uma vez por todas?*

*Quanta tolice pode comportar o coração dos malvados! A cada negativa respondemos com uma afirmação. A cada manifestação de cinismo, com o peso dos nossos elmos. Vocês, humanos, foram criados imperfeitos e disso todos têm conhecimento, até mesmo os seres que avançam sobre vós com espadas de fogo, punindo-os por serem aquilo que vocês foram criados para ser. Não seria de esperar que não cometessem erros. Pelo contrário. Os erros foram um risco da Criação. O caminho que leva à Glória é longo e tortuoso, e não são muitos os que conseguem percorrê-lo. Nós os compreendemos e aceitamos como são. Apesar dos seus defeitos, talvez por causa deles, nós os amamos. Por isso estamos aqui, para defendê-los das forças que um dia sonharam em ingressar no Paraíso, mas descobriram que não eram dignas e por isso procuram, por puro ressentimento, destruir todo aquele que possa conquistar um lugar no Éden. Ainda há uma chance! Não desistam de tentar.*

A decisão resumiu-se a aceitar a sentença do carrasco que apontava as falhas de homens e mulheres, supondo que nunca seriam corrigidas, ou resistir, na esperança de que a estrada para a salvação se abrisse diante dos nossos olhos cegados pelo desejo de usar o outro, ainda que fosse preciso submetê-lo a correntes e grilhões, para elevar-se acima da manada.

Para minha surpresa, os sobreviventes se dividiram. Nem todos concordaram que era possível refundar a vida. Houve mesmo quem sustentasse que nada mais havia a ser conquistado e que o melhor seria expor o pescoço ao cutelo. Do outro lado, ergueram-se os defensores da raça com seus doces clichês: amor, esperança, futuro.

Anjos e Demônios nos chamam, nos convidam, tentam nos seduzir à custa de argumentos que brincam com as crenças mais arraigadas. Precisam de nós para levar a cabo os seus desígnios, já que sozinhos nada podem fazer além de se engalfinhar numa guerra sem fim. Postados nos cantos do céu, aguardam que exercitemos o livre arbítrio, o único aspecto da existência em que não podem interferir. As perguntas rolam pela face do planeta semidevastado e os sobreviventes se debatem entre as duas veredas possíveis: permitir que toda a história de desastres e tragédias se esfumace ou fincar pé neste território que ainda chamamos de lar, torcendo para que algum dia alguém descubra um modo de viver sem medo e sem dor.

Não há diferença entre os dias e as noites. Não faz sentido contar o tempo em relógios e calendários. Da fresta escavada no bunker que mantenho neste espaço arruinado, vejo os exércitos preparados para a batalha final. Deles sairá um vitorioso. E a vitória dependerá de nós, humanos.

A cada minuto, mais e mais pessoas tomam posição. Balançando estandartes encarnados ou flâmulas brilhando a ouro, defendem a sobrevivência da raça ou a sua extinção. São muitos e não posso contá-los. Minha arte não alcança tamanhas proporções.

Termino agora de redigir este relato, que não sei se algum dia será lido. Antes que meus braços desabem de cansaço e meus olhos se fechem, lanço na atmosfera impregnada de miasmas a interrogação que me consome.

Serei o último apóstolo de um mundo tragado pela própria vaidade ou o primeiro de outro, que enfim aprendeu a lidar com seus sonhos e pesadelos?

# O CANTO DO PÁSSARO

Phillipe Silver

O pássaro cantou pela primeira vez, pouco antes de perderem o controle e atingirem a barra de proteção da estrada. Um pneu furado causara o acidente. Para Kevin e seu chefe Ângelo Medina, não havia nada de estranho naquilo. Somente mais tarde, quando o canto soou pela segunda vez e dezenas de cervos romperam afoitos da floresta, foi então que ele percebeu que aquilo era mais do que um simples canto de pássaro. Era um presságio.

*Os animais estão assustados, pensou Kevin, mas com o que?*

Os joelhos de Kevin pareceram se desmanchar e um calafrio percorreu toda sua espinha, quando viu uma bola de fogo rasgando o céu bem a sua frente. *Um meteoro?* Mas quando virou a sua direita percebeu outra coisa idêntica caindo, depois outra e mais outra. *Quatro.* Cada qual caía em uma das direções cardeais. Assim que Kevin conseguiu sair do seu lugar, correu até Medina que olhava com uma expressão austera para o céu.

— *Senhor!* O q-que é isso?

Pouco tempo depois das bolas de fogo desapareceram ao mesmo tempo no horizonte, ouviu-se uma explosão e a terra estremeceu.

— *Entre no carro, Dorneles!* — Medina gritou. — *Agora!*

— *Meu Deus!* O que está acontecendo?

— *Deus já o abandonou há muito tempo. Entra no carro!*

Primeiro Kevin correu e entrou, e logo atrás veio Medina. Carros passaram em alta velocidade no sentido oposto. A estrada de mão dupla era tão estreita que os carros passavam a poucos centímetros do cupê em que estavam.

Medina encontrou o olhar do motorista

— *As pessoas já estão fugindo.*

— De quê senhor?

— Do fim.

Assim que o último veículo passou, uma nuvem negra apareceu varrendo o céu como se tivesse vida própria e começou a vir na direção deles. Algo atingiu o para-brisa. Kevin aproximou o rosto do vidro e viu um gafanhoto marrom se contorcendo com a asa quebrada. Um zumbido alto se aproximou e a nuvem os atingiu. O barulho que faziam ao bater o teto e o capô do automóvel era como o de centenas de bolinhas de gude sendo arremessadas. Um carro de passeio passou por eles com seu interior infestado de gafanhotos, e dentro dele o motorista mal podia ser visto, pois seu corpo estava coberto pelos insetos que o devoravam. Ele zigzagueou, e depois de fazer uma curva brusca capotou várias e várias vezes na pista. Pelo retrovisor viram uma coluna de fogo se erguendo. Alguns metros à frente, um micro-ônibus atingiu tão forte a barra de proteção que ela se partiu e o motorista foi lançado para fora.

Os gafanhotos começaram a juntar-se novamente. Alguns poucos caíram mortos no asfalto e sobre o carro, mas a grande maioria voou para longe, em direção a cidade.

E de dentro da floresta o pássaro cantou pela terceira vez.

Kevin balbuciou:

— “As nações se enfureceram, mas a tua ira chegou, como também o tempo de julgar os mortos e de exterminar os que exterminam a terra”. Livro das revelações...

Medina acertou o rosto de Kevin com uma bofetada.

— Deus é um carrasco, sua benevolência é uma mentira.

Kevin voltou em si, a tempo de ver uma criatura alada cair do céu com um estrondo. Coisas tinham vindo do céu naquela tarde, mas está era diferente de todas elas. Havia beleza, uma beleza inumana. Estava nu e sua pele negra resplandecia como o ouro puro, bem como os olhos cor de âmbar. Teria um corpo de homem não fosse pelo par de asas abertas em sua costa, maiores do que as de qualquer animal conhecido. As pontas eram afiadas e as penas brancas como leite.

Ângelo soltou um urro e saiu do veículo.

A criatura escancarou a boca e tirou de dentro uma longa espada de ouro, cujo brilho era mais intenso que o que irradiava de sua pele. Kevin recuou assustado e por um momento todos os acontecimentos flutuaram em sua mente. Todas as guerras, atentados, e desastres naturais que haviam assolado mundo e acabado com a vida de milhares de pessoas, significavam o início de uma nova era. A última. *A humanidade é cega, incapaz de ver a verdade diante dos seus olhos, pensou, e a humanidade não está pronta para essa verdade.*

Ângelo inclinou o corpo para frente e emitiu um gemido lamentoso. Duas pontas afiadas rasgaram o tecido do blazer e se abriram em direções opostas revelando-se um par de asas enormes. Diferente das que a outra criatura carregava em si, essas tinham penas escuras que queimavam como brasa. Todo tecido que vestia derreteu como água, e pequenos filetes de fumaça saíram das penas.

Ele era um anjo.

Sua aparência era diferente, mas não deixava de ser um. *Ele tem asas. E asas que queimam como carvão.* Dorneles notou que ele estava maior, seu cabelo antes grisalho, agora era todo preto. Estava jovem novamente.

Ângelo Medina, ou o que ele fosse agora, levou a mão à boca e retirou de dentro dela uma espada de cristal azul, como gelo. Quando o raio de sol a atingiu, ela brilhou tão forte e intensamente quanto a de ouro. O Outro então voou brandindo a espada e Ângelo se ergueu do chão como um pássaro gigante.

Um ruído estridente agrediu os tímpanos de Kevin quando ouro e cristal se chocaram com violência. O som se tornou mais alto a medida que as espadas atingiam uma a outra. Ângelo bateu as asas e subiu, deu um golpe de cima pra baixo, mas o golpe foi interrompido pela espada de ouro. As duas armas formaram uma cruz. O anjo de asas brancas pressionou com força sua espada contra a de Ângelo, que respondeu colocando toda sua força na arma. As duas espadas raspavam até a ponta e se separaram. A ponta da de cristal desceu e abriu um rasgo no peito do Outro, enquanto a de ouro em um movimento horizontal abriu um golpe no rosto de Ângelo e arrancou a metade de sua orelha esquerda. Nenhum dos dois pareceu incomoda-se com a dor. *Anjos são capazes de sentir dor?* Perguntou a si mesmo, *Anjos existem!*

Enquanto pensava nisso, aquele a quem chamara de Medina, golpeou a espada do Outro próximo ao cabo e ela foi arremessada para o chão caindo entre as rodas do ônibus. Ele inclinou uma das asas para a direita e desceu desajeitado para pegá-la. Ângelo desceu logo atrás dele com a sua lâmina cristalina pronta para feri-lo. O Outro agarrou sua espada no chão e lançou o corpo para trás no exato momento que Ângelo aterrissou com a espada empunhada e atravessou-lhe a asa direita. O anjo chutou-o com força no peito e com a lâmina de ouro em mãos desferiu um golpe contra a espada de cristal, que prendia sua asa contra a ferragem. Houve um som agudo e a lâmina partiu-se. Kevin não soube dizer, mas teve a impressão de que o anjo sorriu ao ver o pedaço da espada cair no chão. Ângelo o atacou novamente, agarrou o braço que segurava a pesada lâmina dourada e ambos alçaram voo, dessa vez bem mais alto. O Outro enfiou a ponta afiada da asa no abdome de Ângelo e o perfurou várias e várias vezes, mesmo assim, ele não o soltou. Ao invés disso Medina fez um movimento giratório, como os crocodilos quando atacam sua presa, aproveitou o impulso que o movimento lhe permitiu e arremessou o anjo para baixo. Ele tentou interromper a queda, mas a asa ferida o atrapalhou. Atingiu pesadamente o veículo na beira da estrada, e os vidros estouraram para fora. A espada reluzente saiu de suas mãos.

Do céu, Ângelo desceu para um novo ataque e o Outro erguendo-se imponente em suas asas brancas, foi ao seu encontro. Os dois, agora desarmados, se chocaram no ar. Um emaranhado de asas, mãos e pernas. A única arma que possuíam agora, era a ponta de suas asas, afiadas como lanças. No meio da confusão, Kevin viu Ângelo atravessando a ponta da sua no pescoço do Outro, ao mesmo tempo em que tinha a costa rasgada pelo mesmo. Medina agarrou a asa esquerda da criatura e a torceu. Sem solta-la ele abarcou com as pernas o tórax do inimigo e a puxou. Kevin ouviu um estalo como de osso quebrando e a asa foi arrancada. Sangue escarlate jorrou da ferida.

Ele caiu.

Kevin o enxergava mais de perto agora, estava a poucos metros do anjo. Ele tentou levantar-se mais caiu de joelhos, a única asa que sobrara havia perdido o vigor e estava murcha. Nesse interim Ângelo tinha descido e pegado a espada de ouro, e estava caminhando em sua direção.



— Quando fui expulso de lá, desejei morrer, mesmo sabendo que os anjos não podem morrer — disse ele e agarrou a cabeça do Outro —, mas se feridos com a própria espada são capazes de sentir dor — Ângelo enfiou a lâmina em seu peito.

— *YEKUN* — urrou a criatura.

Ângelo retirou a espada, segurou o cabo com as duas mãos e desferiu um último golpe. A cabeça do anjo rolou no asfalto e parou com o rosto voltado para o céu. O corpo ferido desabou em seguida. Kevin ao ver aquilo desejou correr, mas outra parte de si o fez ficar. Quando Ângelo se voltou para ele, surpreendeu-se por não sentir medo.

— A grande tribulação está próxima, filho. — Ângelo olhou para o céu. — É o momento de provar a quem servirá.

Kevin o encarou com os olhos lacrimejantes, e caiu com os joelhos por terra.

— Você é o meu único senhor, agora — disse.

— Nós reuniremos nações inteiras a nosso favor e formaremos um exército mais numeroso do que as estrelas no céu. — Com a ponta da asa Ângelo fez três marcas na testa de Kevin

Uma forte trombeta soou no céu.

O anjo abriu as asas em chamas e sorriu.

— Chegou a hora da batalha final.



# O CHAMADO AOS EXÉRCITOS

Edilaine Cagliari

**M**eu nome é Alice, e vim aqui para contar como o juízo final se desdobrou. O ano era dois mil e dezenove, era setembro, não lembro o dia. Era madrugada, não sei ao certo a hora, mas o nascer do sol não demoraria mais muito. Eu sei, porque quando acordei com o barulho do celular supus que fosse o despertador, que me acorda as cinco. Quando peguei o aparelho, vi no visor o nome de uma grande amiga que morava em outra cidade e me preocupei. Ao atendê-la, só o que eu ouvi foi “ligue a televisão, agora!” e ela desligou.

Levantei-me de um pulo e corri até a cozinha; segui as instruções, sem saber a qual canal ela se referia, mas percebi que todos eles mostravam a mesma coisa: uma rachadura, cortando a pirâmide de Quéops, no Egito. As cenas gravadas por cinegrafistas amadores e câmeras de vigilância mostravam um raio enorme, praticamente uma pilastra de luz, que havia atingido em cheio o topo da antiga construção e partiu-a ao meio, fora a fora. Os vídeos eram reprisados incansavelmente, de todos os ângulos possíveis, e até uma imagem de satélite comprovava que a tal luz veio de algum ponto acima das nuvens, cruzando o espaço sideral. Entendi o porquê da ligação tão urgente e breve.

Essa amiga trocava comigo informações sobre o fim dos tempos, sabíamos que o coletivo humano poderia antecipar as coisas vibrando e mentalizando esse desejo, o de trazer o fim para perto, e naqueles tempos boa parte da humanidade realmente queria que tudo acabasse. O fato de apenas um por cento da humanidade controlar os outros noventa e nove era público. Controlavam o dinheiro, os governos, as formas de trabalho, a política mundial, inclusive os grupos de ajuda humanitária, que apenas cumpriam um papel de faz de conta, mantendo a miséria e a escravidão sob um discurso de compaixão e amor. As igrejas comandavam boa parte do espetáculo, levando pessoas necessitadas de apoio espiritual a oferecerem seus bens e culparem-se por qualquer sucesso na vida.

Enfim, de repente a imagem da televisão sumiu e reapareceu; um terremoto naquele mesmo local, que agora era mostrado ao vivo para todo o planeta, tirou do ar por um momento o canal, imagino que outros também. Quando retornou, só víamos a poeira e pessoas correndo. Os apresentadores locais tentavam contato com seus repórteres e, conforme a poeira baixava, percebeu-se que o tremor fizera cair várias pedras em uma das paredes laterais, e junto a elas algo brilhante, parecido com uma caixa, onde o sol batia em cheio.

A polícia já havia cercado o local, deixando passar apenas um homem de chapéu e colete. As câmeras procuravam aproximar a imagem para acompanhar o desconhecido que agora tirava o pó da misteriosa caixa, do tamanho de uma caixa de sapato, e abriu-a facilmente. De dentro dela, pareceu tirar dois rolinhos, como papiros. Entregou a caixa para outro rapaz que havia se juntado a ele e, desenrolando os papéis, franziu a testa, atento.

Eu permanecia em pé, com o controle em uma mão e a outra no peito. Meus olhos iam do televisor para a janela, como que procurando algum raio também na minha cidade. Aquilo tudo parecia surreal demais!

Com a mão no ouvido, o apresentador abaixou a cabeça e a sacudia afirmativamente. Recebia informações no ponto eletrônico e, assim como eu, certamente boa parte do mundo aguardava o que aconteceria em seguida.

— Recebi informações agora, do nosso repórter local, Jaimir Heraldito Neto, e o homem que aparece nas imagens é um arqueólogo egípcio. Aparentemente o que há na caixa que acabamos de ver são instruções para a humanidade. Na sequência ele mesmo fará a leitura, traduzindo para inglês. Enquanto o arqueólogo lê, nosso colega Jaimir traduzirá para nós simultaneamente. Olá Jaimir, já estamos ouvindo.

—Olá Bernardo, olá Brasil, tudo certo para começarmos.

O arqueólogo egípcio posicionou-se, então, rente ao cordão de isolamento. Usando um alto-falante da polícia, iniciou a leitura, de forma pausada, para facilitar o trabalho dos tradutores. Em seguida, a voz de Jaimir fez-se mais grave e pude ouvir, a meio metro da televisão:

*“Ouvi, oh humanos cansados, vítimas do mais cruel e perverso jogo! Vós, exaustos das lutas diárias! Aqueles a quem o labor de sol a sol castiga a pele e atormenta a alma! Os que caminham pelas trilhas dos dissabores, causados por quem os explora.*

*Vós, redentores dos que não creem e não agem segundo as sagradas leis, que são obrigados a aceitar resignadamente novos valores para seus filhos, a desunião, a falta de fé, a libertinagem e a divisão do pão que com tanto sofrimento põem sobre a mesa de seu lar. Vós que observais aqueles cuja moleza de corpo e espírito impedem qualquer esforço para se manterem, serem sustentados por vós, com o suor do vosso rosto abnegado.*

*Vós, empreendedores que levam o país nas costas, diariamente sendo sugados por empregados mal intencionados e má fé de todo tipo. Vós, classe média que a muito custo conseguiu seus bens materiais, cujos filhos acabam de sair da faculdade pelo próprio mérito, veem outros tendo privilégios e acessarem esses benefícios pelos atalhos de erros cometidos por vossos avós, e que mal fizeram vós, além de apenas trabalhar dignamente pelo pão de cada dia?*

*Oh humanos fiéis, que praticam o bem oferecendo o dízimo para seu pastor e líder espiritual, que semanalmente apresentam-se diante de seu senhor para pedir humildemente que suas eventuais faltas sejam perdoadas, e que oram internamente com muita fé e devoção pelo castigo daqueles que se contrapõem ao que acreditais no seu mais âmagô ser. Vós que sabeis que apenas o fogo destruidor e voraz da punição eterna é o mérito dos impuros que vivem diferente de vós, e que esperais alcançar a graça de presenciar o sofrimento de tais pecadores imundos e alijados do coração puro como os vossos.*

*Seres de tão grandiosa presença, de tão puro sentimento, abri vossos braços para servir de instrumento para que a tão esperada justiça seja feita! Ide ao encontro dos infiéis, munidos de pedras, lanças e espadas. Cobri vossa frente com o manto da destruição e eu seus ombros levai a capa da impiedade.*

*Pisai com força sobre as cabeças dos impuros com seus coturnos lustrosos, atravessai o dorso daqueles que vos humilham em suas vidas sem lei com suas espadas brilhantes. Fazei com que aqueles que zombam de sua fé sirvam de alimento para os corvos e hienas famintos de carne podre.*

*Lavai com sangue todo pecado presente na Terra, em todos os continentes, de modo que até as águas mudem de cor. O símbolo púrpura de vosso ardente desejo de justiça, do vosso mais íntimo anseio de praticar a violência como ferramenta de ensino e expurgar todo mal da humanidade, será traçado dos seus pés à sua cabeça, como unção batismal para o que realmente desejais.*

*Vinde vós, humanos de toda parte, juntarem-se a nós, as hordas demoníacas da vingança, para o duelo final!”*

O arqueólogo respirou fundo, o som das pessoas conversando ao seu redor, aumentava. A polícia, agora, tinha dificuldade em manter a turba que só aumentava ao redor do cordão de isolamento. Novamente a voz de Jaimir:

— Pra quem está chegando agora, estamos falando direto da pirâmide de Quéops, no Egito, onde tivemos um acontecimento inusitado. Vamos à leitura do segundo pergaminho, a polícia está pedindo às pessoas que se acalmem e respeitem o perímetro de segurança, mas muita gente continua vindo para cá.

As câmeras ainda apontavam o homem que passava seus olhos com atenção segundo pergaminho. Pigarreou e iniciou a leitura, e o silêncio novamente reinou, eu ouvia apenas a voz de Jaimir.

*“Seres celestiais de luz e amor regozijai-vos na esperança!*

*Eis que é chegado o dia da grande libertação, a data que marca a passagem do planeta Terra e seus habitantes, para um novo patamar evolucionário. Eis o tempo da cooperação, entendimento, compaixão e amor.*

*Queridos e amados irmãos de luz, aqueles cuja forma terrestre nem ao menos se parece com a forma espiritual, o alvorecer de um novo tempo desponta no horizonte! É tempo de união, é tempo de amor incondicional, é tempo de perdoar a si e compreender o próximo, tempo de cooperação e tempo de disponibilizar de seus dons a serviço dos outros. É tempo de alegria, sorrisos e graça.*

*Neste novo tempo, eis que as armas devem ser jogadas por terra e depois transformadas em utensílios para a prosperidade de todos. Escudos, espadas e lanças servirão para matar apenas a fome de quem não tem o que comer. Mãos levantadas apenas para o aceno, força física apenas para o auxílio comum.*

*Animais e plantas, fauna e flora, seus irmãos sagrados, devem ser respeitados e utilizados com sabedoria. Nascentes devem ser honradas, e toda terra fértil será usada para o bem comum. Sua guerra deverá ser apenas contra as desigualdades e injustiças, que aos poucos serão varridas deste orbe, graças ao seu mais alto nível de entendimento que tudo e todos são apenas um.*

*Honrai, queridos irmãos, seus próprios ancestrais, os que já ascenderam para o plano mais elevado. Elevai sua condição de amor e compaixão para o nível dos que hoje são chamados de animais. Amai sem restrição a todos que encontrai pelos caminhos, ofereci sempre seu melhor, seus dons mais elevados e sua mais nobre intenção.*

*Servi, oh divindades esquecidas das próprias sacralidades, como exemplo para aqueles que vêm depois. Tomai o caminho da paz e fazei dela sua mais pura intenção diária, praticando na própria existência todo o amor aprendido em éons de vidas e planos.*

*Regozijai-vos, humanos, seus dias de dor acabaram! A hora é chegada para que as luzes enfim se acendam e tudo seja visto como é, e a nudez de alma exponha suas chagas para que sejam acolhidas e curadas com o amor que tudo transmuta e purifica.*

*Despi-vos, também, do medo de perderes o que nunca terás de verdade, pois apenas vossa alma vos pertence. Ao contrário, livrai-vos de todo peso que possa prendê-los nos grillhões da noite escura e trevosa da materialidade conspurcada. Ofereci, agradecei, e tudo lhe será dado em dobro.*

*Regozijai-vos, humanos, não nos cansamos de repetir. Uni-vos a seus irmãos angelicais e transbordai aquilo que de verdade há em seu coração, o amor infinito e incondicional. Vinde fazer a nova Terra, o velho Éden!”*

Sentei-me, pois sabia o que isso significava: a separação entre o joio e o trigo. Entre quem acreditava em guerra e quem acreditava em paz. Já sabia também que a cada um seria dado o destino escolhido, nem no Juízo Final qualquer ser poderia tirar-nos o livre arbítrio.

O que aconteceu então foram as mortes em massa, em tragédias, assassinatos e até causas naturais. A forma de retirada do planeta de quem não estava disposto a seguir em paz, não foi em naves como alguns diziam: as vibrações

emanadas atraíam demônios ou anjos, conforme cada um, que os conduziam conforme sua escolha. A batalha entre baixa e alta vibração era através de notícias, status social e principalmente pela polarização política. Dois terços da população não soube se manter em paz e hoje vive em Hercólubus, planeta parecido com a antiga Terra, hoje Gaia, porém ainda em estado primitivo.

Meu nome é Alice, vivi para ver o Juízo Final se desdobrar da forma mais justa possível, através do livre arbítrio, e esse planeta que hoje é próspero, farto e justo, era terrível antes deste evento.



# O ESCOLHIDO

George Nogueira

**D**esde criança, Lúcio tinha um amigo imaginário. Ele o descrevia com um ser radiante, sua luz trazia-lhe conforto e paz. Adorava as imensas asas de penas prateadas, principalmente quando a criatura as estendia, revelando todo o esplendor de sua glória. Sempre que se encontravam, o anjo lhe dizia para se preparar, pois o Juízo Final chegaria em breve e Lúcio seria o escolhido para lutar nessa batalha.

Sentado diante da televisão, Lúcio mudava de canais para assistir a todos os noticiários que anunciavam a misteriosa criatura encontrada às margens da praia de Copacabana. As imagens mostravam claramente a monstruosidade de chifres tortos e aparência demoníaca. A boca aberta mostrava os dentes pontiagudos, a língua negra e bifurcada pousava inerte para o lado, o sangue viscoso e azul escorrendo por ela e pingando a areia.

Em outro canal, um especialista em vida marinha confessava de nunca ter visto um animal assim e desconhecia a existência de tal espécie. Cada emissora mostrava a mesma lenda, as mesmas opiniões, as mesmas imagens. “Seus tolos”, pensou Lúcio, desligando a televisão e jogando o controle sobre o sofá. Foi até a geladeira e tirou uma cerveja. Fechou os olhos ao sentir o líquido gelado e refrescante descer goela abaixo, fazendo-lhe recordar a mesma sensação de conforto e paz.

O anjo o encarava com uma expressão séria no rosto. Lúcio pousou a lata no balcão.

— Chegou o momento? Esse é o sinal de que tanto me falava? — Apontou para a televisão. Ele se referia ao misterioso animal da praia.

— Eu o matei na noite passada — revelou o anjo como se tal feito fosse a coisa mais normal. — Durante séculos aniquilei demônios e mandei seus corpos queimados de volta ao Inferno.

— Mas esse não foi, Landriel.

— Porque o momento chegou, Lúcio. Sua participação no Juízo é de extrema importância.

O humano tomou mais um gole da cerveja.

— Qual será meu papel nisso?

— Como executor. Ao contrário dos que muito pensam, o Juízo Final não será um julgamento, e sim uma batalha entre anjos e demônios.

— Sim, sim, eu sei. E a terra será o campo de Batalha. Quem eu devo executar? O anticristo?

— Na verdade, será você.

Lúcio fitou o rosto de Landriel. A expressão do anjo revelava seriedade nas últimas palavras.

— Está querendo me dizer que eu tenho que morrer? Isso não faz sentido.

— Lúcio, cada pessoa neste mundo já nasce predestinada. Você foi escolhido para liderar o maior exército celestial já criado. A última vez que isso aconteceu foi na batalha que expulsou Lúcifer do céu.

— Como vou liderar uma tropa de anjos? Até onde eu sei, os suicidas não têm um lugar garantido lá em cima.

— E você está certo. Porém, os escolhidos não seguem essa regra.

Lúcio se jogou na poltrona novamente, apoiando os ombros no joelho e cruzando as mãos. Ele não queria morrer. Estava na flor da juventude, conhecera uma pessoa legal, sonhava em se casar e ter filhos. Todas as portas para o sucesso se abriram diante dele. Agora vi-as se fecharem ao ouvir a revelação de Landriel.

— Desculpe, Landriel. Não posso fazer isso.

— Não tem escolha, meu caro. É o seu destino e deve aceitá-lo.

— E se eu me recusar?

— Você e todos aqueles que amam sofrerão consequências terríveis.

Durante a infância, Lúcio tinha pesadelos que o faziam acordar no meio da noite, gritando, molhado de suor. Lembrava-

se de caminhar por lugares escuros e frios, assombrados por gemidos de dor, vozes suplicando por misericórdia. Outra vez, sonhou em que andava por uma estrada, úmida pelo sangue dos inúmeros corpos espalhados no asfalto. Recordou também de quando teve a visão de uma enorme cratera cheia de pessoas feridas, chicoteadas, perfuradas por espadas, lanças e flechas, manuseadas por criaturas horrendas. Iguais a encontrada na praia.

Essas lembranças o aterrorizavam sempre que fechava os olhos.

— O que devo fazer?

— Primeiro, será purificado por seus pecados. Levante-se.

Landriel estendeu as mãos diante de Lúcio, as palmas tocando a cabeça, enquanto sussurrava palavras estranhas. Um sentimento de alívio percorreu o corpo de Lúcio, arrepiando os pelos da nuca. Parecia que um enorme peso foi tirado das costas.

— Um anjo não possui carne, ele é apenas um ser de luz, radiante em toda sua glória. — Landriel usou novamente as mãos para materializar uma lâmina prateada e comprida. A arma refletiu intensamente o brilho do sol que entrava pelas venezianas.

— Vou liderar o exército usando isso? — perguntou Lúcio.

— Não. Essa é a Lança do Destino, uma relíquia poderosa. Deve usá-la para executar a si mesmo.

Lúcio segurou a arma e sentiu o peso. Percebeu o como era leve e parecia ser bem resistente.

— O que vai acontecer quando... Sabe...

— Sempre fui um anjo, Lúcio. Não sei o que é sentir dor. — Landriel caminhou em direção à porta. — Esperarei. — Apontou o dedo para o teto. — Lá em cima. — Lúcio esperou que ele abrisse a porta, mas o anjo apenas passou por ela.

Durante muitos anos, Lúcio não imaginava que tudo terminaria assim. Fechando os olhos, ele ergueu a lança. A arma desceu e o golpe foi dado.

Seu sacrifício salvaria a vida de todos, dos bons e dos maus.

Ele foi o escolhido.

Ele é o escolhido.

# O GUARDIÃO DO PORTAL

Daia Schmidt

**A** luz verde que reluzia daquele ser não expressava apenas a grandeza que nele habitava. Era um sinal de que a grande transformação se aproximava. E isso poderia ser muito bom, mas também poderia ser a amostra de que o curso do universo tomava outra forma. Ah! Podia sentir a luz que reluz de *Opinummediqui*, a dimensão das almas puras, libertadas do cerne da evolução terrestre. O lugar desejado por todo ser de bem, onde a cura de tudo transforma e traz poderes naturais que pertencem a cada um, e os prepara para usá-los com as almas que ainda não estão prontas para essa evolução. Mais do que isso, *Opinummediqui* é a dimensão dos anjos.

Angelium, o mestre da cura, o portador da chave dourada daquela dimensão estava pronto para fazer com que esse portal fosse aberto, dando um novo sentido à vida dos humanos que permanecem peregrinando na Terra. Ele fora o mestre de Efraim, cuja existência está ligada ao poder da multiplicação.

A ida de Efraim a Terra era o motivo de alegria e de preocupação de seu mestre. Ele sabia que quanto mais forte a luz verde reluzia através de seu ser, menor era o tempo para Efraim cumprir sua missão. E para isso acontecer, Efraim precisaria nascer do amor de dois humanos, cujos processos de evolução estariam ligados diretamente ao poder que o amor conduz sobre suas jornadas. E esses humanos já haviam sido escolhidos, antes mesmo de voltarem para Terra.

O que preocupava Angelium é que eles após se tornarem humanos ficavam expostos a vida cotidiana no planeta, e só conseguiriam cumprir a sua missão quando se reencontrassem e escutassem através de seus corações. De um lado estava Rafael, homem de 47 anos, divorciado do terceiro casamento, infeliz e incrédulo da condução divina sobre a Terra, ainda lecionava numa universidade conceituada, mas a muito não sentia prazer no que fazia. De outro lado estava Sarah, cujo nome era tão puro quanto o seu coração, de olhos azuis tão intensos quanto oceano, ela acreditava que a existência humana estava ligada a algum tipo de elo maior, de uma força grandiosa.

— Espiando os seus humanos preferidos, Angelium?  
— Ao ouvir a pronúncia daquelas palavras, o ser celestial sabia que a ousadia em ultrapassar os limites dos portões do paraíso poderia significar a ameaça tão temida pelo céu.

— Adolium, a que devo o prazer em te ver por onde não te sentes em casa! — Angelium levantou seu rosto — Devo imaginar que estás a procura de redenção?

O ser de luz escura soltou uma risada maquiavélica e encarou Angelium.

— Não Angelium, vivo aonde escolhi viver. Ou se esqueceu que foi o Criador que nos concedeu o livre arbítrio? — riu ainda mais alto — Na verdade caríssimo, só vim me despedir de você. Sabe, você realmente foi muito ingênuo, francamente, acreditar que dois humanos pudessem dar à luz a Efraim e com isso abrir as portas de Opinummediqui. Mas o que posso fazer se você, caríssimo irmão, decidiu dar ouvidos e servir dessa forma ao Criador, que nesse momento não está preocupado com o que vai acontecer com o seu súdito fiel. Os portões do inferno serão abertos tão logo você se for e meu exército cuidará de tudo, inclusive da linda Opinummediqui e seremos invencíveis pelos demais tempos.

O anjo sabia que a conversa de Adolium estava fundamentada na teoria do fracasso da sua própria missão.

— Adolium, se vieste até aqui na intenção de me corromper das minhas próprias raízes, saiba que é tempo perdido. Permanecerei firme aos meus princípios e na missão que o Criador me encarregou.

— Você é muito engraçado sabia. Vamos ver se aquela humana é capaz de fazer com que um homem acabado encontre alguma missão dentro de si.

E no mesmo lampejo que apareceu, sumiu. Angelium voltou a olhar para a Terra, certo de que naquele instante tudo poderia mudar. E para isso acontecer, ele faria algumas interferências no planeta para colocar Rafael e Sarah frente a frente.

Chovia a mais de duas horas na cidade e não tinha jeito, era preciso voltar para casa. O táxi parou em frente ao prédio, faziam apenas dois dias de sua mudança, mas ali se sentia em casa. Ao descer colocou o casaco sob a cabeça a fim de se proteger, mas foi impossível não se molhar um pouco.

Riu assim que chegou a portaria e viu o senhor João, porteiro do prédio a mais de 20 anos a lhe recepcionar.

— Que chuva menina, se molhou muito? — indagou.

— Ah, só um pouquinho. Deve se proteger, é muito fácil adoecer com esse clima.

Enquanto ainda pronunciava as palavras ia em direção ao elevador, logo sentiu algo como um oi cabisbaixo e um homem ao seu lado.

— Tem razão menina — disse o senhor —, tenha um bom descanso.

Sarah sorriu e espiou o homem que tossia. Ele não falava nada e parecia não sentir vontade de que lhe perguntassem algo. Quando adentraram o elevador, como se um choque percorresse seus corpos, tocaram suas mãos no momento exato em que davam o comando do andar que o elevador deveria parar. E por coincidência, provavelmente divina, o sexto andar era o destino de ambos.

— Me desculpe perguntar — Sarah chamou a atenção —, bem, me mudei a dois dias e pelo que vi somos vizinhos. É bom não se sentir sozinha, eu sou Sarah Stone.

E num gesto de cordialidade estendeu a mão. O homem lhe olhou intrigado e pegou a mão, tossiu mais uma vez e retrucou.

— Sou Rafael Cavanaggi, ser sozinho é uma condição. Eu gosto disso.

— Você também mora sozinho?

O homem afirmou com a cabeça num gesto positivo, e como se já se conhecessem a muitos anos, Rafael mesmo se sentindo estranho, acabou entrando no apartamento de Sarah e passaram a noite conversando e divagando sobre o universo, e sobre as crenças que cada um possuía. Rafael ficava incrédulo com a inocência de Sarah, e lhe disse por mais de uma vez e com muita propriedade e argumentação que com o passar dos anos essa imagem sobre o mundo, sobre o universo seria alterada.

Daquele dia em diante, os dois passaram a se cruzar diversas vezes, e muito rapidamente um frequentava o apartamento do outro. Sarah gostava de ouvir Rafael falar sobre a história da humanidade e sempre fazia algum questionamento

ao homem sobre o céu e o inferno. Então um dia, resolveram sair para jantar, não sabiam exatamente o que passava dentro de seus corações, mas sabiam que gostavam da companhia um do outro. Naquele dia, enquanto jantavam, sentiram algo maior e quando notaram suas mãos estavam entrelaçadas sob a mesa.

— Sabe Sarah, estava pensando. Bem, se você quiser, sei que somos amigos, mas estava pensando que talvez pudéssemos tomar uma taça de vinho na minha casa depois, e esticar a noite por lá. O que você acha?

Sarah pensou por um momento, estava tão acostumada a frequentar o apartamento de Rafael, porque o homem havia lhe feito o convite daquela forma. E então olhou para suas mãos entrelaçadas sob a mesa e entendeu o significado daquela frase, e só então se deu conta do quanto ansiava por aquele pedido.

— Eu acho Rafael, que o senhor demorou muito para me fazer esse convite.

Quando saíram do restaurante, Rafael inundado de algo que não sabia explicar, a tomou em seus braços e sem palavras ou pedidos de licença, a beijou. A viagem ao apartamento de Rafael estava tão tranquila. Após o beijo, ambos viajaram em silêncio, cada um preso em seus sentimentos, até Sarah resolver falar.

— Eu não sei o que isso significa, mas é como se eu tivesse esperado por esse momento a vida toda.

Rafael a olhou pelo canto e lhe respondera com muita sinceridade.

— Eu já vivi muito Sarah, só de casamentos foram três. E já vivi coisas que você ainda não viveu. Eu não sei o que está acontecendo e tenho a sinceridade e o respeito como condicionante da minha vida. Mas desde que nos conhecemos, bem — fez uma pausa e puxou o ar com uma força maior —, eu não acreditava mais no amor, mas com você sinto que posso fazer diferente. Sem promessas do que pode acontecer.

Sarah o olhou por um minuto e com um sorriso começou a falar.

— Sabe, a vida não é uma promessa do que vai e do que não vai dar certo. Acho que é mais sobre tentar alguma coisa. E talvez isso seja amar. É como a forma que os anjos usam para nos proteger.



Mal acabara de falar e um estrondo parecido com freios no asfalto se fizeram altos. Um carro aparecera do nada, cortando a frente do veículo. Assustados, os dois se olharam, sabiam que estavam bem, mas não fora suficiente para que os corações parassem de bater descompassadamente.

— Minha nossa. É exatamente sobre isso que acabamos de falar, a vida é um tentar, nunca saberemos quando vai acabar.

Rafael não respondera o questionamento. Não gostava de sentir as coisas fora de controle. Enquanto isso, num lugar do universo que Angelium não gostava sequer de pensar, estava recebendo a sua visita. Os portões do submundo foram abertos sem cerimônia. E antes mesmo de falar qualquer coisa ouviu um gargalhada de Adolium e inúmeras janelas que monitoravam os humanos na Terra.

— Por que você fez aquela interferência, Adolium?

— Mas veja só! Não sou o único invasor do universo — gargalhou —, você faz as suas interferências Angelium, eu faço as minhas. Essa briga deve ser justa, não concorda?

— Não existe briga justa, Adolium. Só vim aqui lhe avisar que nós venceremos.

Após exclamar e antes de receber uma resposta, o anjo retornou e sabia que a cada minuto precisaria proteger mais Sarah, para que a missão se cumprisse.

Alguns meses se passaram, e muitos acontecimentos estranhos permeavam a vida de Sarah. Quase atropelamentos, quase assaltos, tropeços inexplicáveis. O que não mudava era a sua alegria que radiava mais. Estava grávida, a barriga tão linda quanto o seu sorriso. Estava precisando de mais cuidados que o normal, a gravidez apresentara alguns riscos, e por isso dedicara o seu tempo em cuidar da gestação.

— Eu estava me lembrando do nosso primeiro beijo. Naquele dia tudo fez sentido para mim — sorriu e acariciou a barriga.

— Eu não imaginei que algum dia fosse me tornar pai, as vezes nem acredito que estamos juntos, nos amando. Será que você fez uma lavagem cerebral em mim?

— Eu esperei por você. Eu sempre quis saber qual era o sentido da minha vida. Hoje eu sei. E vamos amar esse bebê, e ele vai fazer grandes coisas no mundo.

— Você está certa em quase tudo, porque fui eu quem esperou muito por você. Olhe para mim, você me salvou. Eu te amo.

— Eu também te amo, para sempre, aonde quer que eu esteja nesse universo.

— Às vezes parece que você fala com enigmas, sabia.

— Talvez eu só queira te dizer que não importa o que acontecer, eu sempre estarei com você.

— Eu prometo. Vou proteger vocês dois. Você e Efraim.

Na manhã seguinte algo estava diferente no universo. O céu estava em prontidão para tudo o que poderia acontecer. Rafael passava a mão nos cabelos, suave e frio e sentia muita angústia. Até o médico aparecer.

— Sinto muito senhor Rafael, eu queria poder fazer mais. Eu preciso que o senhor tome a decisão. Ou salvamos o bebê ou sua esposa. Os dois é impossível.

Aquilo fora como um baque. Não era isso que havia planejado. Ele precisava mais tempo com Sarah, e queria dar tempo para Efraim. Ao adentrar a sala de cirurgia, viu Sarah com expressão cansada, mas com algum lampejo de luz no rosto.

— Estou aqui meu amor, e não vou deixar nada acontecer com vocês.

Sarah abriu os olhos e com muito esforço sussurrou que escolher por Efraim era escolher por ela. Mas ele não queria uma vida sem Sarah. Então aconteceu. Sussurros sobre Sarah, sobre o amor, numa mistura de sensações. Por um momento pensou que Sarah, diria que o bem e o mal seriam capazes de brigar ali por ele. E era exatamente o que acontecia. Adolium se aproveitara do momento para enviar o seu exército invadir Opinummediqui. Angelium estava sem forças. Rafael viu o médico entrar correndo junto das enfermeiras. Precisavam lutar contra o tempo.

— Eu vou proteger vocês. Se tudo o que puder fazer aqui é isso, salve Efraim.

O mundo parecia congelado, até uma luz iluminar o universo. O bebê nascera. Angelium sentiu algo e o exército de Adolium fora expulso por uma força superior. Mas Adolium

continuava ali, não havia acabado, faltava o coração de Rafael aceitar Efraim. O bip da máquina anunciava a partida de Sarah. Aos soluços Rafael pegou o filho nos braços e tudo o que sentia quando estava com Sarah se fazia presente.

— Bendito és tu que vem em nome do senhor! — exclamou aos prantos.

Angelium fora amparado por Sarah, que abraçou seu mestre saudosa. Adolium voltou ao submundo. O novo portal da humanidade estava aberto, Sarah e Rafael conseguiram. E Efraim a partir de agora levaria a humanidade para essa nova era, uma nova oportunidade se fez presente na vida dos seres humanos. Muitos falavam de milagres e de que a cura da humanidade caminhava por entre todos. Mal sabiam que a cura, se chamava Efraim. Nascido de dois humanos que entenderam que tudo se transforma pelo verdadeiro amor.



# O INFERNO PESSOAL DE MARCO AURÉLIO

Tainá Aquino

**D**urante a era humana existiram muitos finais do mundo. Tantos que em certa altura do século XXI a coisa toda virou piada. Havia mais de uma profecia por ano e a cada ano que passava uma série de *memes* de internet eram criados para as hipotéticas ondas que devastariam cidades inteiras, antigas profecias dos Maias, o meteoro que caía do céu exatamente à meia-noite, a tempestade apocalíptica de fogo ardente para abrasar a carne dos pecadores.

O fim evidente acabou por ser uma mistura de todas essas coisas. Na época, quando ninguém mais acreditava que seria possível o mundo explodir numa catástrofe que erradicasse a vida completamente, a própria NASA anunciou que os dias humanos naquela terra de oxalá estavam contados. Era então uma quarta-feira do mês de outubro e uma primavera toda florescida enfeitava a copa das árvores com as cores da vida. A economia ia bem, os índices de violência e desemprego bateram recordes de queda e um movimento centro ideológico ganhava força onde antes reinava a polarização. Mesmo no sertão do Ceará havia bonança e chuva. Era como se a natureza e o destino estivessem espalhando uma beleza anormal, um equilíbrio de forças em meio às classes sociais, mandando chuva sobre o deserto, vida na poluição, para então rir das criaturas confusas que ali faziam morada.

Não seria agora que tudo melhoria, como pensavam os homens.

A reação dos terráqueos ao aviso do final caótico que aí vinha? Descrença. Só quando vieram as primeiras tropejadas, blecautes, quedas de rede e sinais de forças extraterrenas colapsando no céu com sua energia, é que se instalou de vez o caos. A NASA havia escondido a existência daquele meteoro em curso fatal a todo custo, até que alguém da própria inteligência decidiu que era justo dar aos seres humanos o seu último dia. O discurso era o mesmo de sempre, peça perdão, desfaça os seus crimes, fique ao lado de quem você ama e todo o blá, blá, blá sentimental. Não os prepararam, no entanto, para a devastação de guerra que viria. Anjos e demônios perambulando pelas

ruas a angariar vidas, pactuar almas e prometer, como que vendedores de seguros ou planos de funerária, que haveria um futuro uma vez selado o pacto com o bem ou o mal.

Tudo balela.

Ou, pelo menos, era assim que soava para Marco Aurélio, que era o único homem na terra que tinha palpitações felizes todas as vezes que surgia alguma profecia, por mais ridícula e improvável que fosse a fonte. Sempre se preparava com ansiedade, como se fossem desses feriados santos. Era na verdade o único dia em que cantarolava e via-se de repente empático, dava bom dia aos vizinhos e até ligava para a mãe para dizer que a amava muito. O resto do tempo praticava todos os seus prazeres com a alegria de uma criança, ouvindo suas músicas preferidas e comendo doces a perder de vista. Quando vinha a frustração, voltava à vida com a mesma zanga diária. Era abusado, isolado guardado sob sete chaves com seu coração de gelo e sua antipatia de sempre.

Em todos os hipotéticos fins do mundo também se permitia se declarar a sua pequena Caroline Amaral, uma moça por quem se apaixonara meia vida atrás e que atormentava os raros sonhos que tinha. Como sempre, quando acontecia, recebia dela apenas uma pequena dose de gentileza, que lhe ardia em forma de nó na garganta.

Dessa vez, quando assistiu ao pronunciamento inesperado da NASA pela TV, soube que faria tudo diferente. Em vez de sair para passear com a sua melhor roupa e sorrir para os vizinhos, pegou sua garrafa de vinho mais antiga e sentou-se na cadeira de balanço, herança de seu pai já falecido. Abriu o seu livro preferido, ouviu a melhor música e esperou com uma tranquilidade feliz que as horas corressem. Dali de onde estava, viu passar uma Caroline triste e apressada que lhe deu com a mão pesarosamente, como quem se despedia. Ele respondeu ao gesto com uma virada de cara e ignorou completamente a sua suave existência, com a certeza de que logo mais não haveria nada. Também não topou com os anjos ou os demônios a angariar almas, porque depois de alguns minutos resolveu que a cama seria o melhor lugar para se morrer.

Foi nesse segundo que errou a mão, pois Caroline só não lhe pagou todos os beijos que devia a ele e que agora desejava, tímida, lhe dar, porque o gesto de desprezo dele causou uma dor afiada no peito. A última que sentiria.

Os anjos e demônios por um acaso também passaram despercebidos pela casa. Era tão escura e fria, que não havia motivos para imaginar que ali vivia alguém.

Marco Aurélio, perdido em sua própria satisfação de homem amargo e monstruoso, escolheu assistir um musical erudito nas horas finais do dia, onde caiu num sono profundo de morto. E que surpresa foi quando ouviu o despertador na manhã seguinte. A primeira reação foi o desgosto, claro. Logo estava de pé e arrumando as suas coisas com a mesma aspereza de gestos de todos os dias. Lembrou-se então de Caroline com suas curvinhas bonitas de mulher e seu jeitinho lindo. Lamentou tê-la maltratado daquela forma, devia ter sido uma noite longa e desesperadora para a pobrezinha da Carol. Compraria um buquê de rosas e se desculparia. Não esperaria o próximo fim do mundo para dizer que a amava e que queria se casar com ela.

Foi quando abriu a janela para prometer ao sol que seria um homem melhor que se deu conta da sua falta de sorte. Tudo era poeira e caos, destruídos por um meteoro cujo impacto, por um milímetro a menos de distância, havia deixado intacto uma pequena parte da terra onde por pura ironia universal ficava a casa de Marco Aurélio. A guerra entre anjos e demônios, munida de seus soldados terrestres, havia criado um campo de força que, atado à radiação do impacto “meteorítico”, fez um ciclo de poder ao redor de um determinado pedaço de terra. Ali naquela parte, sabe o criador o porquê, a radiação não penetrara e a poeira da devastação não lhe podia sufocar. Era como estar a uma bolha da felicidade.

Um inferno pessoal onde resistiram por algum tempo mais todos os arrependimentos de um homem covarde cuja sentença, afinal, era viver. Marco Aurélio soube nesse segundo que, sim, Deus existe. E onde que quer que estivesse no universo, com certeza estava rindo dele.





# O JUÍZO FINAL CHEGARÁ APÓS A NOVELA DAS OITO

Carlos Barth

**A** batalha do Juízo Final foi finalmente agendada após ter sido adiada por duas oportunidades. O primeiro adiamento foi para que não coincidisse com o Super Bowl americano (*business* acima de tudo) e o segundo foi em função das comemorações do centenário da rainha da Inglaterra. Houve uma terceira tentativa de postergação quando o presidente do Brasil solicitou que o combate não coincidisse com as finais do Campeonato Brasileiro de Futebol, o que conquistou o apoio do exército dos demônios, porém foi considerado um sacrilégio pelas tropas celestiais. Anjos foram inflexíveis: a batalha final ocorreria na próxima quarta-feira e não cederiam neste ponto. Bastava de maiores delongas, nisso concordavam ambos os exércitos conflitantes. Já passara da hora de se decidir de uma vez por todas, qual falange sobreviveria à derradeira contenda.

No entanto, confronto de tal monta, maior que Waterloo ou dia D, tinha suas complicações práticas e logísticas intrínsecas. O primeiro obstáculo foi encontrar campo digno para tal embate. Afinal, a batalha das batalhas não poderia ser disputada em um campinho qualquer. Todos concordavam que tal embate deveria ocorrer em campo neutro, o que acabou se mostrando impossível. A proposta dos anjos pelo Vaticano foi recebida às gargalhadas pelos demônios e, no final das contas, até eles tiveram que concordar que não era um bom local. Patrimônio histórico igual aquele não pode ficar sujeito a ser avariado pela batalha, não é? Países asiáticos em geral foram excluídos, pois lá a população, de modo geral, não acredita muito na existência de seres demoníacos e celestiais ou a eles não lhes dá tanta atenção quanto os cristãos. Houve certo consenso de que a grande luta deveria ser em um país católico, pois a Igreja Católica sempre soube espalhar o medo por onde andou, difundindo o simbolismo de anjos e demônios em nível mundial. Portanto, nada mais justo que tal reconhecimento seja feito àqueles que tanto fizeram em divulgar a imagem de ambos os exércitos envolvidos. Usando esse critério foi escolhido o cenário ideal para o conflito final: o maior país católico do mundo, um lugar chamado Brasil.

Curiosamente, houve protesto de onde menos se esperava. Os anjos ficaram possessos. Afirmaram que o Brasil há muito deixara de ser uma terra cristã, pelo contrário, era um local muito mais influenciado pelos demônios. “Vejam o Carnaval!”, diziam. “E a política?! E os índices de violência?!” Até mesmo a suposta influência católica não existiria mais, pois o país se transformara em uma nação dominada pelas seitas neopentecostais. Porém, os tinhosos resolveram a questão apresentando os dados do último Censo do IBGE que comprovavam a maioria católica — por mínima diferença, é verdade — mesmo que quase todos aqueles que assim se autodenominavam não pisassem na Igreja desde o batizado.

Resolvida a querela, passou-se aos procedimentos práticos de preparação: compra das terras, licenciamentos, direitos de transmissão, etc. Para a compra das terras foi aberta uma licitação em caráter de urgência devido ao prazo exíguo com publicação no Diário Oficial da União. Após um pleito controverso, com várias denúncias de fraudes, foram escolhidas as terras de um latifundiário maranhense dono de terras maiores que muitos países europeus. Os valores pagos pelas terras foram estratosféricos, porém o proprietário se justificou dizendo que o local conta com excelente infraestrutura para locomoção das tropas e variadas opções de lazer para que os combatentes desfrutem de alguns momentos de descanso durante os intervalos em que estiverem longe dos horrores do *front*. Pacote *all inclusive*.

O licenciamento foi motivo de diversas matérias jornalísticas que o classificaram, talvez exageradamente, como o “maior escândalo da história da República”. Merval Marcondes, importante jornalista carioca, elaborou comprometedor dossiê em que acusava o próprio Lúcifer de tráfico de influências na aprovação das licenças para realização da batalha. Infelizmente, não teve oportunidade de publicar sua denúncia, pois uma triste fatalidade encurtou sua vida. Foi esmagado por um piano de cauda que caiu do quinto andar de um prédio em plena Avenida Rio Branco quando estava a caminho do jornal. Coisas que podem acontecer a qualquer um. O tal dossiê, se é que existiu, não foi encontrado.

Os direitos de transmissão exclusiva do embate foram negociados diretamente entre os demônios e a Rede Globo de Televisão — anjos se abstiveram de tal compromisso — em uma negociata tão suja que conseguiu constranger até mesmo ao

advogado da legião demoníaca. “Ossos do ofício”, disse o mesmo. “Afinal, alguém tem que fazer o serviço sujo”. Transmissão em horário nobre, logo após a novela das oito. Plim-plim.

Enquanto os burocratas celestiais e demoníacos resolviam os problemas de ordem prática — muito mais por mérito dos demônios, sejamos justos — o pessoal do *Marketing* investia pesado nas campanhas de recrutamento. Contrariando sua índole pacífica, a equipe dos querubins lançou uma campanha agressiva embalada por um *jingle* do Padre Marcelo Rossi focado na promessa de um mundo de paz e prosperidade após a vitória dos céus. Já no time infernal a campanha foi focada em vender aos recrutas uma vida de prazeres ilimitados, com sexo livre e rodízio de churrasco liberado pela eternidade, caso o time do inferno ganhasse.

As adesões em ambos os times estavam parelhas, segundo o Datafolha, até que a equipe dos demônios, pelo *twitter*, fez uma polêmica promessa de campanha que causou uma reviravolta nas intenções de adesão dos novos recrutas: a revogação do 9º Mandamento, aquele que determina “não desejar a mulher do próximo”. Essa promessa não só fez aumentar exponencialmente as adesões ao exército infernal como ocasionou uma verdadeira debandada entre soldados celestiais. Entretanto, essa questão está *sub judice* no Supremo Tribunal Federal, pois os advogados dos anjos acusam os demônios de práticas ilegais de recrutamento. Afirmam eles que os capirotos sabem que essa é uma promessa que não pode ser cumprida, pois os mesmos não podem legislar sobre os desígnios do Senhor, o que caracterizaria sua má fé.

As bolsas de apostas por todo o mundo estão excitadas. Verdadeiras fortunas são movimentadas em palpites de vitória em ambos os lados. Mais ou menos *fifty-fifty*. Megainvestidores apostam nos dois lados em disputa para ter a garantia de sobrevida vença quem vencer. As informações são controversas e campanhas de propagação de *fake news* inundam as redes sociais, o que torna impossível a definição de um favorito. Quem vencerá esse duelo? Saberemos na próxima quarta-feira, após a novela das oito.



# O MARTELO

Alec Silva

*Encontre sua oposição*

*Profana e disciplinada*

*Retome seu orgulho*

*Com um martelo esmagador*

DIMMU BORGIR

**V**alquíria sempre admirou o pai, mesmo quando ele, nos tempos finais de paz, escolheu o lado que ajudaria. Sabia que Gildásio jamais tomaria partido de uma disputa se não fosse para vencer — ou que fosse o mais propício a vencer. A mãe, pouco antes de morrer, não teve a capacidade de enxergar isso. Se tivesse entendido as intenções do velho ferreiro, não teria se atirado do alto do prédio e ainda estaria viva, no aguardo do grande momento.

Desnutrida, não era complicado para a garota esgueirar-se pelos campos de batalhas, recolhendo as raras penas prateadas de anjos e pedaços de metal, fosse de natureza angelical, fosse de origem demoníaca. Às vezes, por sorte, escapava de ser atingida por algum estilhaço caído do céu, onde as duas tropas constantemente se enfrentavam, tornando a vida na terra uma amostra do que era o inferno. Num fim de tarde, testemunhou um anjo ferido e agonizando, metade da asa direita fora arrancada e uma espada estava enfiada no peito; fez companhia a ele, que foi perdendo o tom de pele prateado até se tornar como o bronze. Penas de anjos mortos também viravam bronze e perdiam a utilidade, então ela somente se levantou do chão e voltou para as fornalhas, onde o pai forjava as armas que matariam o mais poderoso dos arcanjos.

A jovem nunca entendeu como um humano era habilidoso daquela maneira, produzindo lanças que perfuravam a pele dura dos anjos, moldando escudos que podiam, quando usados corretamente, proteger um grupo de até cinquenta demônios e elaborando armaduras que tornavam seu portador

parcialmente invulnerável. Ela sabia das intenções do único parente que lhe restara após os fins dos dias de paz, mas nunca compreendeu como ele tinha o dom que nenhum dos lados possuía — e isso o tornava tão valioso, apesar de ninguém ali parecer disposto a valorizá-lo.

— Por que não constrói uma armadura e uma espada, capazes de vencer até mesmo Deus, pai? — perguntou ela, certa vez.

— Nunca mais blasfeme desse jeito — avisou Gildásio, com a calma de um homem santo, dando-lhe uma bofetada violenta no rosto.

Valquíria teria retrucado aquela afirmação, mas uma bofetada por dia lhe parecia o suficiente. Não sentiu raiva e tampouco achou desmerecer o uso da moderada violência; estava ciente de que falara bobagem, questionando o plano obscuro do pai. Desculpou-se e entregou as duas penas que recolhera mais cedo. Sem demonstrar emoção, o ferreiro as jogou num imenso caldeirão, fechando-o com uma tampa com estranhos símbolos. Eram runas, e apenas isso lhe foi dito quando, curiosa, perguntou o que eram.

Ao selar o acordo com os demônios, o velho ferreiro conseguiu poupar a filha dos horrores infernais e das depravações, então ele trabalhava e fornecia equipamentos de acordo com a vontade de seus mestres. As armas e as armaduras que forjava dia e noite eram as melhores e só não eram imbatíveis por pura incompetência de quem as manejavam. A garota assistia, de longe, às longas discussões do pai com os diabos e capetas que iam até as fornalhas, para buscar os objetos de combate; receava que algum deles o matasse, e não eram incomuns o uso de violência e as ameaças sobre torturar a alma e estuprar a única filha — e o homem se mantinha firme nas afirmações sobre a qualidade do que criava e a estupidez de quem as manipulava.

Nas pausas que tinha, Gildásio contava para ela histórias sobre seus antepassados, guerreiros valentes que não se renderam facilmente a costumes e crenças estrangeiras, homens e mulheres que lutariam, muito em breve, ao lado de deuses e anjos contra outros deuses e demônios. Ele a ensinou, precariamente, a segurar uma espada e quais golpes eram os mais precisos contra um oponente. Valquíria fazia o melhor que podia para aprender, mas era fraca em demasia, afinal a alimentação ali era constituída de ratos, baratas e, com muita

sorte, repolhos e cenouras que secretamente a garota conseguia produzir em grandes bacias.

— Um dia, filha, este mundo decadente dará lugar a um novo — prometeu ele, com os olhos cheios de lágrimas, contemplando as ruínas do que já foi uma imensa cidade. — Toda a poluição, toda a morte, toda a desgraça, tudo será eliminado do mundo e o ele assim recomeçará.

Os anos de conflitos se estenderam absurdamente. No primeiro ano, pessoas consideradas dignas foram arrebatadas; foi quando a mãe da garota se matou — ela se sentiu abandonada e desmerecedora de qualquer ato de bondade divina. Nos três seguintes, estouraram as guerras dos homens, bombas atômicas devastaram a terra, tornando-a infértil, secaram rios — e os que não secaram viraram depósitos de veneno mortal — e mataram milhões de vidas humanas e animais; florestas se incendiaram e uma grossa camada de fumaça cobriu quase todo o planeta. Quando, no quarto ano, os sobreviventes buscavam meios de suportarem as consequências de todos aqueles eventos, os anjos e os demônios chegaram, forçando-os a escolherem lados e lutarem uma nova guerra, a mais terrível e cruel de todas.

Enquanto ficava deitada, num quatinho sujo, sobre um colchão fino, Valquíria ouvia o velho ferreiro trabalhar no metal. Pancadas pesadas, ritmadas e poderosas no aço quente, moldando lâminas de espadas e pontas de lanças. Ela tentou auxiliá-lo uma vez, contudo passou quase uma semana com os braços doendo — e foi quando iniciou as breves aulas sobre manejo de armas e pontos vitais de um inimigo, fosse do lado infernal, fosse do angelical.

— Relataram-me que você está criando uma arma definitiva — soou uma voz conhecida, como o som do sibilar de uma venenosa serpente.

Pondo-se de pé imediatamente, com o coração saltitando desesperado, a garota saiu a passos lentos e silenciosos do aposento, andou por um corredor mal iluminado e parou bem perto das caldeiras, onde o fogo ardia incessante, vapor e fumaça se mesclavam e o calor era angustiante. Prendeu a respiração e apurou a audição, para que pudesse ouvir o que o pai falava — o demônio era bastante audível, mas as palavras de Gildásio eram as mais importantes.

— Não existe esse negócio de arma definitiva, senhor — falou o ferreiro, com paciência, segurando a marreta que

usou para moldar o objeto que terminou naquela madrugada.  
— Toda arma é poderosa na mão que melhor a usar.

O demônio — cujo nome nenhum ser humano ousava pronunciar — gargalhou com estrondo. Estava sozinho, como de costume, pois não temia nem céu nem inferno. Nos últimos meses, era ele quem mais aparecia ali e estava sendo o general que melhor obtinha sucesso nas batalhas contra os anjos. A gargalhada, como logo descobriram pai e filha, não era boa coisa.

Valquíria ainda estava percorrendo a segunda metade da distância entre as caldeiras e a sala cheia de peças e acessórios, temendo pelo pior, quando aconteceu. Os sons de asas de morcego batendo, mão agarrando pescoço, unhas afiadas arranhando a pele... e de uma violenta martelada num crânio que se despedaçou. Passos cambaleantes, mãos trêmulas tentando se apoiar sobre a mesa, metais caindo e tilintando no piso duro, ecos por toda parte.

— O que você fez? — urrou o demônio, encarando o velho.

Gildásio não respondeu. Nem ele sabia exatamente o que fez ou como fez. Era um segredo de família, um conhecimento apenas repassado de uma geração a outra, e ele jamais imaginou precisar usar. Apertando o cabo encurtado da arma com força, desferiu uma sequência de golpes contra o antigo mestre. Embora relativamente pequeno e de lados curtos, com uma ponta laminada e muito afiada, era um martelo poderoso e cada vez que se chocava contra a cabeça do anjo caído, era como se abrisse os céus e descarregasse sobre ele um violento relâmpago, seguido de um trovão ensurdecedor.

Mas o ferreiro já não tinha o vigor de outrora e, quando ergueu a mão para pegar impulso para uma nova investida, foi atingido certeira e no peito pela cauda de escorpião do demônio, que permaneceu sentado, as costas apoiadas na parede. A peçonha agiu de imediato, paralisando o homem, que foi arremessado para longe com um movimento tele cinético do adversário de pele acinzentada. A arma peculiar caiu próximo aos pés descalços e de quatro dedos do general.

— A arma definitiva é um martelo primitivo?! — surpreendeu-se ele, pondo-se de pé, todo ensanguentado, e olhando com desprezo para o objeto. — Era para isso que mandava sua filha aos campos de batalhas? Ela recolhia penas e metal celestial para que forjasse um... Martelo?



Embora paralisado, Gildásio sentia a pior dor de sua vida. Teria gritado para a filha não vir a seu auxílio, se pudesse. Mas ali estava ela, os cabelos ruivos caídos sobre o rosto choroso, os olhos esverdeados lacrimejando, os lábios finos e esbranquiçados, cheios de rachaduras, implorando para que o pai não morresse. E a avisaria sobre tantas outras coisas, se conseguisse.

— Ora, ora... A filha do ferreiro — sibilou o general, pegando o curto martelo e se aproximando da garota.

Valquíria o ignorou. Estava preocupada com o pai.

— Ele vai morrer por ter nos traído — informou o demônio, parando ao lado dela. — E você terá o mesmo destino que tem uma prostituta.

Os olhos quase sem vida do velho estavam fixos na última arma que criou. E foi olhando para sua segunda melhor invenção que ele deu seu último suspiro. A filha, a primeira e melhor criação, estava sozinha num mundo que em breve teria seu fim, sob os pés dos anjos e dos demônios que diariamente se matavam sobre as ruínas de grandes cidades e florestas de carvão.

Acostumada a ser ágil nas incursões que realizava nos campos de batalha, a garota não teve dificuldades em se mover e, com um puxão repentino, aproveitando-se da distração do general, tomar posse do martelo. Sentiu as forças se redobram infinitamente e, com um giro quase cego, um dos lados da arma atingiu em cheio a coxa da criatura, que urrou de dor e tentou atacá-la.

Raiva e luto encheram o peito de Valquíria, que não recuou diante da ameaça. Canhota, manejou o objeto de guerra com maestria, golpeando o queixo pontudo do inimigo, que caiu sobre uma mesa cheia de adagas, metros atrás. No impulso, a jovem agora estava de pé, coberta pelo sangue negro do assassino do ferreiro. E ela caminhou até o demônio, escutando, ao longe, os ecos dos trovões que os poderosos golpes produziram.

Orgulhoso, o general ainda se levantou, materializando uma imensa espada de dois gumes. Ao movê-la, com ambas as mãos, cortou fornalhas e caldeiras sem tocá-las, destruiu paredes, marcou profundamente o piso de cimento batido e rasgou as realidades invisíveis no ar. Mas não causou o menor dano à garota, que pôs a pequena arma diante do rosto furioso e

choroso. A lâmina trincou e se quebrou em milhares de pedaços, como vidro, para o assombro de seu portador.

Esticando o braço, a ponta afiada direcionada à criatura demoníaca, Valquíria finalizou a luta. Veloz, a jovem ficou a poucos centímetros do oponente, a lâmina foi de baixo para cima sem dificuldade, abrindo o corpo do demônio, que caiu sem vida, as vísceras escapando pelo corte.

Recuperando-se do acesso de fúria, ela olhou, confusa, ao redor, espantada com a destruição que o breve embate resultou. A seguir, com um sentimento de solenidade, contemplou o martelo. Cabia quase por completo sobre as palmas das duas mãos juntas, pesava um pouco, contudo não o bastante para ser difícil de manejar. O cabo era de carvalho, a madeira toda entalhada em alto-relevo, com os símbolos estranhos que ela havia visto em tampas de vasos e antigos livros que o falecido pai escondia sob o colchão. O metal resultante da fusão de penas de anjos e aço celestial também tinha runas, além de representações que deixaram a garota perplexa.

Olhando a figura feminina que fazia oposição a uma horda de diabos e arcanjos, a filha do ferreiro sorriu com melancolia. Estava diante do plano do pai, a razão de ele trabalhar por tantos anos na confecção de armas que haviam dado imensa vantagem ao inferno: o martelo, a única coisa capaz de abater anjos e demônios, a arma que poria a humanidade outra vez sobre o domínio do planeta.

E era Valquíria a escolhida para iniciar essa nova página do longo juízo que parecia longe de seu final.

# SALVAÇÃO

Priscila Morais

**L**evantei meus olhos para o céu. Era dia, mas uma escuridão cercava a cidade. Observei as nuvens carregadas que fechavam aquela imensidão azul, enquanto pensava em tudo que aconteceu até aqui e como era fácil enxergar tudo lá do alto e não se envolver com aquelas vidas na Terra.

Sempre pensei no ser humano como uma desgraça iminente, que ia destruindo tudo e todas as coisas por onde passavam. Mas agora, convivendo no meio deles, não sei o que pensar. As emoções humanas são muito mais fortes do que as que temos entre minha raça. Nasci para ser um anjo soldado, para ser implacável nas decisões. Nasci para liderar o Exército da Salvação Eterna, mas hoje, diante desse céu escuro, eu já não sei no que me tornei.

Limpo minha espada em um pedaço de roupa de um irmão morto. Mais sangue será derramado até o fim do dia e, se eu pretendo me redimir de tudo que fiz, preciso estar preparado. Penso nos demônios deformados que ajudei a matar até agora. Disso eu não me arrependo. São seres terríveis e repulsivos. O que pesa em meu coração é saber que eles foram criados pela minha própria raça, por Lúcifer, meu irmão mais querido e amado.

Quando descemos do céu, nosso propósito era acabar com todo o mal, com a peste disseminada, com as guerras civis, com os demônios errantes, independente em qual forma eles se manifestassem. Não tínhamos a ideia de que o inimigo estava à espreita, nos encurralando dia após dia. Sua vantagem era que não conhecíamos nada sobre a Terra e formávamos conceitos errados sobre aqueles seres que lá viviam.

Ando por entre os corpos. Uma mistura de humanos, anjos e demônios se empilham pelas ruas. O céu me parece meio avermelhado depois de olhar para tantos mortos. Respiro fundo. Um pesar toma conta do meu corpo. Não sei em qual momento me afeiçoei tanto aos humanos. Pode ter sido quando vi pela primeira vez uma mãe cuidando de seu bebê recém-nascido. Seria ótimo ter tido uma mãe que se importasse comigo ou,

pelo menos, sentir um pouquinho como é esse amor entre mãe e filho. Mas, nós anjos, somos criados a partir da vontade do Altíssimo.

Ou talvez tenha sido no momento em que vi o sofrimento do ser humano com as doenças transmitidas por essas criações malditas de Lúcifer. Era horrível ver tantos sendo controlados por esses demônios. Eu os via sussurrando em ouvidos, colocando pensamentos malignos nas mentes humanas, mas parece que meus irmãos não se importavam muito com quem estava no controle daquelas maldades. Eles só queriam que aquilo parasse, independente de quem precisavam matar.

Não tinha percebido que eu apertava com força o cabo da espada e os nós dos meus dedos estavam esbranquiçados devido a força. Afrouxei o toque e continuei aquela caminhada mórbida. Uma brisa começou a soprar e o vento fluía através das penas das minhas asas. Se fossem outros tempos, dias mais felizes, eu pararia para apreciar essa cidade, para aprender sobre tudo e, principalmente ver o que era chamado de pôr do sol. Como puderam esconder de nós essas coisas lindas presentes na Terra? O vermelho do sol apontando no horizonte, está entre as coisas mais lindas que já vi. Como, Pai? Como o Senhor pode esconder dos seus filhos essa sua criação maravilhosa?

Enquanto estava perdido em meus devaneios, não percebi a aproximação de dois dos meus irmãos: Ariel e Moraël. Sempre fui muito próximo de Moraël e o admirava por sua mente estrategista e por sua força estarrecedora. Hoje tento esconder o nojo que sinto ao olhar sua face tão bela, pois não consigo esquecer que essa beleza pode ser linda e ao mesmo tempo terrível, como quando ele matou aqueles humanos atormentados pelo inimigo. Meu peito aperta e estou respirando com dificuldade. Meu corpo celestial infla com sede de justiça. Tento controlar os meus atos.

— Omael, está na hora — diz Ariel tocando meu ombro. Afasto-me do seu toque e olho em direção a Moraël e percebo que ele evita ao máximo olhar em meus olhos. Ele sabe exatamente o que penso de suas atitudes e sente a repulsa que exala de mim.

Elevamo-nos ao céu para a batalha, minhas asas batem no mesmo ritmo daqueles que me cercam. Agora somos pouco mais de 500 anjos. Já o inimigo, perdemos a conta de quantos são. Sinto que algo acontecerá. É mais uma premonição que

embala meus pensamentos. Não sei se é algo bom ou ruim, mas sinto no fundo da minha alma, uma ponta de esperança.

Puxo a espada da bainha olhando para a massa de demônios e anjos caídos que correm e voam ao nosso encontro. Os anjos que ficaram em terra, não têm muita dificuldade com o inimigo e logo o som da batalha começa a subir até meus ouvidos.

Observei ao redor procurando humanos. Não havia nenhum. Fiz um bom trabalho escondendo-os. Não podia mais vê-los tristes por perder seus entes queridos. Escondi-os até de meus irmãos. Alguns beijavam as minhas mãos em agradecimento, como se eu fosse algo divino. Mas não sou e não me sinto tão divino após estar tanto tempo contra esses seres que nem ao menos pediram para nascer. Estou ao lado da justiça e devo proteger essa raça bela, complexa e atormentada. Pai, perdoe-os, eles não sabem o que fazem, disse um dia o filho do Altíssimo que caminhou e conviveu entre eles.

Chegou a minha hora de atacar. Um anjo caído investiu contra mim e nossas espadas soltaram fagulhas de fogo ao se chocarem. O meu próximo golpe foi certo e o anjo caído jazia morto pelas ruas da cidade. Assim, a batalha se estendia por dias e dias e já estávamos entrando em exaustão. Foi quando eu senti uma força muito grande fluindo através de mim. Eu tinha certeza que era Ele. Sua força ascendia dentro de mim, preenchendo todos os cantos do meu corpo.

Um clarão dissipou as nuvens escuras e encheu todo o céu. Um barulho de trovão ribombou pelos quatro cantos do mundo. A energia pura se espalhou com toda a força e fomos arremessados em todas as direções com os olhos ofuscados. A última coisa que lembro era o inimigo sendo dizimado ao ser tocado pela luz.

Acordei no chão, deitado de costas em uma maca. Minha asa esquerda estava um pouco torcida. Meus olhos se acostumaram com a luz fraca da manhã que se iniciava, meus ouvidos sentiam o canto dos pássaros. Sentei e vi que tinha ataduras em todo meu corpo. Crianças corriam por todos os lados, brincando alegres. Uma mulher que lembro estar no esconderijo que improvisei se aproxima de mim.

— Meu senhor, o bem venceu! — Ela diz com um sorriso pegando em minha mão. — Obrigada por nos salvar!

Eu olhei aqueles olhos cheios de gratidão e respondi emocionado:

— Ao conhecê-los, eu é que fui salvo.

Agora de pé, ao lado dela, observamos a luz vermelha do sol nascente, ao mesmo tempo em que gravava na minha memória todas as coisas lindas da Terra. Afinal, aprendi que até em meio a desgraça é possível tirar uma lição bela. E, assim, aproveitei meu último dia na Terra.

## SELENA

Edilaine Cagliari

**N**ão é de agora, não começou agora. — Ela olhava-me com o canto do olho, um leve sorriso. A perna, cruzada sobre a outra, balançava de forma ritmada. Sentia-me desconfortável ali, na frente dela; era como se ela me visse por dentro, além do fato de que eu nunca sabia como me dirigir a uma pessoa não binária, a barba contrastava com o cabelo cacheado bem cuidado e o vestido longo, que agora deixava à mostra as botas de cano e salto muito altos.

— O que você quer dizer com isso, Selena? — perguntei.

Ela olhou para suas mãos, pousadas sobre a perna animada e suspirou. Ergueu os olhos novamente e me encarou, mas desta vez eu pude perceber que não me via, apenas me olhava, refletindo.

— Nos anos sessenta vieram os primeiros índigos, a primeira leva. São os que mais tarde se tornaram terapeutas. Vieram no meio da onda hippie, da volta ao natural. Nos anos noventa vieram os da segunda leva, muito mais numerosos.

— Então você quer dizer que a luta entre trevas e luz vem se preparando há muito tempo?

— Exatamente. Não é de agora, não começou agora.

As vozes da plateia começavam a aumentar, e pude perceber meus assistentes fazendo sinal para que ficassem novamente em silêncio. Como esperado, o diretor mandou chamar os comerciais, os números da audiência nunca estiveram tão altos.

— Enquanto eu me recupero dessa informação, vamos chamar os comerciais, mas é rapidinho e já voltamos! - e sorriu para a câmera.

Selena poderia tranquilamente se chamar Serena, sempre sorrindo, e agora aceitava o copo de água que um dos assistentes oferecia, e bebia em pequenos goles. Meu diretor começava a contagem regressiva para voltarmos ao ar.

— Voltamos com Selena, que aceitou vir ao nosso programa para esclarecer sobre a onda de conflitos e caos que se alastrou no mundo todo, acentuada nos últimos anos, fazendo com que muitos de nós tenhamos medo até de sair de casa.

Observei a placa de “aplausos” acender, e a plateia atender à solicitação, parando assim que a mesma apagou.

— Selena, você me disse há pouco que durante duas ocasiões na história recente tivemos a vinda de humanos especiais, que vieram para apaziguar a Terra, confere?

— Não, meu amor, nem todos vieram apaziguar. Os índigos são catalisadores, eles podem transformar pelo amor ou pela dor. Temos índigos como Malala, mas temos índigos como assassinos em massa, também.

— Você quer dizer que nem todos os índigos são bons?

— Não existe bom e ruim. Todo ser que encarna aqui na Terra vem com um propósito, e muitas vezes sua missão é confrontar com violência, para que a dor possa nos fazer parar e refletir. Sua missão é ingrata, são odiados, mas são eles que causam em nós algum conflito interno, capaz de nos tirar do automático e nos tornar mais conscientes das nossas escolhas.

— Você diria que Hitler foi bom?

— Hitler teve uma missão difícil, os seus atos servem de medida até os dias atuais para nossas escolhas e suas consequências. Teve um papel crucial na história da evolução humana.

— Você diz “nós”, mas você é um anjo...

— Eu sou como vocês, apenas mais evoluída. O que eu faço qualquer pessoa pode fazer, apenas ainda não sabe. Não existem eles, não existe separação. Como gotas de água, todos somos oceano em algum momento.

— O que você diz sobre essa onda de violência, fundamentalismo e conflitos que estamos vivendo?

— É a forma que escolhemos para evoluir. Poderíamos evoluir pelo amor, como vários povos que já estiveram por aqui, mas preferimos a dor.

— E vocês, anjos, não podem interferir?



— O livre arbítrio é a lei maior em todo o Universo. Ninguém pode interferir. Podemos oferecer outro caminho, mas a escolha é de cada um.

— Você já foi menos evoluído, como eu?

— Já, sim, por isso compreendo tão bem o fato de não conseguirem perceber a divindade que existe em si. Na realidade, esse distanciamento da Energia Primordial é o que faz com que pensemos que existem pessoas melhores e piores, que existem bons e maus.

— Se não existem maus, quem são os demônios?

— Os demônios são aqueles de nós que não tem condições de amar, ainda. Estão em defasagem deste sentimento e com isso temem tudo que o amor representa.

— Como assim, temem amar? — Franzi minha testa.

— Exatamente. O amor nos torna vulneráveis, fracos, nesta concepção errônea que se tem dele, nesse nível evolutivo. Então as pessoas procuram controlar os outros e a si, não se permitem amar, não se permitem viver de forma relaxada. Se todos conhecessem a força do amor, certamente vários valores hoje presentes na sociedade seriam extintos; como posse, poder sobre os outros, ganância.

— A ganância é natural do ser humano...

— Errado. A ganância é antinatural. Tudo que é demais é ruim; se comemos demais passamos mal. A ganância é desequilíbrio, e geralmente é um sintoma para a falta de amor. É uma sensação para suprir o que o amor traria de satisfação, mas quem é ganancioso nunca está satisfeito.

— Estamos no meio da guerra entre luz e trevas, correto? Quem são os exércitos?

— Somos nós, eu, você e os que nos assistem. Demônios e anjos, aqui na Terra, se desenvolvendo conforme sua vontade.

— Então essa guerra na verdade é como um curso preparatório para o que decidimos ser?

— Exatamente, querido. Todos nós chegamos ao ponto em que podemos decidir se preferimos ser anjos ou demônios, se queremos evoluir pela dor ou pelo amor. Cada um terá o que

escolher, ao final apenas um exército ficará aqui: e o planeta já decidiu quem fica.

— Quem fica?

— Aqueles de amor, os que já têm condições de viver harmoniosamente com todos os seus irmãos, da mesma espécie ou não. Os que compreendem que a cooperação é a única forma justa de crescimento, que desejam igualdade de oportunidade a todos, que entendem que sua vitória não significa a derrota de outro. Quem leu o Gênesis, da Bíblia, sabe como era o Éden. Esse planeta vai voltar a ser o Éden.

— Uau! Bom, vamos às perguntas da plateia agora, pode ser?

Selena acenou positivamente com a cabeça, e um dos assistentes entregou um microfone para alguém do público.

— Como podemos saber que você não está mentindo?  
— perguntou, falando muito perto do aparelho, causando microfonia.

— Apenas seu coração pode saber a verdade, querido.

— Meu coração me diz que você está mentindo, que quer apenas que ninguém faça nada enquanto nossos filhos estão morrendo nas escolas, nas mãos de atiradores!

— Não cai uma folha de uma árvore sem que Deus saiba e concorde.

— Você é uma farsa! Um homem vestido de mulher!  
— gritou outra pessoa, sendo seguida por mais algumas.

Ela permanecia tranquilamente sentada, sua perna balançando no mesmo ritmo. Aos poucos as vozes aumentavam, e um sapato voou para o palco onde estávamos. Assistentes procuravam conter os mais exaltados, porém a horda parecia alimentada pelas próprias vozes e gritos.

Selena levantou-se, abriu os braços e levantou as palmas para cima, como quem espera um abraço, com seu sorriso permanente.

O que aconteceu depois eu não sei ao certo; o barulho da explosão fez com que todos corressem desordenadamente, alguns caíram e foram pisoteados. Assim que percebi ser um tiro, me joguei no chão, protegendo a cabeça. Alguns segundos depois, olhei para o lado e Selena estava estendida, deitada,

uma poça de sangue ao seu redor, que ela pegava com a mão e observava com cuidado.

— Selena! Socorro! Alguém ajude aqui! — Mas estávamos sozinhos agora.

Levantei-me e corri para junto dela, segurei sua cabeça, o sangue saía de seu ventre. Sem saber mais o que fazer, apenas perguntei:

— Anjos morrem?

Ela me olhou novamente, com o mesmo sorriso, e respondeu:

— Talvez eu seja apenas seu catalisador, querido. — E fechou os olhos.



# SOMENTE OBSERVAR

Nancy Scarlett-Hayalla

**D**urante anos, sempre se ouviu falar sobre o fim do mundo, dia do juízo final, apocalipse zumbi, que o mundo vai se acabar em água, fogo, um meteoro vai colidir com o planeta Terra e etc... chegavam até marcar datas específicas sobre tal evento, com direito a piadas do tipo “não poderei ir, já tenho compromisso para este dia!”. Os mais religiosos, lotavam os templos e igrejas, acreditando que realmente o dia do juízo final chegará, para garantir a sua vaga no céu...

Mas como nunca aconteceu nada de extraordinário, a maior parte da população não levava o assunto a sério...

Até o dia em que o tão esperado dia do juízo final aconteceu!

E não foi do modo como se era esperado...

Foi muito pior!

Não foi de uma hora para outra. Foi como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Foi o resultado de atritos permanentes, decorrentes de anos e provocados pelo imperialismo das grandes potências mundiais.

E levou o tempo suficiente para o universo se preparar para o apocalipse, onde anjos e demônios recrutaram soldados humanos para a última batalha entre o bem e o mal.

De um lado havia um exército de “demônios”, liderados por Lâmia, um demônio vampiro.

Na verdade, o seu exército era formado por serem humanos, que já haviam sido condenados e esquecidos pela humanidade. Em outras palavras, eram a escória da sociedade, formada por ladrões, traficantes, assassinos e estupradores. Mas também haviam aqueles que se encontravam no pior momento de suas vidas, como os depressivos, dependentes químicos e suicidas. Gente que já desistiu da vida e acabaram por se entregar as trevas.

Eles eram a Legião!

E quem ousasse a desafiar a Legião era caçado, açoitado e exterminado. E é claro que haviam aqueles queriam uma única chance na vida para se redimir do mal que fizeram, para poder salvar suas almas e alcançar o tão sonhado Reino dos Céus.

Foi aí que veio a ideia de formar um tipo de “resistência rebelde”, ou melhor dizendo, um exército de “anjos”, que foram recrutados, treinados e liderados por Castiel.

Diferente da maioria dos outros anjos, Castiel era conhecido por simplesmente observar os eventos do cosmos sem causar grande interferência. Era o anjo da solidão e das lágrimas e também aquele que preside a morte de reis e possivelmente chefes de estado.

E por que um anjo que somente observa e não faz nada de bom foi escalado para treinar e liberar uma rebelião contra o exército de Lâmia?

Porque houve uma ocasião em que ele só observou e se arrependeu amargamente.

Ou seja, até os anjos falham. Não é piada. Foi mais ou menos assim...

Desde a criação do mundo, anjos e demônios iam a Terra e se misturavam entre os mortais. O problema é que tanto os seres celestiais e os seres das trevas ficavam à mercê dos sentimentos humanos.

E foi durante uma visita que Castiel conheceu uma bela mortal e se apaixonou.

Mas infelizmente aconteceu desta jovem adoecer e morrer. Mesmo sendo a sua missão, Castiel não suportou a morte dela e desde então ele carrega esta culpa.

Agora com a proximidade do dia do juízo final, ele jurou que seria diferente.

Reconhecera que não era fácil recrutar, treinar e liderar gente que não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Como todos os anjos, já notara que a maioria de seu exército somente estava ali por interesse próprio. Não estão se importando com a causa maior, que era salvar o mundo. Típico do ser humano...

E isto seria uma grande vantagem para a Legião.

E ele precisava evitar isto a qualquer custo. Só precisava descobrir como fazer...

“Um tempo antes” do dia do Julgamento Final, Castiel deu uma folga a si mesmo. Foi caminhar pelas ruas como um humano normal, pois mesmo sendo anjo, chegou uma hora que ele se cansou de lidar com toda essa tensão. O que por um lado não adiantou, pois durante a sua caminhada esbarrou com Lâmia, a líder da Legião.

Os dois estavam em sua forma humana, mas ainda poderiam usar seus poderes. Os anjos mantinham seus dons celestiais, para no caso de precisarem atacar ou se defender dos demônios que andam sobre a terra.

Eles fitaram um ao outro, por um bom tempo em posição de ataque, só esperando um ou o outro tomar a iniciativa. O silêncio do momento foi quebrado por ela:

— Calma! Não se preocupe! Não farei nada contra você!

— Não fará ainda! Mas pretende fazer com milhares de inocentes!

— Eles não são inocentes, Castiel... e você sabe muito bem disso!

Mesmo sabendo que Lâmia estava certa com relação a humanidade, ele sabia o quanto ela era ardilosa. Ficou só esperando ela jogar um verde para ver se colhia algum maduro.

— Volte para a sua solidão, Castiel. Seu exército não tem a menor chance contra a Legião. Eles são tão miseráveis quanto os outros, somente se aliaram a você por puro interesse. Ajudá-los não vai apagar a sua culpa por deixar aquela humana morrer. Era o destino dela!

Ela tinha razão ao dizer aquilo. Mas não podia deixar a humanidade nas mãos das trevas. Resolveu fazer o joguinho dela:

— Tudo bem, Lâmia. Pode ficar com este mundo que a própria humanidade condenou! — Simplesmente disse isso e foi embora.

Ela estranhou o fato dele ter dito aquilo, afinal ele era um anjo, cuja a obrigação principal era proteger o mundo, mesmo sabendo o tipo de anjo que ele era. Não acreditando

em suas palavras, resolveu ir atrás dele, mas não conseguiu. Ele desapareceu assim que virou a esquina.

Somente por garantia, decidiu antecipar o dia do Juízo Final por conta própria.

Dias depois, lá estava a Legião em peso para iniciar seu ataque. Bem à frente de seus subordinados, estava Lâmia, pronta para anunciar que o dia do julgamento havia chegado...

Só tem um porém, para que anunciaria? A Legião se encontrava bem no meio do centro da cidade, que na hora estava deserta. Não havia ninguém por perto. Era como se fosse alguma cidade-fantasma.

Lâmia tinha a certeza de que era algum plano de Castiel. Ele não ia entregar os pontos, assim sem mais nem menos... Pelo menos era o que ela achava.

Ela e seus seguidores esperaram dias e nada de ninguém aparecer, nem mesmo um anjo ou ser humano normal. Fizeram uma varredura na cidade e não encontraram nenhum ser vivo em um raio de cem quilômetros. Seus soldados começaram a questionar se tudo aquilo valia a pena. Estavam cansados...

Aliás, estavam tão cansados de esperar, que nem imaginaram que aquela situação era na verdade, uma emboscada!

De repente, a Legião se viu cercada pelo Exército Celestial de Castiel, formado tanto por anjos e os humanos recrutados por ele!

Mas ele mesmo não estava no campo de batalha, o que foi muito estranho...

Não importa, Lâmia não iria se dar por vencida e ordenou que seu exército lutasse com toda a sua fúria. A mesma coisa, fizeram os guerreiros do outro lado. Era uma verdadeira batalha hercúlea. E para deixar a situação mais difícil, uma onda de cataclismas começa a acontecer, chuva de pedras e fogo misturado com sangue atinge o solo, queimando tudo e a todos. O Sol se torna negro, as estrelas caem do céu, trovões e terremotos ribombam.

Desesperada, Lâmia revela sua verdadeira face. Ela se torna um gigantesco um dragão vermelho. Mas por mais que ela fosse poderosa, não era párea para a Armada de Arcanjos, amigos de Castiel.



Após uma sangrenta batalha entre o bem e o mal, a Legião é derrotada e Lâmia é presa e derrubada com as correntes angelicais. E como o prometido, os humanos que lutaram ao lado dos anjos conseguiram ir para o céu.

Enquanto ainda permanecia deitada no chão, Lâmia somente ouviu passos. Para a sua surpresa, eram de Castiel.

— O que faz aqui? E aquela conversa de voltar para a sua solidão e deixar os humanos para lá? Era tudo mentira?

— Não. Como você mesma me disse, eles estavam comigo por interesse. Eu contei isso para eles. Então decidiram lutar por interesse. E então eu resolvi fazer o que eu sempre fiz, não me intrometer e somente observar.

E deu certo!



## TEMPO DE AMAR E TEMPO DE ODIAR – ECLESIASTES 3:8

Ana Plá

**M**ais uma manhã fria e nublada marcava o mês de dezembro em Porto Alegre. O clima (para dizer o mínimo) incomum havia não só sido tópico frequente de diversas conversas de elevador ao longo dos 21 dias deste estranho acontecimento, mas também caso de estudo de centenas de meteorologistas que observavam em choque o fenômeno que se repetia ao redor do mundo. Porém, por mais peculiar que fosse a situação climática do planeta, onde até mesmo países tropicais encontravam-se encobertos de nuvens tão cinzas e densas quanto fumaça industrial, a mídia não hesitou em encontrar um bode expiatório, o tão odiado aquecimento global, e rapidamente voltar o foco popular ao Natal.

Henrique, no entanto, pressentia que algo estava acontecendo. Seu estômago estava há muitos dias embrulhado, e por mais que o rapaz tentasse se convencer de que o culpado para seu mal-estar era o sanduíche de mortadela vencida que encontrou em sua geladeira, sabia que aquele sentimento era algo mais forte do que apenas uma dor de barriga que poderia ser resolvida indo ao banheiro.

Enquanto o jovem rapaz observava o movimento da capital rio-grandense debruçado em sua janela, imaginou o que se passava na cabeça das pessoas que conseguiam simplesmente seguir suas vidas normalmente, indo ao trabalho para assim, poder comprar presentes caros demais para pessoas que provavelmente já tinham coisas demais. Contemplou como a vida humana é pequena, mas, ainda assim, grandiosa, especialmente quando encontramos outra pessoa para compartilhá-la. Pensou também, ao mirar o céu escuro e melancólico, que talvez, a mãe Terra estivesse tentando avisar a raça humana sobre algo, uma premonição da gigantesca mudança de ventos que deixaria a sociedade de pernas para o ar; mas em seguida, pensou que talvez tudo isso fosse, de fato, apenas um efeito meio contraditório da destruição da camada de ozônio e que ele realmente deveria parar de ingerir qualquer comida que claramente não cheirasse como comida.

Do outro lado da cidade, Ricardo também alimentava suas dúvidas sobre a natureza do caso climático, que, de acordo com seus pais ortodoxos, era certamente uma obra astuta de Satanás em uma tentativa de impedir a celebração do nascimento de nosso senhor e salvador Jesus Cristo. Para o garoto, que com 18 anos já nutria um senso de discernimento maior que o de certos adultos, nem todas as coisas que aconteciam eram planejadas e arquitetadas cautelosamente pelo Cão tinoso, Sete Pele, Mochila de Criança ou qualquer outro nome utilizado pela sua mãe para falar de Lúcifer na presença de seu filho. Em sua mente, ainda livre das crenças cristãs de sua família, algumas coisas simplesmente aconteciam, e para ele, isso já bastava. Pessoas se apaixonavam, decidiam seu futuro, suas carreiras e seus hobbies, sem qualquer intervenção divina. Afinal, a única coisa que algum dia recebeu graças a Igreja foi um nome do meio constrangedor e centenas de conversas sobre a importância de casar-se com uma boa mulher, uma ideia completamente distante do que desejava para sua vida.

Por isso, não foi exatamente uma grande surpresa para os dois rapazes quando exatamente as 09h59min do dia 21 de dezembro o Sol apareceu. Começando com um pequeno feixe luminoso escapando de um único ponto do céu e rapidamente tornando-se um holofote em dimensões astronômicas. Por aquele único minuto, pareceu que todos olharam para o céu, agradecendo mentalmente a São Pedro pelo retorno do clima agradável do verão gaúcho, e em seguida, prepararam-se para seguir suas vidas normalmente. Logo, foi realmente chocante quando exatamente as 10h00min do dia 21 de dezembro seres semelhantes a humanos, portadores de asas magníficas, distintas de qualquer outro par já visto pelos olhos do homem, começaram a descer do grande vão iluminado. Seus rostos dotados de traços delicados e singelos, que mesmo a distância eram perceptíveis, combinavam com seu tom de pele tão pálido quanto a neve. Vestiam tecidos que imitavam as vestes usadas pelos gregos, de maneira que a arrogância ateniense fosse substituída por uma humildade nobre.

Durante um breve segundo, tudo continuou normalmente. E tão rapidamente quanto um piscar de olhos, o caos começou. Gritos de desespero se juntaram a um coro formado pelo sinfônico barulho dos berros que entoavam “amém”, “glória” e principalmente “que porra é essa”. A cidade parou completamente, sendo dominada por uma mistura de

sentimentos intensos demais para serem descritos. Avenidas inteiras engarrafadas por quilômetros, casas com as janelas escancaradas e trabalhadores apressados parados imóveis na calçada, cada habitante com seu olhar voltado aos céus tentando compreender a magnitude do que estava acontecendo.

Os seres, porém, continuaram inabalados, observando tudo com uma expressão ilegível, alguns a interpretaram como “uma calma interior digna dos seres mais iluminados” enquanto outros poderiam jurar que o sentimento visto nos olhos daqueles seres era a mais pura ira. Ao fim da comoção, em um gesto sutil, o ser que parecia ser o líder da legião levantou sua mão direita a altura de seu peito, encostando onde estaria seu coração.

Ao redor da cidade, milhares de pessoas sentiram aquele toque em seu próprio corpo. Cristãos que viveram sua vida de acordo com as normas da Bíblia sentiram em seus corações um tipo diferente de amor. Não era o amor caridoso e solidário que leram no Novo Testamento durante toda as suas vidas, era o amor impiedoso e violento que deveriam pregar sobre todos hereges. Em suas cabeças, uma voz ressoou. Uma voz que há muito não ouviam. Enquanto alguns ouviram a voz amorosa de sua falecida mãe, outros ouviram o tom sério, porém carinhoso, de seu pai que há muito desapareceu, alguns até mesmo escutaram a voz encantadora de seu parceiro que partiu cedo demais. O finado que lhes trazia o recado era diferente para cada um, a mensagem, entretanto, era universal.

“Poucos são aqueles verdadeiramente dignos da tarefa que agora vais receber. Poucos são os puros de coração, capazes de levar a mensagem divina aos quatro cantos do planeta e lutar contra o mal. Não há mais tempo para arrependimentos. O fim está próximo. Não tema, criança, pois bem-aventurados são os que tem fé. Não deixaras viver nenhuma feiticeira e nenhum descrente.”

Ricardo ouviu o comunicado em choque. Lágrimas escorriam livremente pelo seu rosto, enquanto escutava seu irmãozinho, que não chegou a completar 13 anos antes de morrer por uma infecção pulmonar, lhe dizendo que o mundo acabaria, e não de maneira pacífica. Era a batalha final e ele seria um soldado. Enquanto seus pais se abraçavam, no meio de um choro que mesclava alegria, medo e saudades, o jovem falhou em conseguir segurar o vômito que há algum tempo ameaçava sair.

Henrique também vomitava. Desta vez, certo de que seu enjoo não era causado por uma indigestão. Não sabia muito bem o que estava acontecendo, e apesar de incertezas sempre terem lhe causado um pânico terrível, o que realmente o perturbou foi a certeza de que a visão de anjos no céu não é um bom sinal quando se é ateu. Seu primeiro reflexo, após olhar pela janela e ver que os seres sagrados já haviam sumido, dando lugar a um belíssimo dia ensolarado, foi ligar para a única pessoa que ele queria ter ao seu lado. A única pessoa de quem precisava.

Mas antes mesmo que sua mão chegasse em seu bolso para pegar o celular, sentiu seu corpo estremecer. Suas costas se enrijeceram e cada fio de cabelo em seu corpo se arrepiou ao sentir uma mão repousar sobre seu ombro. Não foi um toque agressivo, mas, ainda assim, era firme e, com certeza, não era humano. Em sua cabeça, Henrique já havia se dado conta de quem estava ali e por qual motivo, todavia, seus olhos clamavam pela certeza. Lentamente, o jovem virou-se, pouco a pouco, até abrir os olhos e se deparar com uma bela mulher, usando um vestido vermelho e longo, que reluzia de maneira semelhante a chamas. Seus cabelos, tão negros quanto seus olhos, corriam até seus quadris e sua boca estava pintada perfeitamente de uma cor que se assemelhava ao vermelho profundo do sangue.

— Tem fogo? — Perguntou a figura misteriosa, em sua fala havia um tom de seriedade e pressa, que refletia perfeitamente com seu olhar tenso.

— Sim. — O rapaz teve que forçar a palavra a sair. Estava assustado o suficiente para urinar em sua própria calça, porém, não queria parecer um covarde na frente de um demônio, então apenas lhe entregou o isqueiro branco que mantinha na bancada de sua cozinha.

— Eu irei direto ao tópico, ainda tenho algumas visitinhas a fazer e você não me parece estúpido. — A bela dama acendeu seu cigarro com rapidez, como se já lhe fosse prática. Tragou apenas uma vez e continuou. — Provavelmente você já percebeu que algo está acontecendo, algo grande. Ao contrário dos anjos, nós, demônios, não gostamos de joguinhos, entradas triunfais e chantagem emocional, então serei rápida. O fim dos tempos chegou, ótimo, não é mesmo? E você, por algum motivo que eu realmente não me importo, não foi escolhido pelo grandão lá de cima para lutar ao lado dele, então, é por

isso que eu estou aqui. Alguma pergunta? Não é como se você tivesse muita escolha, de qualquer jeito.

Henrique, novamente, sentiu vontade de vomitar. A ideia de ser convocado para lutar ao lado de demônios era absurda. Digna de um pesadelo resultante de um filme de terror de baixo orçamento. Impossível. Algo tão incompreensível que a única maneira de não enfartar ao fantasiar tal cenário involuntariamente era desmaiar. Então, foi o que ele fez.

Ao acordar, notou que o Sol já havia se posto há, pelo menos, algumas horas e que a noite seria de Lua cheia. Primeiro, notou o cheiro de carne queimada, e em seguida, soube exatamente de onde vinha, ao sentir um ardor insuportável em sua testa. Encostou seus dedos no centro de sua cabeça, com medo de encontrar a confirmação para o diálogo mais apavorante de sua vida. Pode sentir a ponta de seus dedos queimarem, como se tivesse encostado em uma panela fervendo. O espelho apenas lhe afirmou novamente, sua pele havia sido marcada a ferro, e o símbolo não era nada simpático: 666. Por alguns minutos, enquanto encarava sua reflexão não espelho, não pode fazer nada além de se perguntar qual teria sido o pecado que cometeu, tão imperdoável e brutal, que o tornou indigno de perdão? Em que momento foi abandonado?

Novamente, pensou na chamada que precisava fazer. Porém, considerou novamente e soube já ser tarde demais para apenas conversar. Com um capuz sobre sua cabeça, subiu em sua bicicleta e correu por entre os carros abandonados nas ruas. A maioria das casas estava com suas luzes apagadas, e as únicas pessoas que circulavam pelas ruas escuras possuíam a marca satânica em suas testas.

Após longos minutos esgueirando-se por bairros vazios e mal iluminados, Henrique finalmente encontrou-se em frente à casa de Ricardo. Ignorando a tremedeira que tomava conta de seu corpo cansado, tocou a campainha. Cada segundo sem resposta era um novo medo, uma nova paranoia. Será que ele também estava marcado? Teriam os pais deles descoberto tudo?

Quando estava prestes a tocar a campainha novamente, sentiu um alívio passageiro tomar conta de seu corpo ao ver seu melhor amigo e amante abrir a porta. Estava bem. Sem marcas. Queria o abraçar, o beijar, dizer que finalmente poderiam viver seu amor sem temer o amanhã, afinal, não havia garantias de

que viveriam nem ao mesmo a próxima hora. O alívio, em poucos segundos foi substituído gradualmente por uma angústia terrível. Sua ilusão durou o suficiente até perceber que havia um motivo para o homem que amava não estar marcado.

— Isso não faz sentido algum... — murmurou Henrique, segurando o choro e tentando manter sua respiração constante, na tentativa de evitar entrar em pânico frente a realização de que ambos estavam em lados opostos da guerra.

— Nunca fez. — A face de Ricardo, um dia dotada de um sorriso leve que havia despertado paixão em seu amigo, agora exibia uma expressão extremamente séria, com olhos que transmitiam uma raiva tão profunda que parecia vir de um lugar de tristeza. — Eu queria poder dizer que sinto muito.

Então, tudo ficou preto. Henrique só era capaz de sentir o sangue quente subindo a sua garganta e escorrendo lentamente pela sua boca. Seu coração parecia nem ao menos estar ali. Não sabia dizer o que doía mais, qual dor era devido ao tiro e qual à decepção. As duas vieram juntas, de uma maneira tão forte e poderosa que parecia tolice pensar que algum dia considerou que sua história romântica teria algum outro final, senão, trágico. O garoto, inocente, esqueceu que as leis são as mesmas na Terra e no céu: vale tudo no amor e na guerra.



**O** versículo 16 do livro de Apocalipse, em seu terceiro capítulo, rejeita aqueles mornos de fé, abraçando apenas os quentes e os frios; aqueles que dedicaram a vida a crenças, ou que as negaram com a certeza de serem apenas uma maneira de controlar e manipular a mente de seus seguidores. Os crentes repudiando a ideia de alguém não sentir a óbvia existência de entes celestiais, e os descrentes não conseguindo compreender como alguém pode ter uma fé cega em algo que jamais fora comprovadamente visto. O certo e o errado nestes dois casos, o quente e o frio, depende apenas de ponto de vista. A terceira vertente, os mornos de fé, abrange aqueles que não querem acreditar em uma ideia divina pré-constituída, mas também não descartam a possibilidade de uma força superior existir.

Micael fazia parte deste terceiro grupo.

Ele vivera a vida toda ao lado de familiares religiosos, rodeado de orações, bíblias, rosários e, naturalmente, fora obrigado a cumprir os deveres doutrinários que lhe foram impostos. Nunca vira, porém, significado em abraçar crenças que lhe forçavam a seguir regras rígidas de adoração, como ter dias e horas marcadas para cultos e rituais. Conviveu diariamente com familiares se arrumando, pondo suas roupas mais finas e seus melhores perfumes para passarem horas ouvindo os mesmos sermões, sendo lembrados de que precisavam ser bons. Por isso não foi surpresa para Micael quando sua família fora visitada por anjos.

Anjos. Figuras tão santas quanto suas representações expostas nos vitrais das igrejas. Das costas brotavam exuberantes asas, cobertas por penas tão claras quanto a fé dos visitados. O corpo era coberto por um tecido igualmente branco, tão delicado e suave que se confundia com seus próprios corpos celestiais. Nos braços, se entrelaçavam véus azuis e brancos. Carregavam cajados, báculos de madeira ornamentados com cruzeiros e folhas de ouro e prata. O rosto, que mesclava tanto traços femininos quanto masculinos, era coberto por uma espécie de elmo prateado, com uma grande cruz entalhada em seu frontão; pequenas asas douradas estampavam as laterais.

Micael estava junto de sua avó quando fora visitada. Se aproximava do meio-dia quando as nuvens, tão claras e suaves, de repente tornaram-se massas negras e carregadas. O chão começou a tremer, e todos ficaram desesperados. O asfalto começou a rachar e as calçadas a se soltar, logo revelando uma chama incandescente emergindo do submundo. Sua luz revelava, àqueles que conseguiram parar por algum instante para observar, garras buscando espaço na superfície. Em poucos instantes, criaturas — verdadeiros monstros — começaram a rastejar por entre os humanos.

Demônios. Seres abissais que, em seu prazer visceral, não faziam cerimônias para enfiar as garras nas entranhas do primeiro que cruzasse seu caminho. Um desses, enquanto lambia o sangue quente entre os dedos, avistou Micael e sua avó, paralisados, e disparou em sua direção. Avançou como um cão faminto, os braços impulsionando o corpo com o apoio das patas traseiras. As presas se projetavam da boca, prontas para o ataque. No instinto de protegê-la, o neto pôs-se em frente a avó, que chorava em desespero. Com os olhos cerrados, ela repetia preces e cuspiu nomes de santos. De olhos igualmente fechados, Micael aguardou o bote.

Foi quando uma luz forte e azulada lhe clareou as pálpebras. Ele abriu os olhos lentamente, acostumando-se com a luminosidade, e viu-se cercado por uma espécie de cápsula de luz. Do outro lado, viu o demônio caído, repartido em dois, e concluiu que a cápsula o salvara bem a tempo. Olhou também ao seu redor, e testemunhou outros focos de luz espalhados pela rua, vindos do céu. Voltou o olhar para cima e viu, então, um corpo descendo do alto, pousando graciosamente sobre o pedaço de chão envolto pela luz azulada.

Ele... Ela... Afastou Micael com a mão que carregava o cajado. Aproximou-se da avó e a deu permissão para encará-lo. A avó abriu os olhos marejados com tanta calma quanto o neto, e testemunhou a figura celestial que estava em sua frente. Era alta, imponente, mas, ao mesmo tempo, doce e graciosa. Ela reconheceu a silhueta no mesmo instante e caiu de joelhos, desviando o olhar e iniciando uma nova onda de orações.

O anjo pôs a mão sobre o ombro da mulher.

— Não tens porque prostrar-se Ana Helena, filha de Glória e Élcio — disse numa voz ecoada e suave. — Por toda

a vida crestes em mim, meus irmãos e meus senhores, e hoje serás recompensada por tua fé.

Ela pôs-se em pé, o rosto encharcado.

— Um novo conflito está por vir — continuou —, a Batalha Final que decidirá o destino da humanidade e do universo, que tingirá os céus de vermelho, escurecerá as nuvens e incendiará o solo. Criaturas profanas estão deixando seus abrigos infernais, violando o balanço que fora estabelecido entre anjos e demônios. Não somos suficientes para impedi-los. E tu, de ardente fé, estás convocada a lutar do lado daqueles aos quais sempre fora fiel.

— Mas estou velha, e não tenho nenhuma habilidade que possa lhe ser útil — disse a mulher ao anjo, olhando para as mãos fracas e braços frágeis.

— Não te preocupes. A ti será dada força para servir como nunca pudera antes. Precisamos de tua fé inabalável ao nosso lado.

Tal qual Maria ao dia da anunciação, a mulher consentiu sem muito hesitar. O ente celestial projetou sua mão sobre os ralos cabelos brancos de Ana Helena e derramou sobre ela a força da juventude. A equipou com trajes celestiais, e a banhou com os poderes semelhantes à de um anjo.

Os olhos de Micael estavam vidrados, a cabeça latejava. Tudo aquilo era impossível demais para assimilar de uma única vez. Anjos existiam, demônios existiam, a Batalha Final estava a caminho. Tudo o que renegara a vida inteira revelou-se diante dele em uma fração de segundos. O anjo apoiou a mão no ombro de Micael, e por ele percorreu um arrepiou que nunca sentira antes. Ele encarou o próprio reflexo no elmo prateado do anjo. Então um clarão explodiu em seus olhos, e tão rápido quanto surgiu, se dissipou.

Ele estava sozinho.

O chão destruído já não mais brilhava. Os demônios que atacavam as pessoas haviam sumido. O céu, porém, continuava escuro, e uma fina chuva começava a banhar a Terra. Micael olhou para cima numa tentativa inconsciente de encontrar a avó atravessando os céus. Tudo que conseguiu foi que algumas gotas caíssem em seus olhos. No cenário a sua volta poucos restaram, e estes agora caminhavam a esmo por

entre corpos dilacerados, como se em um transe profundo. Ele não viu outra opção a não ser fazer o mesmo.

Após algumas horas, suas pernas bambearam e cederam, pondo-o de joelhos. Passara a vida negando a existência de tais criaturas. *São apenas parte do imaginário popular, pensava, figuras míticas criadas para guiar a índole humana.* E então pensou na mão que o anjo repousou sobre seu ombro. Um toque de compaixão, que dizia que, para ele, não haveria espaço no exército celestial; um elo fraco — morno de fé — pode comprometer toda a corrente. Um toque de pena.

Sentiu o mesmo arrepio que o invadira horas atrás. E então começou a gargalhar. Riu, até os pulmões doerem. Gritou, chorou, mas não conseguia parar de gargalhar. Uma risada gutural, insana. Riu tanto que ignorou as pessoas que passavam sem rumo à sua volta. Líderes religiosos passavam com suas bíblias sob os braços, jovens tropeçavam com seus olhares perdidos enquanto outros corriam de um lado a outro com seus crucifixos balançando no pescoço. E quando Micael já havia gargalhado tudo o que achava possível, riu mais um pouco.

Riu até que o chão ardesse em chamas, as nuvens escurecessem e o céu se tingisse de vermelho.

# TRAPAÇA

Gabriela Vitalino

**Q**uando chegou o dia do juízo final, Pedro estava limpando a calçada da sua casa. Um ser iluminado apareceu diante de seus olhos e, como por milagre, uma trombeta tocou ao fundo. A sujeira se espalhou novamente com a chegada do desconhecido. A criatura lhe deu a boa nova. Disse que com o apocalipse tudo seria melhor; chega de sofrimento e violência e fome e destruição do mundo. Mas, que, para isso, era preciso sacrifício. Que o Senhor precisava limpar essa Terra infértil e precisava de soldados bons e leais. Assim como ele.

Honrado por ter sido escolhido, decidiu entrar na batalha santa que acabara de começar. Correu para a igreja do bairro, crendo que ali mostraria seu valor, ou provando algo. Lá, havia um grupo remanescente de pessoas que se abrigavam da confusão que acabara de se instalar do lado de fora. Havia alguns gritos, sons histéricos, choradeira e, acima de todo o barulho, uma gargalhada perturbadoramente alta.

Escondido na igreja, sem saber bem o que fazer, conheceu as pessoas que estavam ali. Diana, uma idosa; Malu, outra idosa; Adriana e Sara, mãe e filha; e Josias, o padre, que ele nunca havia visto antes porque não frequentava aquela igreja.

O grupo, abalado, ficou em alerta, até os barulhos irem diminuindo e o silêncio tomar o lugar do caos. Passadas umas boas horas, a criatura de luz reapareceu. Os outros pareciam também ter sido visitados por ela antes.

Contou que a situação estava ruim. O outro lado estava ganhando uma força surpreendente e os campos de batalhas se dissolvendo. Havia pessoas mudando de lado durante o conflito. O ser alertou que mesmo contra seus pais, irmãos ou filhos, era preciso manter-se firmes, pois o sacrifício pelo que se acredita é recompensado pelo Senhor.

Tomados por uma coragem feroz, o grupo saiu igreja afora, rumo ao conflito. Pedro pôde observar de longe humanos enroscados uns aos outros. Alguns lugares pegavam fogo. Por cima do campo de batalha, havia seres iluminados, azuis e brancos, que assistiam a tudo aquilo.

O mundo, como pertencia aos humanos, deveria estar na mão deles. Seres celestiais não poderiam intervir. Poderiam apenas guiar. Mostrar um caminho a seguir. Apresentar-lhes o bem, ou o mal.

Uma garota usando um *piercing* partiu para cima de Pedro com tal fúria que ele teve de reagir. E assim aconteceu novamente com ele, e com os outros, de modo que já havia percebido que a melhor proteção era o ataque.

O mundo estava caótico e havia crianças possuídas ao redor da batalha, mexendo nos corpos no chão. Aquilo deu calafrios em Pedro. Não queria ser apenas um corpo. Pensou em sair dali. Então, lembrou-me da fé que deveria ter. Para um juízo final, tinha que se provar para a vida eterna. O terreno não estava mais em jogo. Sua alma era boa demais para padecer eternamente.

Avistou uma grávida fugindo de alguém e decidi que iria ajudá-la. A protegeu do malfeitor e a tirou do meio da confusão. Cansados, sentaram atrás de um carro e choraram. Não era assim que esperavam que fosse o fim dos tempos. Queriam arrebatamento, anúncios, talvez um julgamento; nunca uma morte em uma guerra.

Uma das crianças possuídas se aproximou com um sorriso macabro e quis tocar a barriga da mulher. Ela se protegeu correndo o máximo que podia. Então, Pedro escutou novamente a gargalhada sinistra. Espiou o caos no campo-batalha-santa. Viu as idosas caídas no chão. A mãe lutando contra a filha. O padre estava escondido, observando de longe, assim como ele.

Os barulhos de lamento e fúria estavam ensurdecedores. Queria ajudar a grávida, mas a havia perdido de vista. Suplicante, olhou para o alto e, com a visão ofuscada pelo brilho, identificou que a gargalhada vinha dali. Dos anjos azuis. Demônios.

Empalideceu no instante que em uma lança transpassou em seu peito. Estivera do lado errado. O anjo de luz que o visitou agora se regozijava com seu sofrimento. Havia sido enganado pelo Pai da Mentira, ou por um dos filhos dele.

Olhou aquela gente se matando e quis pedir que parassem, mas não se sentia mais capaz de fazer absolutamente nada. Descansou a cabeça no chão, olhando para o céu, desejando ver uma luz branca que o levasse, enquanto as crianças possuídas vinham até o seu corpo. Agora já sem vida.

# VELHO ACORDO

## Diego Mendonça

**H**á muito tempo Dinael não visitava o reino terreno para glorificar a obra do Criador com os próprios olhos, e ficava terrivelmente entristecido em saber que também seria a última vez que visitaria a Terra antes do momento final. Aquele lugar, de cima a baixo, estava maculado pelo acarretamento de pecados vindo do pecado original; via a ganância, a luxúria e a inveja como os três grandes problemas daquela sociedade humana ter se tornado o que se tornou, os outros pecados capitais eram uma extensão do glamour e vaidade de Lúcifer. Deus deu aos humanos a benção do livre arbítrio, e assustado com a terrível visão de prédios tão maiores quanto a extinta torre de Babel, Dinael agradeceu por nunca ter sido posto em tentação. Se tivesse sido posto em oferta, teria aceitado o livre arbítrio, fazer o que lhe dá vontade. Mas então checando com os próprios olhos o horror que isso fomentou, achava estar muito melhor ao lado do Pai, seguindo os seus comandos e suas vontades.

Dinael não conseguia crer, aceitar que o mundo em breve chegaria ao fim, mas não mais quanto estava chocado ao ter a revelação do Anjo arauto de Lúcifer. Diante do irmão Zanar, aceitou a decepção de saber que precisaria tratar dos pormenores do Apocalipse com o irmão que uma vez fora o Anjo que tivera maior afinidade no paraíso.

Esplendoroso e belo, Zanar pairou com suas asas de luz e cintilou uma reverência para Dinael, qual também nutria fervorosa afeição, embora igualmente decepcionado por ter de tratar de tais assuntos com o irmão favorito.

— Olá, irmão. É uma surpresa que tenha vindo em tão boa forma. O inferno não lhe fez mal como pensei que lhe faria. Na verdade, ainda me parece o mesmo — disse Dinael, uma amostra genuína de cordialidade, embora Zanar tenha claramente se irritado com o comentário.

— É o que nosso Pai fê-lo acreditar, irmão. Deus disse-lhe que o inferno é um horror com lavas pulsantes, gritos de agonia e perversidade? Um lugar que precisamos de almas

humanas para nutrir nossa essência angelical e permanecer belos e divinos? Não, irmão. Não. Ainda sou um Anjo, igual a você. Todos nós somos, Lúcifer ainda é um igual a você, não, retiro isso, ele é muito maior que você, que todos nós angelicais. Só que para nosso Pai somos Demônios, filhos que lhe deram desgosto, pois discordamos de todos os “conselhos sábios” gratuitos que nos fazia aceitar na marra, mesmo estando indubitavelmente errado.

— Não blasfemais contra o nome de Deus, irmão!

— Ou o quê? Deus me banirá do paraíso? Acho que já passei por isso, Dinael, e não foi tão ruim assim. E sabe o que é mais engraçado? Estamos aqui, neste instante, no alto deste arranha-céu para tratar do fim do mundo; um mundo que nós, “Demônios”, ou “Anjos Caídos” se preferir, começamos. Deus é um tolo sentimental que não aceita ser contrariado.

— Novamente terei de pedir para ter tento na língua irmão, ou esta conversação será insustentável.

— Está bem, vou tentar não usar de ofensas nem tampouco o sarcasmo, mas o que disse ainda assim é uma verdade. Inferno, Dinael? O mundo humano é um inferno para você? Porque quando caímos do paraíso, foi aqui que caímos, Lúcifer começou o mundo que vê, e para mim parece bem próspero. Por isso nosso Pai quer o Apocalipse, foi por isso tratou do velho acordo com Lúcifer sobre levar todas as almas para Ele. Ele não aguentou ver que Lúcifer prosperava sem os Seus comandos sábios e divinos, não aguentou...

— Prosperou? — Dinael estava impressionado como Zanar havia sido manipulado pela mente horrível do primeiro que o Pai fez nascer; Lúcifer era bom em persuadir os irmãos de mente fraca, e Zanar claramente eram um destes. — Olhe para o lado irmão, olhe para o mundo que você vive. Se este mundo parece próspero com guerras, doenças, fome, morte em demorado, eu não quero saber o que é ruína. Para mim esse mundo falhou miseravelmente.

— Faz parte dos planos de Deus.

— Um mundo que vocês servos regeram. Estava sob suas responsabilidades controlar o que acontecia aqui. Deus deu o livre arbítrio para os humanos, lembra? Mas vocês quiseram também, quiseram para ser como eles... Se estamos aqui a ter



essa conversa sem sentido, isso tudo é culpa de vocês, Anjos Caídos. — Dinael lamentou.

— Era o que você faria, irmão? Teria a sociedade humana sob a sua responsabilidade?

— Sim, era o que eu faria, governaria esse mundo para não chegar ao fracasso em que chegou.

— Então por que não se opôs ao nosso Pai quando teve a chance?

— Porque o meu dever não era esse, não era o que Ele queria.

— E o que você quer?

— Não cabe a mim querer nada.

— Mas você quer, sempre quis, sempre irá querer. É a natureza de qualquer criatura criada por nosso Pai. Imagem e semelhança, lembra? Você quer fazer suas vontades porque Ele quer fazer as próprias vontades.

— É o que Lúcifer fê-lo acreditar?

— Não. Não tem nada a ver com Lúcifer, tem a ver com nós, nossas almas, nossos corações. O coração não mente Dinael. Se sou um Demônio, então isso significa que tenho mais coração que você. E isso é triste, o fato do meu irmão favorito não me compreender.

— Eu o compreendo, Zonar, compreendo-o mais do que imagina, mas não preciso aceitar isso. Nosso Pai sabe o que é bom para nós, sempre soube, e quero ficar do lado disso. Para que correr riscos com o livre arbítrio quando se pode ter a segurança e o conforto de saber que está tudo bem?

— Você é hipócrita, irmão, e mente muito mal. Sua expressão facial demonstra isso, mas tudo bem, é o seu código de honra, e isso eu respeito, tal quanto admiro.

— Essa conversa nunca terá fim, percebo; podemos ficar aqui martelando quem está certo e quem está errado, nada mudará. Nada vai ser como antes.

— Graças a Deus.

— Seu humor é genuíno, irmão, mas não deveria usar o nome de Deus em vão. Ele lhe deu a vida, sem dúvidas pode lhe tirar.

— Mas não irá, tirará a vida humana. Porque o humano é o brinquedo favorito de nosso Pai, o mais fácil de moldar, o mais suscetível aos comandos de outrem. Foi assim que o pecado original nasceu, o pomo divino, Adão e Eva.

— Um pecado que não teriam cometido se não fosse por Lúcifer.

— Nisso não posso discordar.

— É claro que não pode. Não fosse isso, tudo estaria bem agora, apesar de terem sido banidos do paraíso. Nós no paraíso, vocês aqui...

Zanar achou o comentário curioso, e isso instigou-lhe uma pergunta:

— Diga-me irmão, achas que o livre arbítrio é o quê?

— É uma pergunta subjetiva, há muitas respostas para isso.

— Pensa que é uma doença, que se espalha como a peste? Que as decisões são tomadas e irremediavelmente não dá para voltar atrás, como uma bola de neve?

— É um pecado, uma perversão.

— Não, irmão, não. As pessoas fazem perversidades e costumam conjecturar o maligno porque não é um ato impulsivo ou muito menos único, o mal é cerne de uma criatura de Deus, sempre foi, e a criatura de Deus está sempre em constante conflito consigo para não cruzar essa barreira. Quem é maligno não é maligno apenas uma vez, mas várias, é natural de si. Você olha para a sociedade humana lá embaixo e enxerga a podridão, o fiasco, mas há alegria, há pureza, há beleza. Deus foi quem criou, e isso agradeço muito ao nosso Pai. Fez um trabalho e tanto. O mundo não é dicotômico, há muito mais coisas entre o céu e o inferno que possa imaginar.

— É um discurso bonito, é mesmo muito inteligente irmão, todos vocês que caíram, e isso não é nenhum gracejo, vocês veem o mundo de uma forma diferente, mas eu já dei o meu ponto de vista. O Pai sabe o que faz e permanecerá com ele até o fim dos tempos.

— Eu chamo isso de fé cega, irmão.

— Fé cega seria se eu estivesse vendo todas essas nuances e vieses e fingisse não acontecer, aliás, nosso encontro é

o resultado de todos esses caminhos tortuosos desde o primeiro domingo em que nosso Pai criou Lúcifer.

— “E que haja luz” — Zonar parafraseou. — Lembro dessa história. Sinto saudades de nosso Pai.

— Ele também sente saudades de você, Zonar. De todos vocês, está sempre triste, chateado, lamentando o quanto vocês falharam com ele.

— Claro, nós falhamos com ele, jamais vice-versa.

— Jamais. Como eu disse, ele sabe o que faz.

— Claro que sabe, Dinael, o Apocalipse vai acontecer afinal, um modo de dar fim aos humanos, a obra perfeita. Ele “planejou” isso, que teria que dar fim a sua obra perfeita.

— Sua blasfêmia me faz querer terminar essa conversa imediatamente, irmão. Eu queria ter uma conversa saudável com você, mas não consigo, que tal irmos aos negócios?

— Como pode dizer que quer ter uma conversa saudável comigo ou que quer terminar essa conversação? — Zonar sorriu, sarcástico. — Você não tem livre arbítrio para querer tal coisa. Não de acordo com as leis de Deus.

— É modo de falar, mas podemos ir ao que viemos, ou vamos passar a eternidade nessa conversinha vã?

— Claro, certamente, não pretendo ficar aqui por mais tempo, embora tenha sido muito bom vê-lo, Dinael.

— Também aprecio tê-lo visto, Zonar, apesar de sua incrível tagarelice.

Zonar soltou uma gargalhada.

— Pois bem, vamos aos conformes...

— O velho acordo ainda está de pé?

— Direto. Gosto disso. Sim, irmão. Lúcifer vai honrar o acordo, vamos ajudá-los a condenar as almas humanas no dia do juízo final, para então o mundo ser inteiramente nosso, dos Anjos Caídos.

— Exato, mas passarão a ser mortais, não se esqueça disso. E Lúcifer, no entanto, continuará aqui, mesmo depois que vocês morrerem, condenado a governar o inferno para toda a eternidade.

— Eu não esqueci.

— É uma pena que tenha que ser desse jeito, irmão. Saber que morrerá um dia me deixa triste.

— Eu não me entristeço, é o que eu sempre quis, ter a escolha de fazer o que eu bem quiser sem que ninguém me diga que não posso. Se eu tenho a opção de morrer, pode ter certeza que eu vou escolhê-la. Ademais, estou velho, cansado, Dinael. O mundo é belo, mas cansa, tudo cansa. Enquanto eu voltar ao cosmo para descansar, sem isso de Anjo, ou Lúcifer e Deus, você ainda estará aqui, prestando serviço, obedecendo, um arauto do evangelho sagrado, para sempre, e sempre. Tenho pena de você.

— Digo o mesmo... vou sentir sua falta...

Um silêncio. Do topo do arranha-céu daquela grande metrópole humana, ouvia-se os primeiros soares das trombetas celestiais.

— Então é isso. É o fim.

— É. Adeus. Espero que aproveite a escolha que fez, não sei dizer se é uma decisão sábia.

— Nunca é uma decisão sábia. Mas essa é a graça, escolher...

Zanar estendeu a mão para Dinael, ambos trocaram um forte aperto de mãos e antes de esticarem as asas de luz para partir, disseram:

— Adeus, Zanar.

— Adeus, Dinael.

## VERMELHO

Lia Medeiros

**V**ertendo vermelho, eu percebo que fui atingido pelas costas. E assim, sem mais nem menos, eu começo a cair. Tudo o que consigo ver acima é o céu, que também avermelhou-se; isso não era um bom sinal, significa que o mundo, como eu o conhecia, está morrendo. Eu sufoco, eu desejo morrer naquele momento, para que, pelo menos, minha dor finde antes que eu esqueça de como era o meu mundo.

O impacto da queda me atordoa e minha visão embaça. A adaga entra mais fundo e a dor faz com que eu vomite. Eu ouço gritos, eu vejo corpos desabando um a um, mas eu não sei mais dizer se são meus companheiros ou os meus inimigos.

— Kaliel, fique acordado. — diz uma voz inexpressiva, enquanto ergue e carrega meu corpo. É Gael.

Não sei para onde estamos indo, mas sei que ele está correndo. E a princípio fico assustado, pensando que ele deveria voar, mas não demoro a entender que ele pode estar ferido. Gael me deita em algum lugar frio e eu consigo vê-lo, consigo sentir minhas forças voltando aos poucos.

— O que está acontecendo?

— Você e eu estamos morrendo, Kaliel. — a forma como os anjos dizem essas coisas é assustadora de tão calma; eles nunca parecem sentir nada.

Eu não temo a morte, mas sim o que me aguarda do outro lado, sempre foi assim. Porém quando Gael e os outros anjos apareceram para mim, fizeram-me uma promessa: Se eu os seguisse, todos os meus pecados seriam perdoados. Eu conseguiria ir para o céu se lutasse ao lado deles. Era para lá que eu iria? Tudo ficou turvo novamente.

Gael estala os dedos à minha frente, me mantendo consciente. Pede-me para ter foco e aguentar mais um pouco. Os anjos não sangram, então eu não conseguia saber o quão ferido ele estava.

— Kaliel, atualmente eu não posso me salvar. Mas posso salvar você. Espero que use a vida que ganhará para acabar com os porcos do submundo que estão matando meus irmãos. Conclua a missão ou isso será em vão.

Eu quis negar, queria pedir que ele tentasse se salvar. Pois Gael me ensinou tudo o que eu sabia em combate, ele, com certeza, era mais valioso que eu para salvar o destino do mundo. Mas eu não tive forças para dizer nada. Tudo aconteceu muito rápido: Minhas feridas se fecharam, as asas do anjo à minha frente se desfizeram em luz.

Quando me dou conta, as asas do anjo eram agora minhas, elas tomam lentamente a cor de sangue, como que absorvendo minha identidade, a parte de mim que antes estava ali morrendo. Gael estava ali, morto em meus braços, com a mesma expressão calma de sempre. Eu não sabia o que fazer, sequer consegui chorar ou gritar. Como eu explicaria essas asas aos anjos? E a morte de Gael? Eu gostaria de dar a ele um enterro digno...

No fim, respondi todas as minhas perguntas com um ato desesperado: Peguei o corpo e saí voando em direção aos superiores, na esperança de ouvir deles o que eu deveria fazer.

Quando todo esse conflito começou, os anjos montaram uma base na terra; foi para lá que levaram todos os humanos convocados, concedendo-lhes treinamento de combate e conhecimento. Voo direto para lá, carregando com pesar o corpo de meu mentor.

Eu não sabia o que poderiam fazer comigo, não sabia se estavam tristes ou irritados. Afinal, os anjos não têm emoções, ou se tem nunca as mostram. No entanto, eles parecem saber o que havia acontecido no momento em que seus olhos caem sobre mim. Lágrimas escorrem quando um dos superiores tira Gael de meus braços e o leva para longe, mas logo outro deles se aproxima e me leva para uma sala que eu não conhecia.

— Você precisa entender, Kaliel, que o que Gael fez foi usar seu último recurso. E agora você deve assumir o lugar dele nas linhas de frente.

— Como assim? Eu... Eu não entendi nada, eu só de repente tinha essas asas e Gael estava...

A porta se abre e fecha rapidamente atrás de mim. Então uma voz imponente diz:

— Gael fez isso com você, pois são estas as ordens que um anjo deve seguir se achar que morrerá em combate: Ele o tornou num anjo vermelho, um híbrido entre anjo e humano, as asas vermelhas representam a união do divino com a carne. Você é agora a arma mais poderosa do céu.

Eu me viro, para ver que quem estava explicando isso era o general em comando dos anjos: Ezequiel. Ele me mostra o amuleto de Gael em suas mãos, era um colar de prata que ele sempre usava. O general o coloca no meu pescoço.

— Você pode vingar a morte do seu mentor e, agora, é capaz de encerrar essa guerra.

Isso me conforta. Pois eu sinto agora que sou capaz de fazer a diferença. Eu nunca fiz a diferença antes, não quando apenas um humano comum, tampouco como soldado servindo aos anjos. Agora sou capaz de orgulhar Gael e a mim mesmo.

— Me diga qual é o plano. Eu farei qualquer coisa.

Ezequiel me explica que anjos não possuem alma, e, por anjos vermelhos a possuírem, são superiores em força e energia. O plano é que eu devo ir para o campo de batalha ao amanhecer e emanar a energia para fora do meu corpo. Ele me diz que saberei como fazê-lo, pois é parte de mim agora. Ele também me instrui a não tentar fazê-lo dentro da base, pois é um recurso que causa destruição. Após me explicar tudo isso, ele me diz que vá me lavar e aproveitar o resto da noite para me preparar para o campo de batalha amanhã. Eu obedeço e, quando estou prestes a sair da sala, o general diz

— Gael estaria orgulhoso do que você está prestes a fazer, Kaliel.

Eu sorrio, mesmo sem entender porque sou tão importante para eles agora. Então me retiro para o quarto onde ficava com os outros soldados, agora praticamente vazio. Quem não está em campo de batalha está na ala hospitalar ou morto. Passo a noite lá, com a mente inquieta, evitando ter pena de mim mesmo.

O dia se ergue e eu acompanho os anjos, nós marchamos em formação e alçamos voo. Para alguém que nunca voou, é estranha a sensação do vento batendo no corpo e nas asas; uma sensação de que há algo maior te envolvendo e que essa coisa poderia te ferir, mas não o faz. Desde o começo da guerra, há de fato algo maior me envolvendo.

Nós sobrevoamos o campo de batalha, os demônios estão lá embaixo, saindo direto das fendas que abriram no chão. Suas formas são grotescas, os rostos perturbadores. Essas criaturas querem apenas o caos. Planamos o campo e a unidade se dispersa, o combate começa e como fui instruído, vou pra o centro do campo de batalha e me foco em fazer o que me foi pedido.

Eu pousei no meio do exército inimigo. Respiro fundo e sinto minhas asas se esticando, como se estivessem prontas para liberar tudo o que há em mim. Eu esperava que sentisse algo em um ponto localizado, mas sinto todo meu corpo queimar. Sempre pensei que nossa energia ficasse focada em um único ponto, mas agora vejo que ela impregna todo o nosso ser. Eu sinto essa energia aumentando dentro de mim, agora sim ela se acumula em um ponto, que vai crescendo até que eu a sinta no exterior. Estou em uma redoma de energia, foi isso que Ezequiel quis dizer quando disse que eu saberia fazê-lo?

A energia ao meu redor cresce exponencialmente. Todos no campo de batalha conseguem ver uma enorme redoma de luz, um brilho azul que lentamente se torna vermelho. Esse é o momento de eu fazer a diferença.

A esfera se torna em vermelho puro e então explode, varrendo grande parte do campo de batalha, sem deixar vestígios. Consigo sentir minha alma se fragmentando, estou morrendo mais uma vez, deixando de existir.

A ficha de que dessa vez ninguém vai me salvar cai, mas não estou com medo. Eu fecho os olhos, tentando aceitar o destino e eu me lembro do meu mundo, a coisa que eu queria salvar: A imagem de crianças brincando, a simplicidade de caminhar pelo sol ou simplesmente o fato de poder dormir sem medo de um demônio invadir suas casas. Eu ansiava por tudo aquilo mais uma vez. Mas agora acabou.

E mesmo depois de tanto tempo nesse mundo amaldiçoado, eu realmente acreditei que os anjos seriam a nossa salvação. No final, até o anjo que eu mais admirava só nos via como gado a ser abatido. Uma ferramenta para uma causa. Eu deveria saber desde o início.

*“Você é agora a arma mais poderosa do céu”, disseram.* Mas eu era, na verdade, uma bomba prestes a explodir. Um frasco de energia que eles estavam prontos para quebrar se fosse necessário. Eu não era o seu aprendiz, eu era apenas a



ferramenta de Gael, nada mais, nada menos. Eles disseram que o vermelho em minhas asas era a união entre a carne e o divino, mas, na verdade, era da cor do sangue que estavam prestes a derramar.

Foi por isso que me chamaram de anjo vermelho. No fim, eu voltei ao começo... Mas por alguma razão, a lâmina nas costas doía menos.

\*\*\*

Longe da explosão, Ezequiel sorriu:

— Humanos... Tão fáceis de manipular.



# FINANCIAMENTO COLETIVO

**E**ste livro foi produzido através de um financiamento coletivo. Sem o apoio das pessoas especiais que nos cercam, o trabalho para sua produção seria ainda mais árduo.

Registramos aqui nominalmente todos aqueles que contribuíram para a produção desse projeto:

Afonso Henrique Rodrigues do Amaral

Alec Silva

Alexandre Souza da Rosa

Alexandre Torres

Alice Antônia Escolastico

Alice Cristina Ensá

Aline Inês Sulzbach

Alinne Saraiva

Alison Vaz Rex

Amanda Grazziotin Favero

Ana Carolina Silva Chuery

Ana Kárita de Matos

Angela Molognoni de Paula

Antônio Juraci Reis

Atila Junior

Bárbara Kranz

Bruno Branco Pontarolli

Bruno Leonardo Serra Costa

Cândida Zanetti

Carina Barth

Carla Aguiar

Carlos Daniel da Silva Lima  
Carlos Henrique Barth  
Chaiani Sara  
Daia Schmidt  
Danton Pierret  
Diego José Ribeiro  
Dôga Daroit  
Carlos Henrique Barth  
Edinei Chagas  
Edson Junior Lima de Oliveira  
Eduardo Maciel Ribeiro  
Elisabete Inês Schmidt  
Ester Esteves  
Evalderiany Honorata  
Evandilson Costa Silva  
Fanoel Da Roza  
Flávio Santos  
Funeraria Mazzarino  
Gabriela da Silva Vitalino  
Gabrielly Monteiro  
Gerson Luis Peixoto Barbosa  
Gilberto Garcia da Silva  
Gladis Satiq  
Herrera F. Kaka  
Jardela EB  
José Wesley Silva Cabral  
Josi Azevedo  
Juliana Faveri Manoel  
Júlio Cesar Moser  
Layze Caroline Pinto Brandão

Leonardo Vieira Cervo  
Luana Possamai  
Lucas Assad  
Lucas Brunetto  
Luciana Brune  
Manon Pierret  
Maraline de Aquino paz  
Marcelo Pedroso  
Marcelo Soares de Lima  
Marcia de Lourdes Marques ortiz  
Marciano Livinalli Santin  
Margarete Teresinha Schmidt Diedrich  
Maria de Nazare Ribeiro Silva  
Mariele Dionisio  
Marta Maria Rocha de Matos  
Mikael Holanda Rodrigues  
Nanci Brune  
Patricio Evaldo Barth  
Patrick Cesar Santin  
Paulo Matheus Ferrari Mota  
Priscila Fortes Moraes  
Rafael Capaverde Bulla  
Rafael de Carvalho  
Rafael Gusmão  
Renata Possamai  
Rodolfo Lanius  
Roger Rieger  
Róger Travassos Lopes de Andrade  
Rovena Zanchet  
Sara Rejane Rodrigues Borges

Simone Beatris Schneider

Tainá de Aquino Oliveira

Thiago Surkus Forni

Tiago Luiz Bertotti

Tiago Rafael

Wilson Filho

Yago Rodrigues Monteiro

Equipe Cartola Editora



Este livro foi impresso para a Cartola Editora.

O papel utilizado no miolo foi o pólen 80 g/m<sup>2</sup> 1x1 e na capa o cartão 250 g/m<sup>2</sup> 4x1 com laminação fosca.